

DOSSIÊ DE TOMBAMENTO
CONJUNTO PAISAG[ÍSTICO
PARQUE JOSÉ SCHETTINO

2009/2010

MAR DE ESPANHA - MG

01. SUMÁRIO

1. Introdução	05
2. Histórico do Município	07
Contextualização do bem no município	45
3. Histórico do Bem Cultural	49
4. Descrição e Análise do Bem Cultural	59
5. Descrição do perímetro de tombamento do bem	65
5.1 Justificativa do perímetro de tombamento do bem	66
5.2 Representação Gráfica do perímetro de tombamento do bem	67
6. Descrição do perímetro de tombamento do entorno	69
6.1 Justificativa do perímetro de tombamento do entorno	72
6.2 Representação Gráfica do perímetro de tombamento do entorno	73
7. Diretrizes de intervenção / preservação	75
8.a. Documentação Cartográfica	83
8.b. Documentação Fotográfica	89
9. Fichas de Inventário do bem tombado (CP)	105
10. Laudo Técnico (CP)	113
11. Referência documental e bibliográfica	149
12. Ficha Técnica	153
13.a. Parecer Técnico	155
13.b. Parecer do Conselho	157
14. Ata do conselho / Tombamento provisório	159
15.a. Notificação / Tombamento provisório	161
15.b. Recibo / Tombamento Provisório	162
16. Ata de tombamento definitivo	163
17.a. Notificação de tombamento definitivo	166
17.b. Recibo / Tombamento definitivo	167
18. Decreto de tombamento definitivo	168
19. Inscrição no Livro de Tombo	169
20. Publicação	170

10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	
32	
33	
34	
35	
36	
37	
38	
39	
40	
41	
42	
43	
44	
45	
46	
47	
48	
49	
50	
51	
52	
53	
54	
55	
56	
57	
58	
59	
60	
61	
62	
63	
64	
65	
66	
67	
68	
69	
70	
71	
72	
73	
74	
75	
76	
77	
78	
79	
80	
81	
82	
83	
84	
85	
86	
87	
88	
89	
90	
91	
92	
93	
94	
95	
96	
97	
98	
99	
100	



01. INTRODUÇÃO

Prefeitura Municipal de Mar de Espanha consciente do valor da cultura e memória de seu povo busca através de ações de proteção e preservação do patrimônio, uma política cultural eficaz e comprometida com seu resultado. Amparada pela Lei de Proteção do patrimônio cultural municipal e em obediência às condições prescritas na resolução 01/2006, elaborada pelo Conselho Curador do IEPHA-MG, o município coloca-se como instrumento de *identificação, documentação, proteção e promoção* do patrimônio local.

O Dossiê em questão constitui um esforço nesse sentido, a partir do momento que auxilia na construção da identidade municipal baseada no conceito de *desenvolvimento sustentável*. A metodologia aplicada inclui levantamento de campo, bibliografia geral e específica sobre o município, fonte oral, uso de bases cartográficas e fotográficas.

Assim, sob a ótica da proteção e preservação do patrimônio, a **Prefeitura Municipal de Mar de Espanha**, apresenta ao IEPHA-MG o *Dossiê do Conjunto Paisagístico Parque José Schettino* sob coordenação da equipe da MGTM Ltda., e espera tornar público a riqueza cultural que caracteriza o município.

Coordenação Editorial MGTM Ltda.
Catherine Fonseca A. Horta - Arquiteta e Urbanista.
Rogério Stockler de Mello

01. HISTÓRICO DO MUNICÍPIO

*"Este mar que não é de Espanha
mas, sim, do torrão Brasil
é um mar que não tem água,
é um mar que não se navega,
é um Mar de Espanha,
belo e majestoso
que nasceu fecundo e gracioso, dentro da zona da mata
estado de Minas Gerais"*

Dirceu Malencônico

2.1. Os primitivos moradores dos "Sertões do leste" e os desbravadores das "Matas Proibidas".

A descoberta dos veios auríferos no interior do centro-sul do Brasil em fins do século XVII redirecionou o interesse da nossa metrópole para região das Minas dos Cataguazes, transformando, grandemente, a política exploratória portuguesa e sua organização sob as terras brasileiras. Se foi somente a partir de 1869 que o terreno de Minas Gerais entra na nomenclatura da administração colonial portuguesa, em 1720, a população das Minas já atingia a marca dos 250.000 habitantes, o que levou à criação de uma capitania autônoma para as Minas do Ouro. (COSTA, 2002:27)

Todavia, enquanto a capitania de Minas Gerais vivia o esplendor do ciclo do ouro e das pedras preciosas, a região a leste do vale do Paraíba, denominada "das matas", era considerada uma área proibida ao desbravamento e ao povoamento. Isto porque os primeiros aventureiros que penetraram nas densas matas do leste mineiro pela margem esquerda do Paraíba não encontraram em seus rios e montanhas ouro e nem pedras preciosas.

Naquele sertão só havia a mata fechada, montanhas, índios e nenhuma riqueza mineral. Conseqüentemente, a corrente migratória tangenciou as matas do sertão do leste e espalhou-se por outras regiões. Acrescente-se a isto o fato daquele sertão de matas quase indevassáveis que abrangiam o lado mineiro do vale do Paraíba do Sul e a margem direita do Rioomba, formando um curioso triângulo geográfico, ter se tornado área proibida por determinação do governador da capitania, a fim de servir de defesa contra possíveis aventureiros fluminenses e

contra quem pretendesse fugir do fisco e entregar-se ao contrabando de riquezas. A administração vedava o povoamento, procurando manter a ligação da capitania de Minas Gerais ao Rio de Janeiro apenas por uma rota, resguardando a coroa do descaminho do ouro. Havia consciência do papel protetor daquelas florestas contra a ação de sonegadores, haja vista a referência que o governador da capitania, Luis da Cunha Menezes fazia a tais sítios: *“sertão para a parte leste, denominado Áreas Proibidas, na hipótese de servirem os ditos sertões de barreira natural a esta capitania para segurança de sua fraude.”*(MERCADANTE, 1973:23). Deste modo, a região das matas ficou preservada ao longo de quase três séculos como Áreas Proibidas, um verdadeiro inferno verde de difícil penetração.

Durante estes séculos de isolamento, a região analisada não ficou, entretanto, totalmente desabitada. Ao contrário, nela moravam os índios Coropós, os Coroados e os Puris, possivelmente pertencentes ao mesmo grupo étnico dos Goitacases. Acredita-se que estes silvícolas, pressionados pelos colonizadores das planícies de Campos, teriam sido forçados a migrar. Como os índios sempre viviam nas proximidades dos rios, muitas tribos teriam subido o Paraíba, o rio Pomba e seus afluentes, ingressando, assim, na região sudeste de Minas Gerais. Enquanto os Coroados e os Coropós fixaram-se ao norte do rio Pomba, os Puris ficaram mais ao sul da Zona da Mata e, portanto, onde hoje se localiza a cidade de Mar de Espanha (VANNI, 2002:29).

As informações existentes acerca dos Puris são incompletas, contraditórias e, acima de tudo, carregadas de preconceitos, muito parecidas, inclusive, com aquelas feitas pelos portugueses ainda nos primeiros tempos da colonização. De modo geral, eles são descritos como possuindo um “baixo nível de cultura” – quando o correto seria dizer baixo desenvolvimento técnico - que *“não lhes dava condições de compreender o sentido de família, de organização político-social e de propriedade”*. Também, são tidos por *“excessivamente primitivos, mansos, indolentes e dados ao furto, ignorando o sentimento de lealdade”* (VANNI, 2002: 29). Não construíam tabas, não conheciam a rede e dormiam no chão sobre folhas. Fisicamente, os Puris possuíam pequena estatura, rosto largo, nariz chato e curto.

Viviam da pesca e da caça. Para Lambaris, e peixes pequenos, faziam uso de uma linha sem anzol com uma isca de algumas minhocas amarradas. Quando tentavam capturar peixes maiores, em águas mais volumosas, recorriam à rede. Não plantavam nada, desconhecendo em todo a agricultura. Procuravam o mel de abelha, frutos de árvores e raízes. Estas últimas eram arrancadas da terra com qualquer instrumento que aparecesse e às vezes com as próprias mãos. Não dispunham para as atividades senão pedras de raio, que engastavam num pau. Facas, foices

e arcos de barril só posteriormente lhes foram dados pelos adventícios (MERCADANTE, 1973: 34).

Muitos Puris foram aproveitados nas fazendas como capitães do mato, por conhecerem bem a região e correrem muito. Foram, entretanto, desaparecendo a partir da convivência com o homem branco de quem pegavam muitas doenças, dentre as quais, sarampo e gripe. Em mar de Espanha, ocasionalmente, foram encontrados objetos de barros que comprovam e registram a existência dos Puris naquela região.

A despeito dos bravios Puris e da barreira interposta pela mata fechada, pioneiros desbravadores arriscaram-se pelas matas proibidas, dando origem a localidades como a Freguesia de São Manuel do Rio Pomba, criada em 1718. Contudo, foi com a decadência das Minas de ouro que a região das matas foi liberada, oficialmente, para o desbravamento.

Desprezada e subvalorizada ao longo de três séculos, os sertões do leste só iriam se valorizar com o esgotamento das jazidas minerais, coincidindo com a corrida em busca de terras férteis para o cultivo do café. Muitos mineralistas abandonaram a região central da capitania e se dirigiram para outras áreas situadas ao norte e ao sul das matas proibidas na busca de terras, inclusive no Vale do Paraíba do Sul, no lado fluminense, onde a agricultura estava mais desenvolvida.

A ordem de desbravar a região das Matas proibidas partiu do governador da Capitania mineira, Luiz da Cunha Menezes (1783-1787) que, diante da decadência da mineração, não via mais razões para as terras da mata ficarem sem aproveitamento, ainda mais por se desconhecerem nela reais riquezas. Acrescia-se ainda, o fato delas ficarem próximas à Capitania do Rio de Janeiro e da Corte, de onde surgiam contrabandistas e aventureiros perigoso (VANNI, 2002:24).

Foi por conta dessas invasões que o governador Cunha Menezes determinou a realização de duas diligências policiais pelo sertão virgem das matas, a fim de combater os contrabandistas e de conhecer com mais detalhes a geografia e as reais possibilidades econômicas da região. Estas diligências ficaram sob a responsabilidade do sertanista e sargento-mor Pedro Afonso Galvão de São Martim que criou os Registros de Ericéia, nas proximidades do rio Cágado.

Foi por ocasião destas diligências que o governador ordenaria ao Alferes Joaquim José da Silva Xavier, então incumbido da ronda da mata, que acompanhasse o sargento-mor no exame das possibilidades auríferas da terra e sua capacidade de acomodação de gente

(MERCADANTE,1973 :42). Consolidava-se, assim, a fronteira entre Minas Gerais e a Capitania do Rio de Janeiro ao longo dos rios Preto, Paraíba e Paraíba do Sul. Todavia, será, sobretudo no século XIX que a região até então proibida do sertão do leste tornar-se-ia alvo dos interesses econômicos, num processo que coincide com a corrida em busca de terras férteis para o cultivo do café, uma das principais riquezas agrícolas das Minas Gerais ao longo de mais de 120 anos.

2.2. Primeiro povoamento e surgimento do Arraial do Cágado

Após a diligência de Pedro Afonso Galvão de São Martim, acentuou-se o interesse pelo desbravamento do sertão do leste. Aos poucos foram se multiplicando os caminhos, trilhas e picadões dentro da mata. Terras para o cultivo começaram a ser procuradas, uma vez que a crise do ouro não possibilitou muitas alternativas. Deste modo, os homens que adentraram a mata mineira dando as costas à decadente economia aurífera foram se fixando nas sesmarias doadas no início do século XIX.

Na prática foram três as frentes de desbravamento destes sertões: a primeira, tipicamente mineira, teve como ponto de partida a Freguesia de São Miguel do Rio Pomba. Contavam com desbravadores que, seguindo as picadas deixadas por Pedro Galvão de São Martim, foram se fixando em diferentes pontos onde erguiam abrigos, ranchos e cruzeiros que dariam origem a muitos povoados. O rancho, vale dizer, é o local onde o tropeiro se detinha para descansar, encontrando o abrigo para dormir, o lugar da refeição, o ferrador, este último muitas vezes entendido de animal, uma espécie de veterinário.

Era, enfim, o pouso. Consistia, segundo a descrição de Saint-Hilaire *“num longo telheiro coberto, tendo à frente, por vezes, uma varanda e portas de madeira ou pilastras de tijolo”* (MERCADANTE,1973: 65). MERCADANTE lembra que os povoados do interior, se não tem por gênese a maloca, nascem do pouso dos caminheiros. Estes pousos ou ranchos, desenvolvidos, transforma-se em um arraial, local de escambo. Este autor descreve, com imensa beleza, como se dá a transformação de um simples rancho em um novo arraial:

Um dia estaca a tropa, para o descanso. Do pouso transitório, surgido do interesse contingente, surge o núcleo. A estalagem improvisada permanece após a retirada. Outros viajantes chegam, encontram gente, estancam. A venda mostra-se e aos domingos os

lavradores reúnem-se para a reza e a conversa. O compadrio completa o quadro social da aldeia nascente.

A estalagem atrai o ferreiro, consolida o negócio da venda. Arria a mochila, campeando o mascate que ali pega o negócio definitivo... a rancharia começa a atrair os interesses das lavouras vizinhas. Um centro de pousada com gente afoita e vivida. Afinal, vira rua de feira franca, movimentada e, em pouco tempo, ganha trepidação e gente nova. Estende-se o arruado, acompanhando o ribeirão. Cresce o arraial. (MERCADANTE, 1973: 84-85).

Onde o homem pousava, a marca do cristianismo era ali instalada, ganhando o local o nome do santo do dia ou da sua devoção. Assim, foram surgindo povoados com topônimos os mais curiosos como Santa Rita da Meia Pataca (Cataguases), São Sebastião do Feijão Cru (Leopoldina) e Nossa Senhora das Mercês do Rio Cágado (Mar de Espanha).

A segunda frente de ocupação tinha como base as localidades de Simão Pereira, Matias Barbosa e Santo Antônio do Paraibuna (Juiz de Fora). De lá partiam, ale de aventureiros, fazendeiros bem sucedidos e ávidos por mais riquezas. Constituíam uma elite de desbravadores que chegavam ao sertão do rio Cágado já com cartas de sesmarias. Finalmente, a terceira frente, ocorrida já no auge da demanda por terras para o cultivo do café, reunia fluminenses e mineiros. Portando cartas de sesmarias, foram ocupando as terras do vale do Paraíba e penetraram pelos vales e ribeirões ainda inexplorados, chegando a Leopoldina, Cataguases, Volta Grande e Pirapetinga (VANNI, 2002:27).

Com o desbravamento da parte sul da atual Zona da Mata Mineira, foi construída a capela de São João Nepomuceno, dando origem ao povoado que preservaria para sempre esse topônimo. Pouco depois, um grupo de tropeiros acampou num sítio às margens do ribeirão de São João, próximo da sua foz no Rio Cágado. Daquela modesta rancharia surgiu o Arraial do Cágado, célula histórica da cidade de Mar de Espanha que, ao longo do século XIX, disputaria com São João Nepomuceno a hegemonia regional (VANNI, 2002:45).

Não há informações acerca da data precisa de fundação de Mar de Espanha, inicialmente, arraial de Nossa Senhora das Mercês do Cágado, numa junção do nome do córrego existente na região e da primeira capela erguida no local onde hoje se encontra o município. Sabe-se, porém, que por volta de 1820 ele já possuía algumas fazendas (PLANO DIRETOR...,2006:10). O marco do futuro arraial nasceu de uma modesta rancharia na chamada Rua Nova (atual rua Major Antônio

Barbosa), local utilizado para abrigar viajantes vindos da Corte com destino à São João Nepomuceno ou à Freguesia de São Manoel.

Importante registrar que toda cidade possui seus mitos fundadores que atuam no sentido de fornecer dados que explicam suas origens e que, de preferência, as relacione com a atitude de homens corajosos e aventureiros. No caso de Mar de Espanha, a tradição popular conta que Antônio José da Costa e o mameluco João Maquieira foram os fundadores do arraial do Cágado.

Rudes desbravadores, eles teriam chegado à região em busca de terras propícias para a agricultura. Eram casados com duas irmãs que os acompanhavam em suas andanças. Certo dia, teriam chegado às margens de um rio sinuoso de onde avistaram grande quantidade de cágados. Dai teria surgido o nome Rio Cágado. Estabeleceram-se naquela região por algum tempo, após derrubarem a mata ao redor e construírem uma choupana.

Um dia, porém, os dois se desentenderam e a sociedade foi desfeita. José Antônio da Costa teria reunido seus pertences e descido rio abaixo em uma canoa, deixando João Manqueira sozinho. Por fim, cansado da solidão, o mameluco teria decidido explorar os arredores, tendo, numa expedição, reencontrado seu concunhado Antônio José. Novamente juntos, teriam prosseguido desbravando a mata e plantando novas lavouras.

Atraídos pela fertilidade da terra, outros aventureiros foram se estabelecendo na região, formando colônias, sítios e fazendas. Já a primitiva clareira aberta por Antônio José da Costa, desdobrou-se em lavouras, desde as margens do rio Cágado até o ribeirão de São João. Esta clareira, segundo a versão, teria se localizado próximo onde hoje se encontra a Cidade de Mar de Espanha (MAR DE ESPANHA, 2005:5).

A despeito da veracidade ou não dessa história popularmente conhecida e recontada em Mar de Espanha, fato é que os ranchos de tropeiros estabelecidos no arraial do Cágado foram, gradativamente, centralizando os interesses sociais e econômicos dos que moravam na região. O local de pouso transformou-se em mercado de onde seguiam tropas carregando produtos de café, açúcar, feijão, milho, fumo e toucinho para serem embarcados no litoral.

A rancharia, então, foi tomando forma de rua, sendo que a primeira recebeu o nome de Rua Nova. Esta se estendia em direção ao antigo caminho dos tropeiros, abrindo-se em um largo onde foi erguida em taipa a primeira capelinha da região. Com o tempo, o arraial ganhou a

primeira estalagem, seguida das primeiras casas comerciais. Desta forma surgiu e cresceu o Arraial do Cágado (MAR DE ESPANHA, 2005:5).

2.3. Evolução administrativa e eclesiástica

O curato de Nossa Senhora das Mercês do Cágado foi criado em 14 de julho de 1832, como filial do curato de São José do Paraíba. Nele serviram os padres Felipe da Mata, Pe. Anacleto Antônio Lopes, Pe. Manoel Pereira Correa, Pe. Antônio Caetano da Fonseca, Pe. Marcos Abreu, Pe. Cândido Clementino Raiz e Pe. José Antunes de Serqueira. Por ocasião da elevação da povoação de São João Nepomuceno à condição de vila, conforme Lei n. 202 de 1 de abril de 1841, o distrito do Cágado passa então a vincular-se à esta nova vila. Tal situação, contudo, não duraria por mais de dez anos.

Na região da Mata, assim como em outras do restante do Brasil, os municípios formaram-se graças à proteção de um fazendeiro, chefe político local e muitas vezes um futuro barão. No caso específico de Mar de Espanha, a influência e atuação política de dois irmãos, Custódio Leite Ferreira e Francisco Leite Ribeiro foi marcante e notável no que diz respeito à evolução política da região, bem como, em seu desenvolvimento econômico e estrutural.

Na primeira metade do século XIX, o Arraial do Cágado já constituía um centro relativamente movimentado. Iniciou-se então, uma campanha dos moradores com um duplo objetivo: a criação do município e a mudança do nome. Fazia-se, na época, o estudo para a reforma administrativa e eletração toponímia da província. A sugestão de Custódio Leite Ferreira, Barão de Ayuroca, ao governo da província de designar o arraial por Vila de Mar de Espanha foi logo aceita.

A relativa facilidade com que o arraial do Cágado é elevado à condição de Vila encontra-se vinculado intimamente a um fato histórico - a Revolução Liberal de 1842 - e a atuação que nela tiveram os irmãos Custódio e Francisco Leite. Neste ano, membros da elite política mineira pertencente ao Partido liberal levantaram-se contra o governo de Dom Pedro II em função da reforma do Código do Processo Criminal e das demais medidas centralizadoras do monarca. Os revoltosos pretenderam estabelecer na região do sertão do leste uma linha de isolamento completo entre Ouro Preto e a Corte. Contudo, enquanto em Rio Pomba predominava o liberalismo dos revolucionários, em São João Nepomuceno a Câmara Municipal ficou dividida

Poucos dias depois da elevação à condição de vila, em 5 de outubro de 1851, pela Lei n 545, o curato do Cágado foi elevado à Paróquia. Fato curioso a ser observado é que trata da demarcação da jurisdição dos bispados.

Em 1812, o então bispo do Rio de Janeiro, José Caetano da Silva Coutinho, aproveitando-se da grandeza territorial da capitania de Minas Gerais, determinou aos padres da freguesia de Cantagalo que se valesse do apoio do destacamento policial daquela comunidade e fosse para São José do Paraiíba (Além Paraíba) e dali demarcasse a jurisdição de seu bispado. Por conta disto, grande parte da zona da mata foi anexada à jurisdição eclesiástica da Diocese do Rio de Janeiro. Somente em 1897, já em pleno regime republicano, é que os mineiros conseguiram que um decreto pontifício reintegrasse a região aos domínios do bispado de Mariana (VANNI, 2002:34).

Seguindo uma evolução política relativamente rápida, uma vez que havia transcorrido somente 8 anos de sua elevação a vila, Mar de Espanha foi elevada à condição de cidade:

Lei nº 997 – De 27 De Junho De 1859.

Carta de Lei que eleva à cathegoria de Cidade a Villa do Mar d’Hespanha.

O Doutor Joaquim Delfino Ribeiro da Luz, Official da Ordem da Rosa, Vice Presidente da Provincia de Minas Geraes: Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléia Legislativa Provincial Decretou e eu Sanssionei a Lei seguinte:

Art. Único. Fica elevada à cathegoria de cidade a com a mesma denominação a Villa do Mar d’Hespanha; revogadas as disposições em contrario.

Mando por tanto á todas as Autoridades á quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumprão e fação cumprir tão inteiramente como nella se contem. O Secretario desta Provincia a faça imprimir, publicar e correr. Dada no Palacio da Presidencia da Provincia de Minas Geraes aos vinte e sete dias do mez de Junho do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil oitocentos e cincoenta e nove, trigésimo oitavo da Independência e do Império.

Joaquim Delfino Ribeiro da Luz

Herculano dos Reis Coutinho, a fez Sellada na Secretaria da Presidencia da Provincia aos 30 de Junho de 1859. (Livro da Lei Mineira, 1859:11).

Compreendia o seu território, nessa época, os seguintes distritos: Mar de Espanha, São João Nepomuceno, Conceição do Rio Novo, Santíssima Trindade do Descoberto, Espírito Santo de Mar de Espanha, Piau e Santo Antônio do Aventureiro. (GIL, 1951:49).

No tocante à organização judiciária, até 1870, Mar de Espanha figurava como Termo da comarca de Rio Novo, quando, por força da Lei n. 2002, de 15 de novembro de 1873, foi desmembrado dessa comarca e anexado à de Leopoldina. Em 8 de julho de 1876, pela Lei n. 2273, o município de Mar de Espanha é elevado à Comarca, constituída de um único termo, o da sede. (GIL, 1951:52).

2.4. Conformação e expansão do núcleo urbano e rural.

O núcleo original do arraial do Cágado, futuro município de Mar de Espanha se deu às margens do ribeirão São João, onde se postou o rancho que serviu de pouso aos viajantes. Rapidamente, porém, a pequenez do arraial surgido em torno do rancho não mais satisfizes aos primeiros moradores, devendo, portanto, estender a ocupação para outro lado do ribeirão, apropriando-se do vale. No centro deste vale, em seu ponto mais nobre erigiu-se a capela que serviria aos fiéis do nascente arraial.

A primeira capela, denominada Nossa Senhora das Mercês, foi uma obra bastante modesta, edificada inicialmente com folhas de palmeira e barro batido. Embora não seja possível precisar sua data de construção, há indícios de que em 17 de outubro de 1820, foi realizado nela o seu primeiro enterro (CASTRO, 1987:149). Posteriormente, entre os anos de 1832 e 1840, essa capela que já se encontrava quase em ruínas foi demolida, tendo sido construída no mesmo lugar a primeira matriz do arraial, por iniciativa do Coronel Custódio Leite Ferreira, o Barão de Ayuroca. Segundo descrições, essa segunda igreja *“teve acabamento incompleto, era pequena e tinha apenas uma torre, com sacristia à esquerda”* (MAR DE ESPANHA, 2005:9).

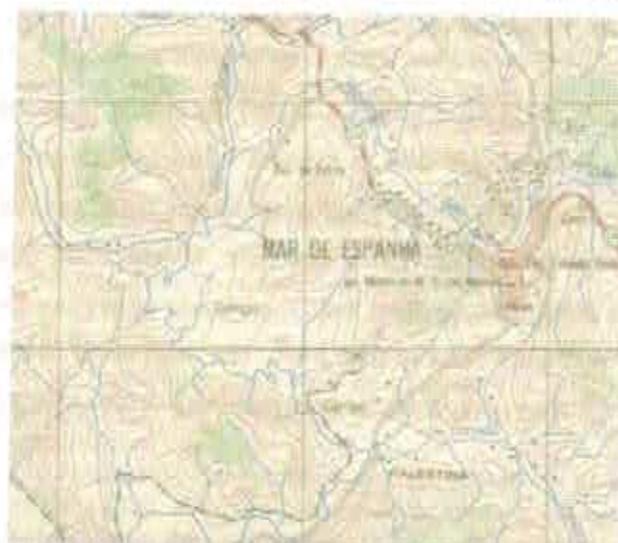


Figura 1 – Mapa com destaque na cor laranja, a área central de Mar de Espanha, que corresponde à primeira frente de ocupação da cidade, até os anos de 1940. Fonte: Arquivos digitais da Prefeitura de Mar de Espanha.

Foi, sobretudo na segunda metade do século XIX que o desenvolvimento urbano da cidade começou a se intensificar. Como se sabe, os núcleos urbanos surgem, de modo geral, ao redor das igrejas. Em Mar de Espanha, este fenômeno deu-se claramente.

Em torno da Igreja de Santa Efigênia concentrou-se o segmento mais pobre. Nas proximidades da Igreja do Rosário fixaram-se os forros e brancos livres, ditos remediados. Por fim, nas imediações da atual Matriz e da Igreja de Santo Antônio estabeleceram-se os membros da elite. A partir desta divisão, observou-se o crescimento da cidade partindo da Rua Nova, indo em direção à Igreja de Nossa Senhora das Mercês, de Santo Antônio e do Rosário, originando daí, a região central de Mar de Espanha e o bairro Jardim Guanabara.

Em meados do século XX, as diferenciações entre os núcleos dos pobres, remediados e nobres começaram a desaparecer. A cidade expandiu-se e as construções se misturaram, já sem um estilo único e o espaço urbano de Mar de Espanha atingiu uma grande ocupação, novos bairros como o do Rosário e o jardim Guanabara surgiram. A expansão territorial prosseguiu rapidamente e todas as áreas de acesso mais fácil, sejam elas planas ou pequenos morros foram ocupadas (TEMPONI, 1989:5).

Em 1914 a cidade de Mar de Espanha estava preste a receber alguns melhoramentos significativos para a conformação de sua infra-estrutura urbana. Neste mesmo ano, a Lei 345 estabelecia tarifas para a cobrança de taxas de energia elétrica a ser instalada. Já a Lei 349, também de 1914, autorizava o contrato de serviço telefônico para o município (GIL, 1951). Segundo FALABELLA, os primeiros telefones, na época chamados de parede, foram sendo instalados rapidamente nas residências, repartições públicas e estabelecimentos comerciais. (2003).

Já a energia elétrica chega, de fato, em 1919, quando *"negros postes de trilhos ferroviários erguem-se nas principais ruas e praças"*, sendo substituídos os lampiões a gás. À frente do governo municipal, o Dr. Enéas Câmara comentaria com seus correigionários: *"Assim como o Rio, Mar de Espanha civiliza-se!"* (FALABELLA, 2003). Até então, a iluminação da cidade era feita a carbureto pela Companhia Mineira de eletricidade (RELATÓRIO..., 1918:23)

Contudo, no ano de 1919 alguns problemas de infra-estrutura ainda permaneciam em Mar de Espanha, como por exemplo, o abastecimento de água e implantação de redes de esgoto. O prefeito do município Enéas Câmara, em prestação de contas relativo ao ano de 1919 anunciava que *"o serviço de abastecimento de água potável melhorou consideravelmente na cidade,*

deixando, porém, muito a desejar, dado o aumento do consumo ocasionado pelo amento da população urbana” (REALATORIO..., 1920: 12). Em 1925, achava-se aprovado pelo governo do Estado, o projeto de estudo para os serviços de melhoramento de Mar de Espanha. Este compreendia a instalação de uma rede de distribuição de água potável à população e uma rede de esgotos sanitários. Para o abastecimento de água seria captado o manancial denominado Serrote, distante da cidade 7 quilômetros (SILVEIRA, 1926:872)



Figura 02 - , Mar de Espanha em seus primeiros anos. Fotógrafo desconhecido. S/D

1926 foi outro ano de grandes melhorias. Aproveitando a vista à cidade do presidente do estado de Minas Gerais, o Sr. Fernando de Melo Viana, vários equipamentos públicos foram inaugurados em um mesmo dia do mês de maio: o novo prédio do Fórum, construído em estilo neocolonial e ocalizado na avenida Bueno Brandão, a agência do Banco Hipotecário e Agrícola de Minas Gerais, localizada à Praça Barão de Ayuroca, cujo fundador foi o mar-de-espanhense Estevão Pinto, a Fábrica de Biscoitos pertencente à família Falabella e, finalmente, o novo prédio do Grupo Escola Estevão Pinto, também localizado na Praça da Matriz (FALABELLA,2003).



Figura 03 - . Trecho do Largo atualmente ocupado pela Praça Barão de Ayuroca.

Fotógrafo desconhecido. S/D

Dados estatísticos colhidos em Mar de Espanha ao longo do século XX permitem a identificação das melhoras pelas quais a cidade foi passando, do desenvolvimento em infraestrutura urbana e da qualidade de vida, assim como, permitem perceber o momento em que estas melhorias se deram.

Em 1928, a sede do município de Mar de Espanha contava com 434 prédios. Possuía também 50 casas comerciais, 1 Agência do Banco Hipotecário e Agrícola de Minas Gerais para, como se dizia, “*facilitar a lavoura*”, 2 armazéns de café e 3 farmácias. Estes estabelecimentos serviam a uma população de 2.158 habitantes, dos quais 638 eram analfabetos (REVISTA MAR DE ESPANHA, 1928:36).

Passados 12 anos, a população mar-de-espanhense teve um pequeno crescimento, passando para 2.456 habitantes. Importante dizer que este número corresponde à 12,82% de toda a população do município que, em sua maioria, vivia no meio rural. Já a sede de Mar de Espanha era cortada, em 1940, por 24 logradouros públicos, dos quais 21 possuíam iluminação elétrica. Dos domicílios existentes (cuja totalidade numérica não foi possível identificar), 317 eram servidos de eletricidade, 358 abastecidos com água e 230 possuíam serviço de esgoto (SINOPSE ESTATÍSTICA..... 1948: 8-9)

Acredita-se que as primeiras ruas de Mar de Espanha tenham sido pavimentadas com paralelepípedos no início dos anos de 1940. É possível também que até esta data, as ruas fossem ainda de saibro. Em relatório apresentado à Câmara Municipal, em 1918, o então prefeito Coronel Nunziato Schettino anunciava que no ano anterior, todas as ruas da cidade haviam sido limpas, capinadas e cobertas de saibro, tendo sido também arborizada a rua Estevão Pinto (RELATORIO....., 1918:22).

Também, em 1934, o então prefeito, Mário de Souza Manso recebe várias reclamações da população acerca do sistema anti-higiênico e grosseiro com que era feita a varreção das ruas da cidade: “*em pleno dia, justamente nas horas em que o povo transita pelas ruas e frequenta as coisas comerciais para suas compras, o varredor pouco se incomoda com a saúde alheia, de ouvidos tampados às reclamações, manejando a vassoura ao nariz e roupa de quem passa.*”

O desejo da população era de que o prefeito transferisse a varreção para a noite (TASSI, 2005). Em 1942, o Decreto Lei 37 de 16 de março, cria, por fim, a taxa de calçamento e conservação do mesmo, assim como, o Decreto- Lei 38 de 26 de abril do mesmo ano, abre crédito especial para o calçamento das ruas e praças da cidade (GIL, 1951).

Os dados de 1955 permitem perceber que a cidade, de 1928 (ano relativos aos primeiros dados estatísticos identificados) até os anos 50, passou por uma considerável concentração urbana. Foi levantada a existência de 707 prédios, sendo 422 abastecidos de água e 419 domicílios com iluminação elétrica. As edificações existentes eram distribuídas em 27 logradouros públicos, dos quais 10 encontravam-se pavimentados com paralelepípedos. A população urbana era servida por 41 aparelhos telefônicos, 1 hotel, 1 cinema, 1 biblioteca pedagógica com cerca de 400 livros e 1 biblioteca estudantil com 4 mil livros. Como veículos autorizados circulando havia 37 automóveis, 4 camionetes, 41 caminhões e 4 ônibus (FERREIRA, 1959: 42-44).

Por volta dos anos de 1970, a população rural, até então predominante, equipara-se, numericamente à população urbana. A partir de então, o número de habitantes na área rural vem progressivamente diminuindo, sendo que a população urbana praticamente duplicou.

Este crescimento urbano deveria ocorrer conjuntamente com a dotação dos equipamentos e serviços urbanos, o que não ocorre de fato. Conseqüentemente, tem-se o surgimento de diversos problemas resultantes da expansão feita sem o desenvolvimento planejado, fato que contribui para piorar a qualidade de vida.

Diante do exposto até então, percebe-se que Mar de Espanha teve sua ocupação urbana sem um dispositivo de controle. A consolidação do centro urbano foi acrescida de expansões feitas de acordo com o interesse de proprietários em abrir loteamentos. Três foram os fatores importantes para se chegar à configuração atual da cidade: a localização da igreja Matriz, a dispersão em loteamentos aleatórios e as apropriações inadequadas.

Assim, as ocupações urbanas se deram prioritariamente ao longo do pequeno vale por onde passa o Ribeirão São João, tanto em sua área plana quanto nas encostas dos morros que o cerca, sendo estes ocupados pela população de baixa renda. A conformação espacial de Mar de Espanha pode ser mais bem observada por meio do quadro abaixo:

BAIRRO	SURGIMENTO	MOTIVAÇÃO
Centro	Século XIX	Século XIX

passou a depender também de outras atividades, entre elas a indústria extrativa mineral e a extração do mármore.

À crise da mão de obra gerada pelo fim da escravidão vieram se juntar os problemas advindos da Primeira Guerra Mundial e, consecutivamente, da quebra da bolsa de Nova York em 1929, determinado, assim, a decadência definitiva dos barões do café que se enriqueciam do “ouro verde”. O século XX inicia-se, pois, deflagrando um golpe na economia de Mar de Espanha e em seus fazendeiros que, no momento da crise, não ousaram diversificar sua produção, investindo em outras atividades agrícolas, a despeito do que fizeram alguns produtores paulistas também afetados com a crise (TASSI, 2005:3).

A perda da identidade econômica de Mar de Espanha foi compensada, contudo, com a descoberta de uma nova fonte de riqueza: a extração mineral. A partir de 1914, o bloqueio do tráfico marítimo em consequência da guerra provocou a escassez de muitos produtos no mercado brasileiro como, por exemplo, o mármore, até então importado de Portugal e da Itália.

Contudo, em 1916, o industrial marmorista português Carlos da Silva Rocha, estabelecido no Rio de Janeiro com a marmoraria Rocha, resolveu percorrer Minas Gerais à procura de jazidas de mármore e granitos destinados abastecer seu estabelecimento. Em suas andanças ele acabou chegando à Mar de Espanha onde descobre numa velha fazenda situada a poucos quilômetros do centro da cidade, aquela que seria considerada a primeira jazida de mármore branco do país.

A jazida descoberta encontrava-se localizada à apenas cinco quilômetros da estação de ferro da cidade. Diante de todas as possibilidades de riqueza que ela trazia, o português adquire a Fazenda da Caieira, assim chamado por explorar primitivo forno no qual a pedra calcária era reduzida a cal. Para lá foram levadas modernas máquinas para extração, corte e desbastamento de grandes blocos – alguns com até cinco toneladas – cujo transporte até a estação ferroviária era feito por um trator e uma carreta. Do Rio de Janeiro vieram também operários especializados: encunhadores, canteiros, carpinteiros e telheiros.

Uma das primeiras providências tomadas pelo empresário foi a melhoria da estrada carroçável de cerca de cinco quilômetros que liga a jazida à cidade, preparando-a para o tráfego pesado do trator (FALABELLA, 2003). A partir de então, as indústrias brasileiras passaram a trabalhar

com mármore nacional, sendo a maioria extraída de Mar de Espanha. A cidade, atualmente, guarda marcas do apogeu da extração do mármore em muitas construções e até mesmo no calçamento de algumas ruas.

Também como alternativa econômica após a redução gradativa do cultivo do café, e, concomitantemente ao desenvolvimento da extração de mármore, tem-se em Mar de Espanha a ascensão da pecuária leiteira. Já a partir da década de 1950 inseriu-se no contexto econômico da cidade uma nova atividade: a lapidação de diamantes. Esta atividade marcou o crescimento e o desenvolvimento do bairro Jardim Guanabara, o mais populoso da cidade. Os dados econômicos do município para o ano de 1955 indicavam, assim, aquelas que constituíam suas principais atividades: agricultura, pecuária leiteira e extração de produto de origem mineral.

Na agricultura ainda mostrava-se presente o café, agora também acompanhado do arroz e do feijão. Na extração mineral destacava-se o mármore e o caulim. Havia ainda alguma atividade industrial como a pasteurização do leite e a produção de balas realizada pela fábrica a família Falabella (FERREIRA, 1959:44).

Atualmente, a maior parte da receita municipal é proveniente de transferências intergovernamentais, da União e de transferências do Governo Estadual. O setor de serviço constitui concentra a maior parte da população economicamente ativa (65%), tendo, contudo, o setor industrial apresentado um significativo crescimento – 36% da população economicamente ativa - com um grande número de pequenas indústrias, principalmente às de confecções. Dados de 2006 indicam a existência de cerca de 55 confecções de vestuário.

Os principais produtos da cidade são o artesanato em diversos materiais (bambu, mármore, madeira) Gêneros alimentícios caseiros e industriais (doces, biscoitos, massas alimentícias), laticínios, peças íntimas, extração mineral (ainda mármore e caulim) e lapidação de diamantes; que apesar de quase extinta, ainda é possível encontrar na cidade.

O setor agropecuário representa apenas 16%, especialmente pelo fato de que os produtos rurais do município se dedicam principalmente à criação de gado leiteiro, setor que vem passando por dificuldades devido ao baixo preço do leite in natura. Além disto, o mercado torna-se cada vez

mais exigente, sendo necessário mais qualificação do produtor por meio de cursos e treinamento, visando melhor qualidade do produto juntamente com tanques de armazenamento e beneficiamento. A cidade possui também reservas minerais de calcário, quartzo, caulim, sendo as argamassas e textura, um importante bem produzido no município.

Por fim, resta falar do turismo que constitui uma das maiores potencialidades econômicas para Mar de Espanha. O potencial turístico da cidade é impulsionado pelo fato do município possuir várias fazendas de interesse cultural, advindas do período do ciclo do café, fazendo parte do Circuito Turístico Recanto dos Barões, bem como pelo patrimônio edificado no centro histórico da cidade. No que tange ao patrimônio natural, Mar de Espanha possui remanescentes de flora e fauna do Bioma Mata Atlântica. Assim, o município goza de notável potencial ao ecoturismo, que depende da formação de profissionais de turismo como premissa à efetivação dessa atividade.

2.6. As trilhas, estradas e a ferrovia.

Ao longo do século XIX, o maior problema dos fazendeiros de café dessa região, não se encontrou na produção da mercadoria, mas, sim, em fazê-la chegar aos locais de revenda e portos. A falta de via de comunicação impelia os cafeicultores a construir caminhos e estradas por conta própria, aproveitando, na medida do possível, os trechos e remansos dos rios. Pode-se afirmar, com certeza, que a dificuldade de comunicação e estradas ligando a cidade de Mar de Espanha e sua região vizinha aos portos cariocas foi, sem sobra de dúvida, o maior empecilho ao seu progresso econômico.

As primitivas estradas eram picadas e trilhas que aos poucos iam se transformando em caminhos carroçáveis, tortuosos e que não garantiam o tráfego no tempo das chuvas. De fazendas em fazendas, os primitivos caminhos permitiam aos tropeiros e viajantes chegar a um lugar qualquer, principalmente nas barrancas dos rios fronteiros. Era por estes caminhos que a produção de café chegava aos portos. Deste modo, a história de Mar de Espanha ao longo do século XIX é toda marcada pela luta dos fazendeiros para conseguir do governo da província a construção de estradas que permitissem o escoamento da produção.

Contudo, diante do desinteresse do poder público para com a questão, o fazendeiro Francisco Leite Ribeiro, numa empreitada gigantesca e extremamente difícil para as condições da época, resolveu construir por conta própria um caminho ligando a região de Mar de Espanha ao porto no Rio de Janeiro.

Em 1836, Francisco Ribeiro inicia o projeto de construção da estrada de Magé a Sapucaia à margem do rio Paraíba. Ele planejava transformar este caminho, de simples picada a uma estrada destinada ao escoamento da produção cafeeira de Mar de Espanha, onde ele e seu irmão, o Barão de Ayuroca, eram abastados fazendeiros. Pretendia facilitar o transporte, não só diminuindo o percurso, mas evitando a passagem de um sem número de rios, na estrada de Mar de Espanha à Três Córregos. Foi o futuro Visconde do Uruguai que apresentou à Assembléia Provincial do Rio de Janeiro, em 14 de março de 1836, o projeto lei que autorizava o contrato para a construção da nova estrada. O projeto fora aprovado, transformando-se na lei n. 8 de 6 de maio de 1836, sancionado o seguinte :

Art. 1 – O presidente da provincia é autorizado a contratar com Francisco Leite Ribeiro a abertura e conservação de uma estrada que conduza de Magé ao Rio Paraíba com direção pelas proximidades do lugar denominado Mar de Hespanha....

Art. 2 – A estrada será construída de modo que preste cômodo trânsito de carros e carruagens e se conserve sempre enxuta e sem atoleiros. Ficará concluído dentro de oito anos, contados da data do contrato.....

Art. 4 – Em compensação de suas despesas, gozará o mesmo empresário, por si e seus sucessores, do direito exclusivo de cobrar nas barreiras que estabelecer, cujo número máximo será fixado no contrato as taxas de passagem que bem lhe parecer exigir (...)
(RIBEIRO, 1960 : 262).

Assim, a falta de melhores condições das estradas no coração da Mata continuava a desafiar a paciência dos fazendeiros que, sob a organização do fazendeiro Pedro Alcântara de Cerqueira Leite, do engenheiro Pedro Betim Paes Leme e do comendador Francisco Ferreira Assis Fonseca, reuniram numa assembléia, em 1876, realizada na estação de Serraria e ali fundaram a *Companhia de Estrada de Ferro União Mineira*. Daquela estação partiria um ramal de bitola métrica que, passando próximo de Mar de Espanha, chegaria até Rio Pomba. Interessante

observar que esta obra não utilizou o braço escravo, em respeito a uma recomendação do imperador Dom Pedro II.

Os trabalhadores, em sua maioria ex-escravos, foram contabilizados em mais de 500. A eles se juntaram depois, muitos imigrantes europeus que os empreiteiros tiveram de recrutar no cais do porto do Rio de Janeiro (VANNI, 2002:54). Todavia, a *Companhia de Estrada de Ferro União Mineira* não resistiu por muito tempo. Embora ajudada pelo governo de Minas, tornou-se deficitária. Praticamente falida, ela foi adquirida pela Leopoldina Railway Company Limited em 1884. Com isto, Mar de Espanha teve que esperar até o século XX para adquirir o seu próprio ramal.

No raiar do século XX, contudo, Mar de Espanha vê um dos seus maiores sonhos serem realizados. Em 1909, com a eleição de Wenceslau Braz à presidência de Minas, tornou-se enfim, viável a construção, pela Leopoldina Railway, do ramal ligando a cidade ao distrito de São Pedro do Pequeri.

O mérito da construção do ramal foi atribuído ao senador Antero Dutra de Moraes que, respondendo a uma indagação de Wenceslau Braz sobre qual ato do governo que mais poderia beneficiar o município de Mar de Espanha, respondeu: o ramal ente São Pedro do Pequeri e a sede do município. Isto aconteceu, assim, com a inauguração do ramal de Mar de Espanha em 22 de março de 1911, tendo sido todo o leito da estrada doado pelos fazendeiros (VANNI, 2002: 59).

A construção do ramal levou cerca de um ano e alguns meses. O material utilizado procedia do antigo trecho existente entre Serraria e Silveira Lobo. Assim que as obras foram concluídas, a população de Mar de Espanha mostrou-se encantada pelo trem de ferro: *“todos procuram experimentá-lo, indo a passeio (mesmo sem motivo) até a estação vizinha, de São Pedro”* (FALABELLA, 2003). Ir à estação para ver partir o comboio e sua volta, apitando e soando sua sineta, passou a constituir hábito diário da população.

Os comerciantes locais também se mostraram empolgados com os melhoramentos, uma vez que *“as viagens ficaram mais fáceis e mais baratas; as mercadorias chegam mais depressa e com*

maior segurança” (FALABELLA, 2003). Importante lembrar que o ramal da linha de ferro, que sempre fora um anseio da população e, notadamente, da classe produtora da região, transformou-se em um dos principais canais para o escoamento da produção de blocos de mármore, leite e outros produtos agrícolas, além de passageiros.

A nova estação, erguida num recanto da cidade, foi construída em estilo simples, padronizado, todo de tijolo à vista. Ostenta na fachada em relevo, o nome Mar de Espanha, com H, grafia usual na época. O prédio compreende a típica plataforma de duas rampas e, no corpo inicial, a administração com seu equipamento telegráfico, bilheteria e sala de espera. Possuía também espaçoso armazém cujas pesadas portas de correr abriam-se para a plataforma e para a praça de carga e descarga de mercadorias ao fundo. A residência do chefe da estação integrava o edifício (FALABELLA, 2003).

Já o trenzinho do ramal era formado por pequena locomotiva a vapor, de chaminé em forma de bulbo, com seu tender a reboque, atulhado de carvão-de-pedra importado. Possuía apenas dois vagões, o de carga e o de passageiros, este último dividido em primeira e segunda classes. A primeira classe era elegantemente pintada de branco, dotada de poltronas com assentos e encostos de palhinha. Já na segunda classe, os bancos eram duros e de madeira (FALABELLA, 2003). O “trenzinho de Mar de Espanha”, como era chamado carinhosamente pelo povo de Pequeri:

(...) marcou várias gerações de mar-de-espanhenses e pequerinenses pelo romantismo do seu trajeto serpenteando ao longo de 24 quilômetros vencidos em tempo certo. No tempo de uma hora e meia, chegava sempre a Pequeri ao meio dia, pouco antes da passagem do trem expresso vindo do Rio de Janeiro e partia às 15 horas - quando o outro expresso com destino ao litoral não atrasava. Aos sábados havia mais dois horários, às 6 da manhã e à noite, fazendo conexão com os trens mistos que ligavam Três Rios à Bicas. (VANNI, 2002:60).

Por mais de 60 anos, a Leopoldina manteve seus trens trafegando por Mar de Espanha. Contudo, encampada pelo governo federal após a Segunda Guerra Mundial, a ferrovia entrou em decadência e acabou sendo extinta em 1965, em decorrência da falta de uma séria política

voltada para o transporte ferroviário. Mar de Espanha foi uma das grandes prejudicadas pela política de erradicação das ferrovias que, por força de leis, deveriam ter sido substituídas por rodovias federais, o que, na prática, jamais aconteceu.

Embora os trilhos da ferrovia tenham sido retirados, o prédio da sua antiga estação de Mar de Espanha continua de pé, mantendo as características arquitetônicas originais. Atualmente, a construção abriga o terminal rodoviário do município e o escritório do Departamento de Turismo da Prefeitura.

2.7. O coronelismo e as tradições políticas de Mar de Espanha

O estudo da estrutura de poder político em Mar de Espanha (assim como em toda a região da Mata mineira), tomando como ponto de partida a liderança política, acaba apontando para a influente e tradicional figura do coronel, sendo seguido pela do doutor e do sacerdote.

No vértice da pirâmide social sempre estiveram os fazendeiros. Dos grupos desses fazendeiros, sobressaía um, capaz de assumir a liderança, fosse por tradição de família, sagacidade ou cabedal. A concomitante presença de um doutor e de um sacerdote na liderança política na região não alterava significativamente o papel assumido pelo coronel, visto que eles gravitavam ao redor do interesse da lavoura. MERCADANTE lembra também que havia sempre um grupo próximo ao coronel, formando o seu círculo de "amigos" e correligionários: *"cercam-no nos passeios, nas palestras de bares, no andejo, nos giros pelas imediações do municípios (...) Na mata, dizia-se "a roda", termo que exprime o bloqueio em torno do chefe"* (1973:107).

Deste modo, os principais chefes da municipalidade, desde a elevação do arraial à Vila até a primeira metade do século XX encontram-se, intimamente ligados ao latifúndio e, grosso modo, eram popularmente chamados de coronel. Aliás, os principais acontecimentos do município neste período histórico, sejam eles de caráter político – como a evolução administrativa da cidade – de caráter econômico – como as atividades agropecuárias e a construção de estradas – de caráter religioso – como a construção de igrejas – e de caráter cultural – como a inauguração de escolas – vinculam-se, de uma forma ou de outra, à figura de um determinado coronel.

Estes coronéis, por sua vez, dispunham de um considerável prestígio político junto à capital mineira e às lideranças nacionais, isso, principalmente, no período áureo da produção cafeeira. Não é por acaso que, duas das maiores personalidades históricas de Mar de Espanha são encontradas dentro deste segmento social.

A figura que mais se destaca na história de Mar de Espanha em suas primeiras décadas de existência foi o capitão e comendador Francisco Leite Ribeiro. Nascido em 1780, ele partiu para as “áreas proibidas” na segunda década do século XIX, deixando por lá importantíssimas realizações. A ele coube a gigantesca tarefa de abrir estradas, incluindo a que primeiro facilitou o acesso à região em 1822; e outra, de grande importância, substituindo antigas picadas e ligando o Porto da Piedade (na Baía da Guanabara) à região de Mar de Espanha, margeando o Rio Paraíba.

Cabe lembrar também que, em 1836, o comendador Francisco Ribeiro, ao mesmo tempo em que se empenhava na construção da estrada de Magé a Sapucaia, propunha ao governo imperial, a construção de uma ponte sobre o rio Paraíba, na localidade de Sapucaia, na província fluminense. Pretendia estabelecer a ligação de Magé, através da estrada que estava construindo, pela ponte que se propunha construir e pela estrada que já construira em 1822 ligando Magé ao arraial do Cágado. A ponte Sapucaia ficou pronta em 1841, sendo utilizada até os dias atuais. Toda esta pioneira atividade de abertura de estradas e pontes, vale dizer, deu-se com recursos particulares.

Com as estradas abertas, Francisco Leite acreditava estar solucionando o problema de escoamento dos produtos colhidos nas fazendas construídas na região por ele e seu irmão Custódio, dentre elas, a Fazenda Lourical. Ele foi, sem dúvida, a personalidade mais ousada, pioneira e progressista de Mar de Espanha no século XIX. Faleceu em 16 de maio de 1844.

Custódio Ferreira Leite, irmão de Francisco Leite Ribeiro, nasceu em 1782 na freguesia de Conceição da Barra, tendo sido comendador e Barão de Ayuroca. Foi em companhia de seu irmão, responsável por muitas atividades que permitiram o desenvolvimento da região. Seu nome encontra-se intimamente vinculado ao processo de emancipação política do Arraial do Cágado e sua posterior elevação a condição de cidade e à escolha do nome Mar de Espanha para

a vila que se formava. Foi um importante político regional, tendo sido o primeiro presidente da Câmara Municipal de Mar de Espanha e eleito à Assembléia Legislativa Provincial no biénio 1858-1859.

Além da política, sua imagem encontra-se vinculada à de um homem extremamente religioso e caridoso. A ele são atribuídas as construções de várias igrejas. Mas, na realidade, o que ele fez foi encabeçar e promover subscrições de donativos que possibilitaram a construção e reconstrução de templos católicos em diversas localidades.

Contribuíram para seu empobrecimento os muitos empréstimos concedidos a amigos e que não foram quitados, os investimentos em obras públicas como a construção do prédio da Câmara, além dos danos em seus cafezais causados por chuvas. Faleceu em 1859, quando já não desfrutava de uma situação financeira favorável. Foi enterrado na Fazenda Louriçal, onde seus restos mortais permaneceram até 1959, quando foram transferidos para o cemitério das Mercês.

Uma outra peculiaridade da cultura política de Mar de Espanha diz respeito ao modo como, desde o início final do século XIX até os dias atuais, a cidade mantém-se dividida entre dois partidos políticos. Inicialmente, a divisão se dava entre os Jagunços e jacobinos. Como tempo, os jagunços passaram a ser chamados de Bains, numa referência àqueles que iam trabalhar na roça em cima de caminhões, como bóias-frias.

Já os Jacobinas ganharam o nome de Caratingas, em referência a alguns caminhões de porcos que vinham da cidade mineira de Caratinga. Até a atualidade, grande parte da cidade mostra-se dividida em torno desses dois agrupamentos políticos que mantêm, cada um, o controle de determinados equipamentos coletivos e instituições da cidade. Ressalta-se que a manutenção dessa divisão político-partidária, ao longo de todo esse tempo, apresenta-se como um obstáculo ao progresso do município, e, conseqüentemente, elemento enfraquecedor do modelo democrático.

2.8. Manifestações culturais.

Apesar das dificuldades de comunicação com as demais regiões mineiras e com outras províncias, Mar de Espanha foi alvo da modernização que marcou a província mineira como um todo, obtendo, a partir da segunda metade do século XIX, um considerável desenvolvimento cultural. Esta cidade, assim como o restante da província passava por um momento de transformações sócio-culturais.

O processo de urbanização da sociedade brasileira e a incipiente alteração de sua estrutura econômica agrária permitiram, a partir da segunda metade do século XIX, o crescimento de segmentos sociais que, até então, possuíam uma fraca representatividade dentro da elite política imperial. Tais segmentos médios urbanos passaram a buscar em múltiplos canais de participação política - clubes, imprensa, agremiações, sociedades filantrópicas e a oralidade das ruas - uma maneira de inscreverem-se nos debates públicos que elaboravam propostas para o Brasil (COSTA, 1977:306). Cada vez mais, crescia a necessidade de fortalecer o poder regional para melhor proteção dos interesses dos novos segmentos sociais que emergiam.

O desejo de fazer circular as novas idéias e projetos refletiu também no fortalecimento da imprensa como canal de debate político, promovendo o surgimento de um grande número de periódicos e folhetos. O primeiro periódico de Mar de Espanha o “Nova Fase” foi 1884 por Luis Afonso Olive, não tendo, contudo, vida longa. Em seguida, surgiram o “Alvorada” (1885), o “Mar de Espanha” (1886), “O Tentamen” (1886), o “A Constituinte” (1890), a “Tribuna Popular” (1892), o “Correio de Minas” (1893) e “A Gazeta Municipal” (1893).

Entre as manifestações e usos tradicionais populares da cidade, nos dias atuais, destacam-se a Escola de Aprendizagem Musical e a Banda e Coral 24 de setembro – que ensina teoria e prática musical e é reconhecida pela formação de bons músicos. Há também a fanfarra da Escola Estadual de Mar de Espanha que se apresenta em datas comemorativas e a Associação Quilombo dos Palmares que atua na valorização e resgate da cultura negra.

No que se refere ao artesanato, vale destacar a atuação da Associação dos Artesãos de Mar de Espanha (ARTEMAR) que desenvolve um trabalho de divulgação e comercialização dos produtos dos artesãos da cidade. O artesanato gira em torno da produção de doces, cachaça, bordados, pinturas e bijuterias.

Ocorrem no município diversos acontecimentos culturais programados: em janeiro acontecem as festividades do reveillon e o desfile dos blocos carnavalescos e folclóricos, como o famoso Zé Pereira – criado no início do século XIX – que segue até fevereiro, com o carnaval. Em março, realiza-se o encontro de poetas; em maio, acontece o encontro de bandas e festividades religiosas em homenagem à São Luiz Orione; em junho, ocorre o festival de quadrilhas, com a participação das escolas e, em julho, a Exposição Agropecuária do município. Em setembro realizam-se as comemorações cívicas em função da emancipação do município, na qual entrega-se a medalha Barão de Ayuroca. Em outubro, dá-se a festa das crianças e em novembro, as competições esportivas e festival de talentos musicais. Em dezembro, começam os festejos natalinos.

Nos distritos e localidades, as festividades são de caráter puramente religioso e suas datas são em função dos padroeiros de cada local. Nos Alpes, a festa ocorre em maio; em Saudade, em maio ou junho; em Engenho Novo, em julho e em Córrego de Areia, a festa acontece em agosto.

A tradicional imprensa mar-de-espanhense continua atuante, sendo que, após a abertura e o fechamento de vários jornais ao longo do século XX, encontra-se sendo publicado O Mar de Espanha, recriado em 2005.

Importante destacar que o município goza de um sistema educacional bastante desenvolvido. Os equipamentos públicos de Mar de Espanha abrangem toda a cidade, em sua zona urbana e rural, através de quatro escolas Estaduais e seis escolas Municipais, sendo uma especializada para portadores de necessidades especiais. De modo geral, foi evidenciada a satisfação da comunidade em relação à educação, tendo toda a população acesso ao ensino (PLANO DIRETOR, 2006: 64).

2.9. A Religiosidade em Mar de Espanha

A cidade de Mar de Espanha, assim como todos os municípios mineiros surgidos no século XVIII e meados de XIX, possui uma cultura extremamente marcada pela religiosidade popular.

Conforme visto anteriormente, a localização das primeiras capelas em torno da qual formavam-se os núcleos populacionais, tinha o importante papel de influenciar no modo pelo qual se dava o processo de ocupação dessas cidades. Também, era em torno das datas religiosas e festejos organizados pelas irmandades que a vida cultural e festiva se realizava.

Em Mar de Espanha, a Irmandade de Nossa Senhora das Mercês, juntamente com a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, a primeira da elite e a segunda dos negros forros e dos pobres, foram as principais responsáveis pela organização dos festejos religiosos e pela construção dos templos católicos.

Também como em qualquer cidade tradicionalmente religiosa, Mar de Espanha possui suas crenças populares. Conta-se que a imagem de Santa Efigênia, após ser encontrada num morro, que hoje leva seu nome, foi transferida para a Igreja Matriz. Todavia, ela teria desaparecido de lá, para, no outro dia, ser encontrada no mesmo local de onde fora retirada. Por conta deste acontecimento, construiu-se no morro uma igreja para a santa, a Igreja de Santa Efigênia, edificada em 1892, se tornando símbolo de devoção, principalmente para a população mais carente.

Um acontecimento, entretanto, dá a Mar de Espanha uma significativa particularidade religiosa: a passagem de Dom Orione. São Luiz Orione viveu na cidade entre agosto de 1921 e janeiro de 1922, tendo sido eleito pelo povo como “o santo de Mar de Espanha”. Sua passagem pela cidade, apesar de curta, foi marcada pela fundação no município da Ordem dos Filhos da Divina Providência, os orionistas, e das Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade. Ele também celebrou missas, casamentos, batizados, além de realizar peregrinações por toda a redondeza. De acordo com pesquisadores, Mar de Espanha foi a cidade brasileira onde ele permaneceu por mais tempo nas três vezes em que passou pelo país (MAR DE ESPANHA, 2005:11).

As novas gerações de freiras da ordem católica fundada por ele continuam na cidade, assim como se mantém intacto o local onde ele se hospedou. Trata-se da chácara dos padres, erguida onde atualmente existe o Horto Municipal- Estação Ecológica. Um local aprazível onde o padre costumava realizar longas caminhadas.

Em 16 de maio de 2004, Mar de Espanha acompanhou pela televisão a cerimônia de canonização de Dom Orione, feita pelo papa. No mesmo ano, em 4 de setembro, o município

viveu mais um momento de festa, com a chegada à cidade de relíquias do santo, que estão guardadas no Santuário de Nossa Senhora das Mercês.

A religiosidade do povo de Mar de Espanha não se restringe, contudo, ao culto católico. O trabalho de pregação dos missionários da Igreja Batista, por exemplo, mostra-se presente na cidade desde 1938. O personagem mais importante para a difusão deste culto na região foi o Sr. Antônio Joaquim Penido.

As primeiras reuniões aconteceram em sua própria residência, no bairro Jardim Guanabara, e tiveram a participação de cerca de 15 pessoas. Durante o encontro, os adultos e as crianças se reuniam debaixo de uma mangueira. O sonho de todos os fiéis era conseguir organizar uma Igreja em Mar de Espanha.

Naquela época, já existia o trabalho batista em Sarandy. Aos poucos, outras famílias foram se agregando e as reuniões ocorrendo com mais frequência. Até que um dia, o pastor Antônio Lopes da Silveira foi informado que havia um terreno e uma casa à venda na região central de Mar de Espanha. Rapidamente o negócio foi fechado e no local surgiram a Igreja Batista e a Casa Pastoral.

No dia 30 de junho de 1940, então com 42 membros, foi organizada a Igreja Batista de Mar de Espanha. Atualmente, a igreja conta com quase 300 membros e possui três congregações (em Serra negra, Córrego de Areia e Chiador). (MAR DE ESPANHA, 2005:13).

Sacramento, dedicadas à Nossa Senhora, nas suas diversas manifestações. Em oposição, as irmandades de Nossa Senhora do Rosário eram dirigidas pelos pobres. Porém, esta composição inicial não era imutável. Com o desenvolvimento da povoação surgiam novas categorias sociais e econômicas intermediárias, as quais criavam novas ordens terceiras ou confrarias.

No entanto, estes agrupamentos intermediários, enquanto temporariamente desprovidos de recursos para a construção de novas capelas, continuavam a frequentar a Matriz, onde mantinham altares nas laterais da nave, dedicados a seus santos prediletos.

Com o tempo, essas irmandades juntavam recursos para construir as Igrejas do Rosário, localizados em um espaço, normalmente, periférico em relação à praça da Matriz. Outra tendência era de que as classes sociais de maiores recursos, através da irmandade mais poderosa, promovessem a substituição da primitiva capela por uma Igreja maior chamada

Matriz, ou que construíssem outras igrejas. Desta forma, as Igrejas mineiras iam sendo construídas e, conseqüentemente, as cidades iam, em função da localização destas igrejas, ganhando sua conformação urbana e social.

Foi exatamente este o processo pelo qual a cidade de Mar de Espanha viu formar o seu primeiro núcleo urbano. Primeiro, a elite local levantou fundos para a edificação da Igreja Matriz, na atual Praça Barão de Ayuroca, dando ao seu entrono um caráter nobre (a primeira capela é edificada por volta de 1820, sendo demolida e reconstruída entre 1834 e 1840; e a atual em 1886). Em seguida, os escravos, forros e brancos pobres edificaram a Igreja do Rosário (em 1886), em volta da qual forma estabelecendo-se os moradores desses segmentos sociais mais pobres. Finalmente, a mesma elite local edificou para si a Igreja de Santo Antônio (1886).

Desta forma, a localização da Matriz de Nossa Senhora das Mercês, constituiu um dos fatores determinantes do processo de configuração da cidade de Mar de Espanha (PLANO DIRETOR...2006: 36). Esta constatação sustenta a indicação desta construção religiosa e da praça na qual se insere como principais elementos polarizadores do Núcleo Histórico do município.

Além da inegável importância das capelas e matrizes para a conformação espacial dos municípios, é importante destacar o papel exercido pelos largos e praças que, ao longo do tempo, vão assumindo, conjuntamente com as edificações religiosas, a função de elementos centralizadores da vida econômica, política e cultural dos municípios.

Toda cidade, ao longo de sua existência, vai construindo a sua identidade e suas imagens com base em seus papéis econômicos, sociais, políticos, culturais e em suas paisagens naturais e históricas. Neste processo, as praças, como elementos de desenho urbano, ganham importância para a conformação dessas identidades, contribuindo para a composição das referências de uma cidade.

Ainda que inseridas de diferentes formas no espaço, assumindo funções cotidianas distintas – lazer, encontro, passagem, comércio, atalho, manifestações - e estabelecendo maior ou menor relação com seu entorno, as praças são por excelência espaços públicos, lugar de interação e sociabilidade, destacando-se *“como um vazio intencional, carregadas de parte da história, memória e cotidiano das cidades”* (ALMEIDA, 2001:8). Elas constituem, pois, um dos elementos mais importantes do desenho urbano.

Neste sentido, as praças assumem o caráter de centralidade devido a sua capacidade original de aglutinar significações culturais públicas de relações diversificadas. Não por acaso, as praças são objetos privilegiados de estudos que procuram identificar as características e as alterações nos modos de vida e de sociabilidade de um determinado lugar. O cuidado e a boa gestão de um espaço público como as praças podem alterar a qualidade de vida dos cidadãos, gerando maior integração social e reforçando a imagem da cidade e sua identidade coletiva.

Estas constatações reforçam o papel da Praça Barão de Ayuroca como elemento polarizador do Núcleo Histórico do município. Faz-se, pois, necessário, um breve estudo de sua conformação histórica e urbanística, compreendendo-a dentro de um processo contínuo de construção e desconstrução de sua centralidade em Mar de Espanha, bem como a percebendo como espaço territorializado, apropriado simbolicamente e fisicamente enquanto um processo.

O marco fundador do arraial do Cagado corresponde à atual rua Major Antônio Barbosa, antiga rua Nova. Nesta rua estabeleceu-se, em meados do século XIX, o rancho utilizado para abrigar viajantes e de onde partiu a expansão inicial do município. Desta primeira ocupação, entretanto, não resta mais nenhuma edificação que sirva de registro histórico, encontrando a rua completamente descaracterizada e ocupada por edificações recentes.

Todavia, pode-se considerar que o núcleo urbano de Mar de Espanha começou a se conformar quando, ainda em meados dos anos de 1830, a ocupação da região atravessou o ribeirão de São João, em sentido sul, ocupando o vale ali existente.

A importância da região central deste vale, hoje a Praça Barão de Ayuroca, pode ser constatada com base na decisão dos moradores do arraial de nele edificar sua primeira capela. A presença desta capela elegia o então Largo da Matriz em região central do arraial, elemento centralizador dos principais acontecimentos e manifestações culturais, local de concentração de pessoas e das edificações referências, e, conseqüentemente, o ponto mais nobre e cobiçado da região.

Assim que a primeira igreja foi construída por volta de 1820, começaram a surgir ao seu redor os primeiros solares que serviram como moradia e casas comerciais da elite local. O rés-do-chão era ocupado por armazéns de café ou de secos e molhados; no pavimento superior ficava a residência das famílias. As fachadas eram em estilo colonial, com portas avarandadas. A cor

predominante era a branca e o azul, como de costume. Era o nascimento do primeiro núcleo populacional que daria origem à cidade. (TEMPONI, 1989:2).

O largo da Matriz foi palco de vários acontecimentos significativos para o município. Um dos mais importantes deles foi, sem dúvida, a difícil e arrastada construção do atual Santuário de Nossa Senhora.



Este documento contém informações confidenciais e não deve ser divulgado sem a autorização expressa do autor.

Este projeto foi desenvolvido sob a supervisão do arquiteto responsável, tendo em vista a importância do espaço público e a necessidade de um planejamento urbano sustentável.



Projeto de Paisagem Urbana - Parque José Schettino - 2014

CONTEXTUALIZAÇÃO DO BEM CULTURAL NO MUNICÍPIO

Foi em torno de um simples cruzeiro de madeira e de orações improvisadas, geralmente pontos de parada de tropeiros, que surgiram, na maioria dos casos, os primitivos povoados da região da Mata Mineira. Regra geral, a fundação de um povoado ou arraial tinha por base a existência do símbolo do catolicismo e na reserva de áreas de terras para o cemitério e para o patrimônio da Igreja a ser construída. Da importância da religião para a história dos municípios surgidos até meados do século XIX, quando o catolicismo ainda encontrava-se intimamente vinculado à política e a organização territorial do Brasil.

Em Mar de Espanha não podia ser diferente e, foi a partir da construção da capela de Nossa Senhora das Mercês que a cidade passou a se desenvolver, deixando de ser apenas uma rancharia para abrigos de viajantes a caminho do interior da Província de Minas Gerais e regiões interioranas, para ser o Arraial de Nossa Senhora das Mercês do Cágado, e logo após, a cidade que é hoje.

Além da Capela, outro marco fundador do arraial do Cágado corresponde à atual Rua Major Antônio Barbosa, antiga Rua Nova. Nesta rua estabeleceu-se, em meados do século XIX, o rancho utilizado para abrigar viajantes e de onde partiu a expansão inicial do município. Desta primeira ocupação, entretanto, não resta mais nenhuma edificação que sirva de registro histórico, encontrando a rua completamente descaracterizada e ocupada por edificações recentes.

Todavia, pode-se considerar que o núcleo urbano de Mar de Espanha começou a se conformar quando, ainda em meados dos anos de 1830, a ocupação da região atravessou o Ribeirão de São João, em sentido sul, ocupando o vale ali existente.

A importância da região central deste vale, hoje a Praça Barão de Ayuroca, pode ser constatada com base na decisão dos moradores do arraial de nele edificar sua primeira capela, dedicada a Nossa Senhora das Mercês. A presença desta capela elegia o então Largo da Matriz em região central do arraial, elemento centralizador dos principais acontecimentos e manifestações culturais, local de concentração de pessoas e das edificações referências, e, conseqüentemente, o ponto mais nobre e cobiçado da região.

Assim que a primeira igreja foi construída por volta de 1820, começaram a surgir ao seu redor os primeiros solares que serviram como moradia e casas comerciais da elite local. O rés-do-chão era ocupado por armazéns de café ou de secos e molhados; no pavimento superior ficava a residência das famílias. As fachadas eram em estilo colonial, com portas avarandadas. A cor predominante era a branca e o azul, como de costume. Era o nascimento do primeiro núcleo populacional que daria origem à cidade. (TEMPONI, 1989:2).

O largo da Matriz foi palco de vários acontecimentos significativos para o município. Um dos mais importantes deles foi, sem dúvida, a difícil e arrastada construção do atual Santuário de Nossa Senhora.

Ao redor da área atualmente denominada Parque José Schettino, localizado na Praça Barão de Ayuruoca, paulatinamente, foram sendo construídos os sobrados que, no auge do poderio econômico da cidade, serviam de residências para os barões do café daquela época. Nicola Falabella, memorialista de Mar de Espanha traça uma interessante descrição do Largo da praça Barão de Ayuroca e do seu entorno pelos idos de 1886, época da inauguração da Matriz:

Dois arruamentos confluem para o terreno baldio, onde cavalos e cabras pastam bucolicamente. É o Largo. No centro dele, avulta grande igreja em construção. A volta do templo, aprumam-se prédios de dois pavimentos, os sobrados, todos com muitas portas ao nível da rua e janelas envidraçadas reverberantes ao sol. Alguns ostentam varandinhas de ferro trabalhado e têm, nos seus pavimentos térreos, armações de comércio (FALABELLA, 2003:34).

De papel polarizador, a região atua como elemento centralizador dos principais equipamentos urbanos. Em seu perímetro, um conjunto de edificações – desde equipamentos públicos e coletivos até imóveis residenciais – são os mais significativos para a cidade, não só por sua beleza arquitetônica, mas também pela função que estas exerceram ou ainda exercem dentro do seu funcionamento administrativo, cultural, religioso e comercial.

Em 2001, na ocasião do sesquicentenário da elevação do Arraial do Cagado à condição de vila de Mar de Espanha, a área sofre sua primeira grande reforma desde que foi reconstruída pela

municipalidade em 1926. Os canteiros principais e as suas alamedas encontravam-se tomadas por matagais e por árvores frutíferas e medicinais plantadas aleatoriamente ao longo do tempo. As cercas vivas que contornavam o parque estavam danificadas e os bancos quebrados. Começou-se assim, a reforma que refez o canteiro com o replantio de árvores e reconstituiu os antigos bancos em mármore que estavam destruídos. Também, foi desaterrado o repuxo onde se colocou uma nova fonte, idêntica a primitiva de 1926 e que já não existia.



03.HISTÓRICO DO BEM CULTURAL

Foi em torno de um simples cruzeiro de madeira e de orações improvisadas, geralmente pontos de parada de tropeiros, que surgiram, na maioria dos casos, os primitivos povoados da região da mata Mineira. Regra geral, a fundação de um povoado ou arraial tinha por base a existência do símbolo do catolicismo e na reserva de áreas de terras para o cemitério e para o patrimônio da Igreja a ser construída. Daí importância da religião para a história dos municípios surgidos até meados do século XIX, quando o catolicismo ainda encontrava-se intimamente vinculado à política e a organização territorial do Brasil.

Logo que os primeiros núcleos formavam-se a partir do desenvolvimento de um rancho, as relações de vizinhança, nascidas entre os agricultores, provocavam a iniciativa das doações para a construção da capela. Esta era instalada em largos que, com o tempo, tornavam-se a praça principal do lugarejo. Em decorrência das longas distâncias entre os arraiais e os principais municípios, as construções das igrejas costumavam arrastar-se por anos. Seja como for, destaca MERCADANTE, *"ocorre em toda a Mata a reunião de lavradores vizinhos e o levantamento da capela sob a invocação de um santo piedoso. A partir da iniciativa nasce o núcleo, o embrião do povoado"* (1973:84).

Ressalta-se que, o natural crescimento do lugar tomava evidente a diferenciação social e econômica dos grupos de indivíduos. Assim, o vigário, ou os chamados "homens bons" do local, ou seja, os brancos, ricos, e tidos como de bom caráter, organizavam duas associações religiosas nas quais se agrupavam os componentes das duas classes que basicamente formavam a população. Desta forma, as igrejas mineiras iam sendo construídas e, conseqüentemente, as cidades iam, em função da localização destas igrejas, ganhando sua conformação urbana e social.

Em Mar de Espanha não podia ser diferente e, foi a partir desse centro que a cidade passou a se desenvolver, deixando de ser apenas uma rancharia para abrigos de viajantes a caminho do interior da Província de Minas Gerais e regiões interioranas, para ser o Arraial de Nossa Senhora das Mercês do Cágado, e logo após, a cidade que é hoje. Ao redor da área atualmente

denominada Parque José Schettino, localizado na Praça Barão de Ayuroca, paulatinamente, foram sendo construídos os sobrados que, no auge do poderio econômico da cidade, serviam de residências para os barões do café daquela época. Nicola Falabella, memorialista de Mar de Espanha traça uma interessante descrição do Largo da praça Barão de Ayuroca e do seu entorno pelos idos de 1886, época da inauguração da Matriz:

Dois arruamentos confluem para o terreno baldio, onde cavalos e cabras pastam bucolicamente. É o Largo. No centro dele, avulta grande igreja em construção. A volta do templo, aprumam-se prédios de dois pavimentos, os sobrados, todos com muitas portas ao nível da rua e janelas envidraçadas reverberantes ao sol. Alguns ostentam varandinhas de ferro trabalhado e têm, nos seus pavimentos térreos, armações de comércio (FALABELLA, 2003:34).

Em 1907, com base na Lei 272, de 18 de janeiro do mesmo que *"autoriza a arborização da Praça Barão de Ayuroca"* (GIL, 1951), o largo da matriz começou a receber as primeiras mudas de árvores e plantas de várias espécies. Com o tempo, a vegetação do largo foi crescendo e este acabou por receber o nome de Parque Agostinho Cortes. Tornando-se principal ponto de encontro e lazer da cidade, oferecendo seu espaço para as crianças jogarem futebol e para os jovens e turistas realizarem seus passeios (FALLABELLA, 2003), este espaço de sociabilidade foi objeto de cuidados especiais pela municipalidade. O prefeito Nunziato Schettino, em sua prestação de contas à Câmara municipal, gabava-se de dizer que em 1917 *"o parque Agostinho Cortes foi convenientemente tratado e consideravelmente melhorado, continuando a impressionar agradavelmente aos visitantes e a servir de ponto de recreio para as famílias, aos domingos"* (RELATORIO...1918:22). Já em 1919, o parque foi ampliado, ganhando 15 metros de valetas, suas alamedas foram cobertas com saibro e nele assentou-se um chafariz. Também, nesta data foi removido o cemitério velho das mercês, sendo sua área transformada em parque. (RELATORIO...1920:39).

Uma observação, contudo, faz-se necessária. Ao longo do século XX, o largo da matriz recebeu vários nomes, que ora lhe tratavam como parque, ora como praça. Não foi possível identificar com precisão a data e a ocasião em que os nomes foram sendo dados e, conseqüentemente,

substituídos. Os nomes foram os seguintes: Praça Barão de Ayuruoca, Parque Agostinho Cortes, Praça Benedito Valadares, Praça Santos Dumond e, finalmente, Parque José Francisco Schettino. Contudo, foi possível perceber nas várias referências feitas à praça ao longo do tempo que, a despeito dos vários nomes oficiais que ela recebeu, desde o início do século XX ela já era conhecida pela população como Praça Barão de Ayuroca.

No início do século XX, o então Parque Agostinho Cortes possuía “*extensos gramados e ensaiçadas alamedas providas de bancos com pés de ferro e assentos e encostos de ripas de madeira pintadas de branco*” (FALABELLA, 2003). Seu terreno era cortado por duas alamedas nos sentidos norte-sul e leste-oeste. Uma delas começava ao pé do cruzeiro que se ergue junto à escadaria semi-circular do adro e terminava na então recém aberta avenida Bueno Brandão. A outra alameda principiava na rua do hotel da família Moreira e terminava na praçinha que precedia a rua das Flores.



Figuras 05 e 06. Vista antes da reforma de José Francisco Schettino, que eliminou o coreto. Na fig.04, destaca-se o coreto através da seta. Data provável: final do século XIX/ início do séc. XX.
Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Mar de Espanha.

No cruzamento central das duas alamedas, erguia-se o coreto, construído de forma arredondada com dois pisos. O seu térreo era de alvenaria, com uma estreita escadinha interna, sendo utilizado para guardar ferramentas e materiais de conservação do parque. O andar superior era assoalhado e protegido por gradil de ferro. Embora tivesse a finalidade de servir às retratas, o coreto acabava sendo usado como palco para oradores de festas cívicas e para campanhas eleitorais. Também, o coreto serviu, por muito tempo, como modesta moradia de um Jaburu. Adquirido pela municipalidade, a ave foi, por muito tempo, uma atração popular em Mar de Espanha (FALABELLA, 2003).

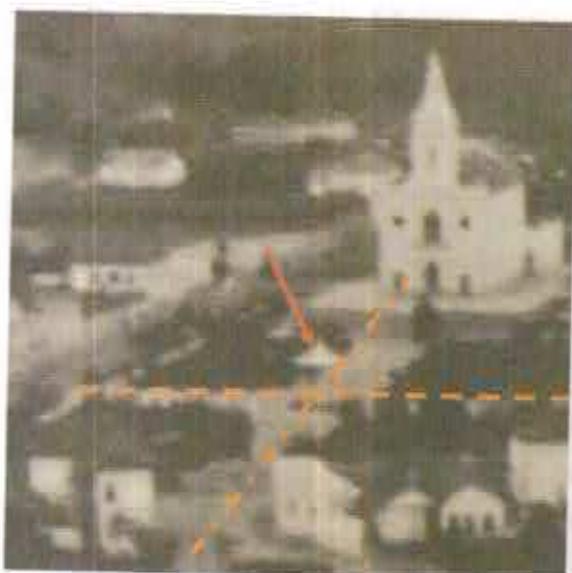


Figura 07. Vista geral datada de 1913. Apesar da qualidade deficiente, identificamos o coreto na foto - vide seta vermelha, e o sentido das alamedas que cortam toda praça, norte-sul, leste-oeste. Fonte: Prefeitura Municipal de Mar de Espanha.

Em 1926, o presidente da Câmara Municipal, José Francisco Schettino, dá início a uma obra extremamente polêmica, visto tratar-se da reforma daquele que era o coração do município, isto é, o Parque Agostinho Cortes. O objetivo da reforma era transformar o parque em *"um lindo logradouro público, inebriando nossos visitantes com a beleza de seus arbustos e o perfume de suas flores, que darão uma alegria bizarra à cidade"*. (O MARDESPANHENSE, 1930)

Para os trabalhos e construção foi contratado o Sr. José Hettfleisch, técnico enviado por uma empresa de São Paulo chamada Floricultura. Contudo, para que a reforma acontecesse foi preciso, primeiro, derrubar todas as árvores, tidas como não estéticas e impróprias para o lugar, arrancando todo o gramado para, em seguida, realizar o desaterro e nivelamento do terreno. O velho coreto também foi demolido para dar lugar a um tanque com repuxo. Estas primeiras

obras de demolição aterrorizaram muitos moradores que tiveram a impressão de que estavam perdendo o parque da cidade. FALABELLA descreve a surpresa da população diante da cena:

Entro em casa correndo e solto a novidade: - Estão derrubando as árvores do parque! Tem uma porção de gente trabalhando lá!

Mamãe enxuga as mãos no avental, chega até a janela do seu quarto e confirma: - Nossa, é verdade! Porque estão fazendo isto?

- Ouvi dizer que a câmara vai reformar o jardim.

- mas será preciso cortar árvores tão bonitas e antigas? Que crime!

Volto ao local do crime. Junto-me a um grupo de garotos. Observo a faina destruidora dos machados e serrotes. A derrubada atrai numerosos moradores da vizinhança. Um alemão alto, gordo e rubicundo, que usa um uniforme caqui, polainas e capacete, comanda os trabalhadores. Fico sabendo que é o engenheiro Muller, contratado para executar a obra (...) Cercado de auxiliares, surge no local o agente executivo, Dr. José Francisco Schettino (...) Ao redor de Schettino, cidadão inconformados querem explicações sobre o que está sendo feito no parque. Alguns mais exaltados acham que o agente executivo endoidou.

- Tenha paciência, diz Schettino. Vamos fazer um parque-jardim moderno, belíssimo, tudo de acordo com o projeto do técnico competente. Ele construiu os jardins mais bonitos de São Paulo.

Parecia que o local foi bombardeado. Grandes crateras por toda a parte. Troncos serrados, galhos queimados e os buracos abertos para a remoção das raízes... (FALABELLA, 2003).





Figuras 08, 09 e 10. Vistas do então Parque Agostinho Cortes após a reforma de 1928. Aparentemente, pelo desenvolvimento das árvores identificadas, a ordem apresentada é cronológica.
Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Mar de Espanha – figuras 08 e 09, e para fig. 10, FALABELLA, Nicola. *Antes Que a Luz se Apague*, pg.379. Belo Horizonte. Editora Gráfica LÊ. 2003.

Polêmico também foi o processo de retirada do cruzeiro localizado em frente à matriz. Segundo o projetista da reforma “*jardim moderno não tem cruzeiro. Onde está o cruzeiro haverá grande gramado, cercado de azaléias e roseiras*” (FALABELLA, 2003). Todavia, o cruzeiro, plantado no adro da igreja, constitui uma das maiores tradições das cidades fervorosamente católicas. A cidade se divide em torno da questão: ao lado do padre ficam os tradicionalistas, defendendo a manutenção do cruzeiro. Contra este ficam os progressistas. Diante das objeções impostas pelos municipais, o engenheiro Muller ameaça ir embora caso não sejam mantido o projeto original, isto é, sem cruzeiro. A questão é resolvida quando, numa tempestade torrencial, um dos braços do cruzeiro é decepado pelo vento. O padre acredita que o acontecido foi um sinal divino e passa a concordar com a retirada do cruzeiro. Este último acaba sendo transferido para o portão

do Cemitério de Nossa Senhora das mercês (FALABELLA, 2003). O resultado da reforma, encerrada em 1928, foi, segundo a imprensa mardespanhanese *“um jardim que, a não ser pela praça da Liberdade, em Belo Horizonte, nenhum outro em nosso Estado lhe excede”* (O MARDESPANHENSE, 1930). Aqueles que, até então, criticaram a obra, acabaram por admitir sua beleza. O jardim, como ficou mais conhecido, passou a ser motivo de orgulho para a população. Da seguinte maneira foi descrito o jardim, imediatamente após o término de sua reforma:

Do antigo logradouro poucos vestígios restam. Ao pé da escadaria do adro (onde se erguia o cruzeiro) surge balaustrada de mármore branco que emoldura gramado retangular ladeado por canteiros de rosas e azaléias. No lugar do antigo coreto, constrói-se espelho d'água, também de mármore branco de neve, com repuxo central. Novas alamedas dispõem de bancos de alvenaria que substituem os velhos banquinhos de madeira. Antigas e frondosas árvores são preservadas, em vários pontos, para assegurar ao logradouro sua primitiva característica de parque. Numa extremidade da alameda central, ergue-se, a meia altura, um coreto redondo de cimento armado, cujo subsolo é habilmente aproveitado como mictório público e almoxarifado. Bancos de alvenaria e mármore circundam o novo coreto. No parque central, que defronta Santa Efigênea, outro grande canteiro gramado, de forma exótica (côncava), desperta admiração por exhibir, sobre pedestal de alvenaria, enorme terrina de mármore, da qual transbordam flores (FALLABELLA, 2003).

Todavia, essa mesma imprensa que elogiava a beleza do parque criticava o antigo administrador do município, José Francisco Schettino, por sua operosidade na gestão financeira da obra que resultou em sérios danos e prejuízos econômicos à cidade:

Util melhoramento, e certo, mas a verba empregada neste serviço ultrapassou ao justo e ao necessário. O técnico que veio dirigir o serviço gostava de ordenado de grande vulto e da pensão mantida pela câmara; os empregados para este serviço tinham pingues e eram em número muitas vezes mais do que o suficiente para este montoso serviço.

Falam enlouquecidamente as folhas de pagamento arquivadas. Causa espanto o gasto feito com mudas de plantas e flores importadas de uma casa de São Paulo, Dielberg & Cia. Esta

firma deu a fatura à câmara do sr. Schettino na importância de 13.096\$000.

Admirem e pasmem! R\$ 13.096\$000 de mudas de plantas e flores!

Não existiram, nem existem em nosso jardim plantas raras e custosas que justificassem tão fabuloso dispêndio. Se a câmara tivesse empenho em fazer economia, poderia por preço muito mais em conta, adquiri-las da Secretaria da Agricultura deste estado por preço mínimo...(O MARDESPANHENSE, 1930).

Com a reforma do parque, a população mardespanhese rapidamente apropriou-se deste espaço como seu principal local de lazer, ponto de encontro e de cerimônias públicas. A necessidade de zelar pela manutenção de sua boa aparência foi tal que, o primeiro decreto do então prefeito Coronel Nogueira Penido em 1931 foi o que comunicava aos moradores da cidade que, quem fosse apanhado pisando na grama, estragando árvores, apanhando flores ou fazendo outras depredações no parque Agostinho Cortes seria severamente punido pela força pública do destacamento da cidade.

Ao longo dos anos, o parque sofreu poucas intervenções em relação ao desenho original de 1926. Sabe-se, embora não com datas precisas, que foi construído um lago com uma ponte na parte frontal da praça, lá pelos idos de 1960. Nesta mesma década, o lago é aterrado, restando somente a ponte. Também nos anos 60, a praça recebe um parquinho de brinquedos localizado ao lado direito da Matriz e que se mantém em uso até os dias atuais.

Em 2001, na ocasião do sesquicentenário da elevação do Arraial do Cágado à condição de vila de Mar de Espanha, a área sofre sua primeira grande reforma desde que foi reconstruída pela municipalidade em 1926. Os canteiros principais e as suas alamedas encontravam-se tomadas por matagais e por árvores frutíferas e medicinais plantadas aleatoriamente ao longo do tempo. As cercas vivas que contornavam o parque estavam danificadas e os bancos quebrados. Começou-se assim, a reforma que refez o canteiro com o replantio de árvores e reconstituiu os antigos bancos em mármore que estavam destruídos. Também, foi desaterrado o repuxo onde se colocou uma nova fonte, idêntica a primitiva de 1926 e que já não existia.



Fig. 11, 12 e 13. Imagens do parque após a reforma de 2001. As imagens foram produzidas por fotógrafo local, no dia da inauguração. Na primeira foto, uma visada do centro do largo da Praça Barão de Ayuruoca destaca a Matriz e arbustos do parque. Em seguida, canteiro central visto da sacada do coro da igreja e, por fim, detalhe do canteiro (lago aterrado) próximo à ponte construída aproximadamente no ano de 1960.

Fonte: Acervo fotógrafo Ailton.

Além das reformas ocorridas no bem tombado, há que se mencionar a relevância dos bens e/ou acontecimentos no entorno, seja ele mediato – Praça Barão de Ayuruoca, ou imediato ao parque – Núcleo Histórico. De papel polarizador, a região atua como elemento centralizador dos principais equipamentos urbanos. Em seu perímetro, um conjunto de edificações – desde equipamentos públicos e coletivos até imóveis residenciais – são os mais significativos para a cidade, não só por sua beleza arquitetônica, mas também pela função que estas exerceram ou ainda exercem dentro do seu funcionamento administrativo, cultural, religioso e comercial. Trecho da zona urbana da cidade, destacamos sua ocupação entre meados do século XIX até os anos 1940. Em fins do século XIX, por exemplo, ocorreu a transferência da sede administrativa do município para o largo da Matriz.



El presente documento es una copia de un documento original que forma parte de un expediente administrativo. El original se encuentra en el archivo de la Dirección General de Urbanismo y Planeación Urbana de la Secretaría de Desarrollo Urbano y Vivienda de la Presidencia de la República. Este documento es una reproducción digital de un documento original que forma parte de un expediente administrativo. El original se encuentra en el archivo de la Dirección General de Urbanismo y Planeación Urbana de la Secretaría de Desarrollo Urbano y Vivienda de la Presidencia de la República.

Este documento es una copia de un documento original que forma parte de un expediente administrativo. El original se encuentra en el archivo de la Dirección General de Urbanismo y Planeación Urbana de la Secretaría de Desarrollo Urbano y Vivienda de la Presidencia de la República. Este documento es una reproducción digital de un documento original que forma parte de un expediente administrativo. El original se encuentra en el archivo de la Dirección General de Urbanismo y Planeación Urbana de la Secretaría de Desarrollo Urbano y Vivienda de la Presidencia de la República.

Este documento es una copia de un documento original que forma parte de un expediente administrativo. El original se encuentra en el archivo de la Dirección General de Urbanismo y Planeación Urbana de la Secretaría de Desarrollo Urbano y Vivienda de la Presidencia de la República.



04. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO BEM CULTURAL

PATRIMÔNIO EDIFICADO

O Parque Dr. José Francisco Schettino, está localizado no centro histórico da cidade. Ocupa uma área de, aproximadamente, 3,0 ha. e está inserido no centro da Praça Barão de Ayuruoca. No lado sul do Parque, em um platô mais elevado do que ele, está situado o Santuário Nossa Senhora das Mercês. Do adro da Igreja, vislumbra-se praticamente todo o parque, que está situado no prolongamento da encosta e se origina nos fundos do Santuário, prolongando-se para o centro comercial da cidade. Além de sua beleza arquitetônica, que seguiu o estilo do final do século XIX, ela compõe como o parque e os demais elementos do seu entorno um conjunto harmonioso.

A concepção básica do projeto do Parque foi ter uma alameda central, no sentido leste/oeste, em nível, para que as pessoas possam se reunir, passear ao longo dessa alameda, etc. Essa alameda central é dividida em duas partes, separadas no meio por um chafariz. O acesso a essa alameda central, que é o ponto nevrálgico do Parque, se faz por alamedas secundárias e escadas, partindo de nove pontos diferentes do seu entorno.

Sobre o entorno edificado do Parque José Schettino

No entorno imediato ao parque, paulatinamente, foram sendo construídos sobrados que, no auge do poderio econômico da cidade, serviram de residências para os barões do café daquela época. Paralelo ao desenvolvimento de Mar de Espanha cabe destacar a presença de um considerável patrimônio cultural e referencial para o município. É o caso da Escola Estadual Estevão Pinto e dos prédios da Prefeitura e da Câmara Municipal. Além destes citamos o Prédio do Antigo Fórum, conjugado com a Cadeia, hoje funcionando o Clube Recreativo; ao lado deste prédio encontra-se a Agência dos Correios e nos fundos deste, o Prédio da Cadeia Municipal. Ainda sobre a cadeia, foi na segunda metade do século XIX que o edifício foi implantado no largo. Com uma fachada em estilo grego-romano, possui falsas colunas que adornam a porta principal. Já o antigo prédio que abrigou a primeira sede da Câmara Municipal de Mar de Espanha, também localizado no entorno do parque, foi fundado em 1941, o Clube recreativo de Mar de Espanha, mais antigo da cidade. O objetivo do clube era promover e patrocinar atividades recreativas, de caráter cultural, artístico, social e cívico. Por ocasião das comemorações dos 154 anos de emancipação de Mar de Espanha, inaugurou-se no prédio do clube o Espaço Cultural Falabella. Este abriga um acervo variado que registra a história e as diversas manifestações culturais da cidade, como fotografias, livros, jornais antigos, esculturas,

além de oferecer apresentações de peças teatrais. A edificação que abriga o Clube e Espaço Cultural é tombada pelo município.

PATRIMÔNIO NATURAL

O Parque é formado por uma área verde comum entre as diversas alamedas. Nestas áreas têm-se grandes árvores da flora nacional e exótica e canteiros compostos de diversas plantas ornamentais. As espécies de árvores identificadas são em geral exóticas tendo como atrativos o rápido crescimento, a beleza de sua florada, ou outro importante aspecto biológico como produção de frutos e sementes que podem atrair a vida silvestre local. Algumas árvores além da importância ecológica para a avifauna, servem ainda de abrigo e de alimento a preguiças de três dedos, *Bradypus variegatus*.

Observa-se na maioria das árvores a presença de plantas trepadeiras ou lianas (aquelas cujo caule é incapaz de sustentar-se em posição ereta por seus próprios meios) e plantas epífitas (aquelas que se estabelecem diretamente sobre o tronco, galhos, ramos ou sobre as folhas das árvores) como as bromélias e orquídeas.

Dentre as espécies de árvores brasileiras encontradas na Praça destacam-se:

- O Pinheiro do Paraná, *Araucaria angustifolia*, da família Araucariaceae é árvore nativa das florestas e dos campos do sul do país, e possui uma ampla área de distribuição, porém devido à exploração indiscriminada encontra-se na lista oficial das espécies da flora brasileira ameaçadas de extinção. A araucária atinge entre 10 a 35m e interage intensamente com a fauna, constituindo um elemento muito importante para a dispersão das sementes. Entre estes animais destacam-se os roedores e as aves.
- O Pau Brasil, *Caesalpinia echinata*, da família Leguminosae é uma árvore nativa da Mata Atlântica brasileira, com o tronco recoberto de espinhos, de crescimento lento, podendo chegar a 30 m de altura. Atualmente o pau-brasil é uma espécie ameaçada de extinção, que é dificilmente encontrada em seu habitat natural. Esta escassez se deve à intensa exploração que sofreu no passado, quando sua madeira era utilizada para extração de corantes. Apesar disso está sendo largamente utilizada no paisagismo urbano, devido às suas qualidades ornamentais, e é comum sua aplicação em parques públicos e amplos jardins residenciais.
- O Cedro, *Cedrela fissilis*, é uma espécie rara, que ocorre em diversas formações florestais brasileiras e praticamente em toda América tropical. É árvore frondosa, com

altura variando entre 10 e 25m, e produz uma das madeiras mais apreciadas no comércio, tanto brasileiro quanto internacional, por ter coloração semelhante ao mogno e, entre as madeiras leves, é uma das que possibilita o uso mais diversificado, sendo superada apenas pela madeira do pinheiro-do-paraná.

Tabela 1. Lista de espécies arbóreas que atualmente compõem a Praça Barão de Ayuruoca, Mar de Espanha, Minas Gerais.

Família	Nome científico	Nome Popular
Araucariaceae	<i>Araucaria angustifolia</i>	Pinheiro-do-Paraná
Bignoniaceae	<i>Spathodea campanulata</i>	Tulipeira, espatódea
Bombacaceae	<i>Chorisia sp.</i>	Paneira
Combretaceae	<i>Terminalia catappa</i>	Amendoeira
Lecythidaceae	<i>Lecythis pisonis</i>	Sapucaia
Leguminosae	<i>Clitoria fairchildiana</i>	Sombreiro
Leguminosae	<i>Delonix regia</i>	Famboia
Leguminosae	<i>Caesalpinia echinata</i>	Pau Brasil
Leguminosae	<i>Caesalpinia ferrea</i>	Pau Ferro
Leguminosae	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	Sibiruna
Magnoliaceae	<i>Michelia sp.</i>	Magnolia
Meliceae	<i>Cedrela fissilis</i>	Cedro
Moraceae	<i>Ficus sp.</i>	Ficus
Oleaceae	<i>Ligustrum lucidum</i>	Alfeneiro
Pinaceae	<i>Pinus sp.</i>	Pinocra
Rubiaceae	<i>Calycophyllum spruceanum</i>	Pau mulato
Rutaceae	<i>Murraya exotica</i>	Murta

A vegetação ornamental catalogada é composta de grande variedade de espécies. Dentre estas destaca-se a família Palmae, cujos representantes são as palmeiras. Flexíveis e imponentes, porém de crescimento lento, estas plantas toleram adversidades como a salinidade do solo e ventos fortes e ainda são plantas elegantes e ao mesmo tempo rústicas cujos ricos frutos atraem muitos pássaros. Outra família bem representada é a Liliaceae, cujos representantes são comumente utilizados para a ornamentação de parques e praças públicas. Gramíneas e ciprestes completam ainda a ornamentação da praça. Nota-se que as plantas ornamentais que compõem os jardins são padronizados pela repetição mais ou menos constante das mesmas espécies. Também se observa o emprego muito reduzido de espécies brasileiras.

Tabela 2. Lista de espécies de plantas ornamentais que atualmente compõem o jardim da Praça Barão de Ayuruoca, Mar de Espanha, Minas Gerais.

Família Botânica	Nome Científico	Nome Popular
Achantaceae	<i>Graptophyllum pictum</i>	Graptólio
Achantaceae	<i>Sanchezia nobilis</i>	Sanquézia
Achantaceae	<i>Ptychostachys lutea</i>	Camarão-amarelo
Amaranthaceae	<i>Iresine herbstii</i>	Iresine, coração-magoadado
Amaryllidaceae	<i>Agave attenuata</i>	Agave-dragão
Apocynaceae	<i>Catharanthus roseus</i>	Vinca-de-gato
Araceae	<i>Anthurium andraeanum</i>	Antúrio
Araceae	<i>Epipremnum pinnatum</i>	Jibóia-verde
Araceae	<i>Monstera deliciosa</i>	Costela-de-adão
Araceae	<i>Spathiphyllum wallisi</i>	Lírio-da-paz
Aspladeae	<i>Schefflera arboricola</i>	Chelera-pequena
Cactaceae	<i>Nopalea cochenillifera</i>	Urumbeta
Cactaceae	<i>Cereus jamaicanus</i>	Mandacari
Commelinaceae	<i>Tradescantia spathacea</i>	Abacaxi-roxo
Cycadaceae	<i>Cycas revoluta</i>	Olga, Sagu
Cyperaceae	<i>Cyperus alternifolius</i>	Sombriinha-chinesa
Bromeliaceae	<i>Bromelia sp.</i>	Bromélia
Davalliaceae	<i>Nephtrolepis pectinata</i>	Sambaia-paulista
Ericaceae	<i>Rhododendron sp.</i>	Azaleia
Euphorbiaceae	<i>Cordiaum variegatum</i>	Cróton
Gramineae	<i>Paspalum notatum</i>	Grama-comum
Heliconiaceae	<i>Heliconia sp.</i>	Helicônia
Liliaceae	<i>Sanseveia trifasciata var. laurentii</i>	Espada-de-são-jorge
Liliaceae	<i>Dracaena deremensis</i>	Dracena
Liliaceae	<i>Dracaena fragrans</i>	Pau-d'água
Liliaceae	<i>Cordyline terminalis</i>	Coqueiro-de-vênus
Liliaceae	<i>Aloe arborescens</i>	Babosa
Liliaceae	<i>Ophiopogon japonicus</i>	Grama-japonesa
Malvaceae	<i>Hibiscus rosa-sinensis</i>	Hibisco
Malvaceae	<i>Malvaviscus arboreus</i>	Hibisco-colibri
Mirantiaceae	<i>Maranta leucomia "Krchoviana"</i>	Maranta-pena-de-pavão
Marantaceae	<i>Calathea zebrina</i>	Planta-zebra
Musaceae	<i>Musa cocinea</i>	Bananeira-vermelha
Musaceae	<i>Ravenala madagascariensis</i>	Árvore-do-viajante
Orchidaceae	<i>Dendrobium nobile</i>	Olho-de-boneca
Palmae	<i>Dypsis lutescens</i>	Palmeira-areca

Palmae	<i>Livistona chinensis</i>	Palmeira-leque-da-China
Palmae	<i>Arenga caudata</i>	Palmeirinha-rabo-de-peixe
Palmae	<i>Areca tandra</i>	Areca-tandra
Palmae	<i>Phoenix roebelenii</i>	Palmeira-fênix, tamareira-de-jardim
Palmae	<i>Livistona chinensis</i>	Palmeira-leque
Palmae	<i>Roystonea oleracea</i>	Palmeira-imperial
Pandanaceae	<i>Pandanus veitchii</i>	Pandano-veitchi
Polypodiaceae	<i>Phymatodes scolopendria</i>	Samambaia-jamaica
Rosaceae	<i>Rosa x grandiflora</i>	Roseira
Rubiaceae	<i>Ixora coccinea "Compacta"</i>	Hortênsia-japonesa-compacta
Saxifragaceae	<i>Hydrangea macrophylla</i>	Hortênsia
Scrophulariaceae	<i>Russelia equisetiformis</i>	Russélia
Theaceae	<i>Camellia japonica</i>	Camélia
Urticaceae	<i>Pilea cadierel</i>	Pilea Alumineo
Zingiberaceae	<i>Alpinia purpurata</i>	Gengibre-vermelho
Zingiberaceae	<i>Hedychium coccineum</i>	Jasmim-vermelho



05.1. DESCRIÇÃO DO PERÍMETRO DE TOMBAMENTO DO BEM

Compreende o ponto (P01), o ponto inicial da poligonal de fechamento do bem tombado – Parque José Schettino. P01 é definido no vértice de encontro da rua e do Largo Praça Barão de Ayuruoca, formando um ângulo de 112° . De P01, segue faceando o perímetro que define o traçado do Parque em sentido horário, percorrendo uma distância de 39,00 metros até chegar em P02.

(P02) é definido no vértice de encontro do largo e da rua denominada Praça Barão de Ayuruoca, formando um ângulo de 134° . De P02, segue faceando o perímetro que define o traçado do Parque em sentido horário, percorrendo uma distância 145,00m, até chegar em P03.

(P03) é definido no vértice de encontro da rua denominada Praça Barão de Ayuruoca e Rua Nuziato Schettino, formando um ângulo de 92° . De P03, segue faceando o perímetro que define o traçado do Parque em sentido horário, percorrendo uma distância de 52,00m, até chegar em P04.

(P04) é definido no vértice de encontro das ruas Nuziato Schettino e Praça Barão de Ayuruoca formando um ângulo de 85° . De P04, segue faceando o perímetro que define o traçado do Parque em sentido horário, percorrendo uma distância de 54,00m, até chegar em P05.

(P05) é definido sobre a linha que define o perímetro do Parque na Praça Barão de Ayuruoca. De P05, segue faceando o perímetro que define o traçado do Parque em sentido horário – ainda na Praça Barão de Ayuruoca, num ângulo de 213° , percorrendo uma distância 18,70m, até chegar em P06.

(P06) é definido no vértice de encontro da Rua Praça Barão de Ayuruoca. De P06, segue faceando o traçado do Parque em sentido horário, num ângulo de 204° , percorrendo uma distância de 60,00m, até chegar em P07.

(P07) é definido no vértice de encontro da Rua Praça Barão de Ayuruoca e Maria Marta Machado De P07 segue contornando a circunferência em seus 39,00m de corda, num ângulo de 107° graus e raio 20,90metros, em sentido horário, até encontrar o ponto P08.

(P08) é definido no encontro do final da corda da circunferência anterior com o perímetro que define o traçado do parque. De P08, segue faceando o perímetro que define o traçado do Parque em sentido horário – ainda na Praça Barão de Ayuruoca, percorrendo uma distância de 81,00m até chegar em P09, ponto coincidente com P01, fechando assim o perímetro do bem.

05.2. JUSTIFICATIVA DO PERÍMETRO DE TOMBAMENTO DO BEM

A área de proteção do bem tombado – Parque José Schettino, corresponde exatamente ao perímetro que configura sua extensão física. Justificamos sua proteção, a partir do momento que se reconhece a importância do bem em questão- seja como patrimônio natural ou edificado, mas também pela sua importância como elemento aglutinador durante o desenvolvimento urbano de Mar de Espanha.

Assim como as praças, os parques assumem ao longo dos anos, conjuntamente com as edificações religiosas, a função centralizadora da vida econômica, política e cultural dos municípios. Neste processo, o Parque José Schettino, como elemento de desenho urbano, ganha importância na conformação da identidade da cidade, contribuindo para a composição de suas referências.

PLAN DE ORDENAMIENTO TERRITORIAL DEL PARQUE JOSÉ SCHETTINO



PLAN DE ORDENAMIENTO TERRITORIAL DEL PARQUE JOSÉ SCHETTINO
AUTOR: INSTITUTO VENEZOLANO DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS Y TECNOLÓGICAS
FECHA: 1985

06.1. DESCRIÇÃO DO PERÍMETRO DE ENTORNO

Dada inexistência de levantamento com perímetro ou testada edificações, foi estabelecida uma linha imaginária (tracejada azul), e adotada uma distância de 5m – aproximadamente paralela às ruas que conformam o entorno imediato ao Parque. Como não há definição gráfica do perímetro das edificações, a medida de 5m foi adotada por garantir que outros imóveis – que não pertençam ao perímetro de entorno tenham seu volume ou perímetro interceptado. Ressalta-se por sua vez, que para os imóveis listados na representação cartográfica, as regras e diretrizes de intervenção valem para todo seu perímetro, sem exceção.

Compreende o ponto **(P01)**, o ponto inicial da poligonal de fechamento do entorno ao bem tombado – Parque José Schettino. **P01** é definido no vértice de encontro de duas linhas imaginárias, sendo, a primeira traçada paralelamente a testada das edificações da Rua Praça Barão de Ayuruoca a 5,00m de distância das mesmas e a segunda perpendicular à Rua Estevão Pinto. De **P01**, em sentido horário, percorrendo uma distância de 18,80 metros num ângulo de 100º graus, faceando a linha imaginária perpendicular à Rua Estevão Pinto, segue até chegar em **P02**.

(P02) é definido no vértice de encontro de duas linhas imaginárias, sendo a primeira perpendicular à Rua Estevão Pinto e a segunda paralela à Rua Praça Barão de Ayuruoca, a uma distância de 5,00 metros da testada das edificações. De **P02**, em sentido horário, percorrendo uma distância de 255,00 metros num ângulo de 144º graus, faceando a linha imaginária paralela à Rua Praça Barão de Ayuruoca, segue até chegar em **P03**.

(P03) é definido no vértice de encontro das linhas imaginárias paralela à Rua Praça Barão de Ayuruoca, a uma distância de 5,00 metros da testada das edificações, e perpendicular à Rua Manoel Feliciano. De **P03**, em sentido horário, percorrendo uma distância de 23,00 metros num ângulo de 90º graus, faceando a linha imaginária perpendicular a Rua Manoel Feliciano segue até chegar em **P04**.

(P04) é definido no vértice de encontro das linhas imaginárias perpendicular à Rua Manoel Feliciano e a outra perpendicular a Rua Nuziato Schettino. De **P04**, em sentido horário,

percorrendo uma distância de 40,90 metros, num ângulo de 90° graus, faceando a linha imaginária paralela a Rua Manoel Feliciano, segue até chegar em **P05**.

(**P05**) é definido no vértice de encontro das linhas imaginárias paralelas à Rua Manoel Feliciano e a Rua Nuziato Schettino. De **P05**, em sentido horário, percorrendo uma distância de 39,20 metros, num ângulo de 266° graus, faceando a linha imaginária paralela a Rua Nuziato Schettino, segue até chegar em **P06**.

(**P06**) é definido no vértice de encontro das linhas imaginárias paralelas às Ruas Nuziato Schettino e Antero Dutra. De **P06**, em sentido horário, faceando a linha imaginária paralela a Rua Antero Dutra, percorrendo uma distância de 76,40 metros num ângulo de 270° graus, segue até chegar em **P07**.

(**P07**) é definido no vértice de encontro das linhas imaginárias paralelas às Ruas Antero Dutra e Nuziato Schettino. De **P07**, em sentido horário, faceando a linha imaginária paralela a Rua Nuziato Schettino, percorrendo uma distância de 21,00 metros num ângulo de 90° graus, segue até chegar em **P08**.

(**P08**) é definido no vértice de encontro das linhas imaginárias perpendicular e paralela à Rua Antero Dutra. De **P08**, em sentido horário, faceando a linha imaginária paralela a Rua Antero Dutra, percorrendo uma distância de 160,00 metros num ângulo de 90° graus, segue até chegar em **P09**.

(**P09**) é definido no vértice de encontro das linhas imaginárias paralela à Rua Maria Marta de Castro e paralela a Rua Antero Dutra. De **P09**, em sentido horário, faceando a linha imaginária paralela a Rua Maria Marta de Castro, percorrendo uma distância de 99,20 metros num ângulo de 233° graus, segue até chegar em **P10**.

(**P10**) é definido no vértice de encontro das linhas imaginárias paralela à Rua Maria Marta Machado e perpendicular à Rua Miranda Manso. De **P10**, em sentido horário, faceando a linha imaginária perpendicular a Rua Miranda Manso, percorrendo uma distância de 17,20 metros num ângulo de 90° graus, segue até chegar em **P11**.

(**P11**) é definido no vértice de encontro das linhas imaginárias perpendicular à Rua Miranda Manso e paralela à Rua Praça Barão de Ayuruoca. De **P11**, em sentido horário, faceando a linha

imaginária paralela à Rua Praça Barão de Ayuruoca, percorrendo uma distância de 165,00 metros num ângulo de 153° graus, segue até chegar em **P12**, ponto coincidente com **P01**, fechando assim, o perímetro de tombamento do entorno.

06.2. JUSTIFICATIVA DO PERÍMETRO DE ENTORNO

Justificativa

A partir da análise do histórico da ocupação da cidade e do reconhecimento dos elementos arquitetônicos ou urbanísticos, que remetem aos primórdios da formação da sua zona urbana, foi identificada a área tida como o entorno do Parque José Schettino.

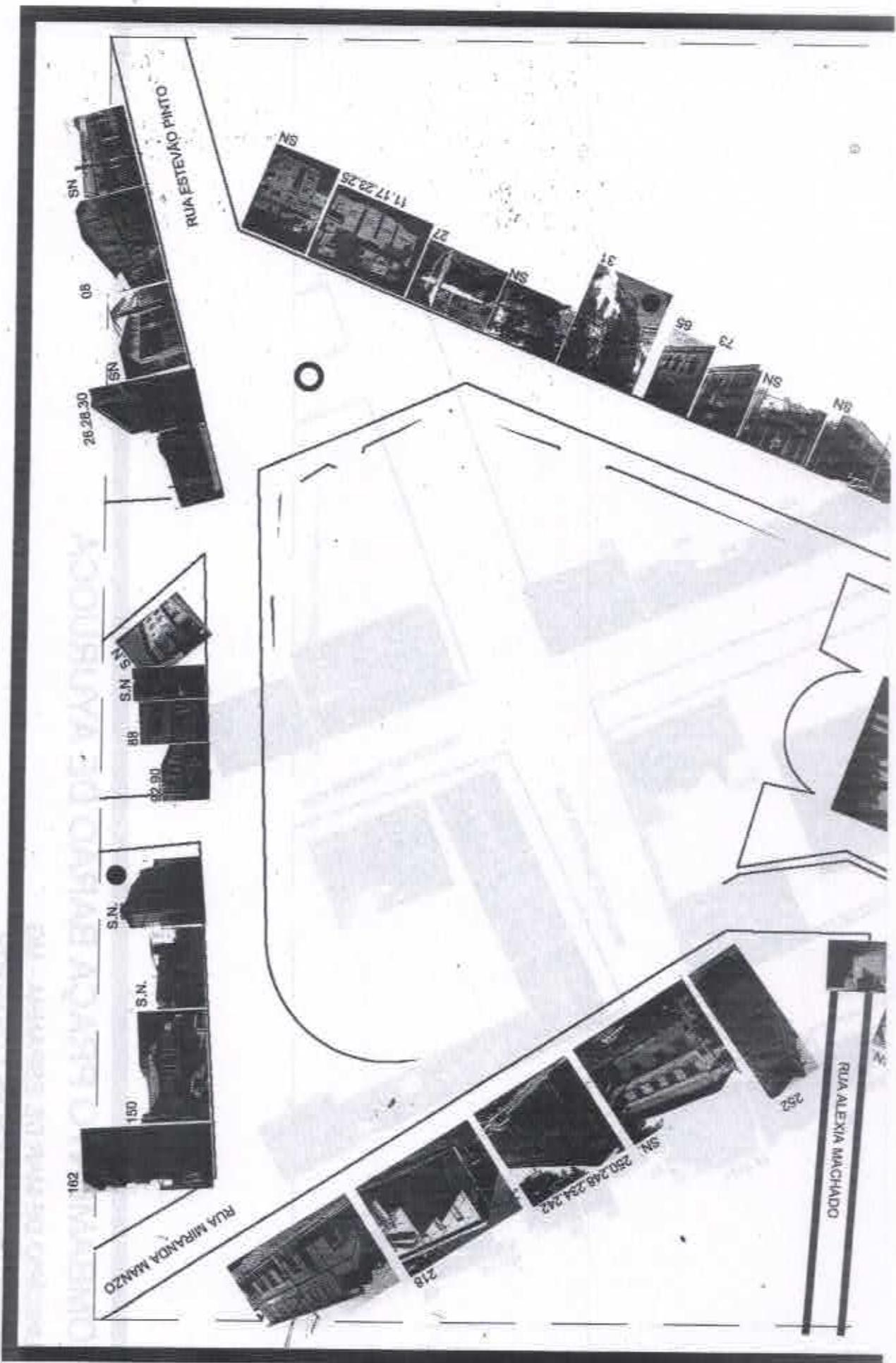
Esta área possui ambiência peculiar, carregada de elementos responsáveis pela identidade local. Tais elementos, destacando-se dentre eles o conjunto de casarões do final do séc. XIX e início do séc. XX, o arruamento, a pavimentação, a Igreja Nossa Senhora das Mercês, a Escola Estevão, por exemplo. Fundamentais na constituição do patrimônio cultural municipal, é urgente, portanto, sua proteção, evitando assim que as tendências de substituição e descaracterização identificadas afete-os ou comprometa a identificação dos valores constituintes da memória urbano-social local e, em especial, do parque tombado.

A despeito de toda a área central Mardespanhense apresentar características da primeira forma de ocupação da cidade, é no perímetro supracitado que concentra-se, de forma mais coesa e centralizada, toda a carga simbólica que remete à formação da cidade, justificando assim, a delimitação de entorno proposta para o Parque José Schettino. Importante destacar, que este perímetro apresenta como elemento polarizador o próprio parque e a Igreja Nossa Senhora das Mercês, equipamento este que marca fisicamente a centralidade do perímetro e que configura como o elemento indutor da ocupação da área central.

A área definida no entorno em questão, de tombamento pelo Conselho de Patrimônio Cultural deste município, compreende os espaços públicos e privados - ruas, logradouros, áreas indivisas, lotes e suas respectivas edificações – conforme diretrizes de intervenção específicas, de acordo com os graus de proteção, inseridas na poligonal de tombamento.



Mapa do conjunto paisagístico Parque José Schottino, com os pontos de tombamento e as linhas de proteção e tombamento.



RUA ESTEVAO PIRTO
S.N.
08
S.N.
26.28.30

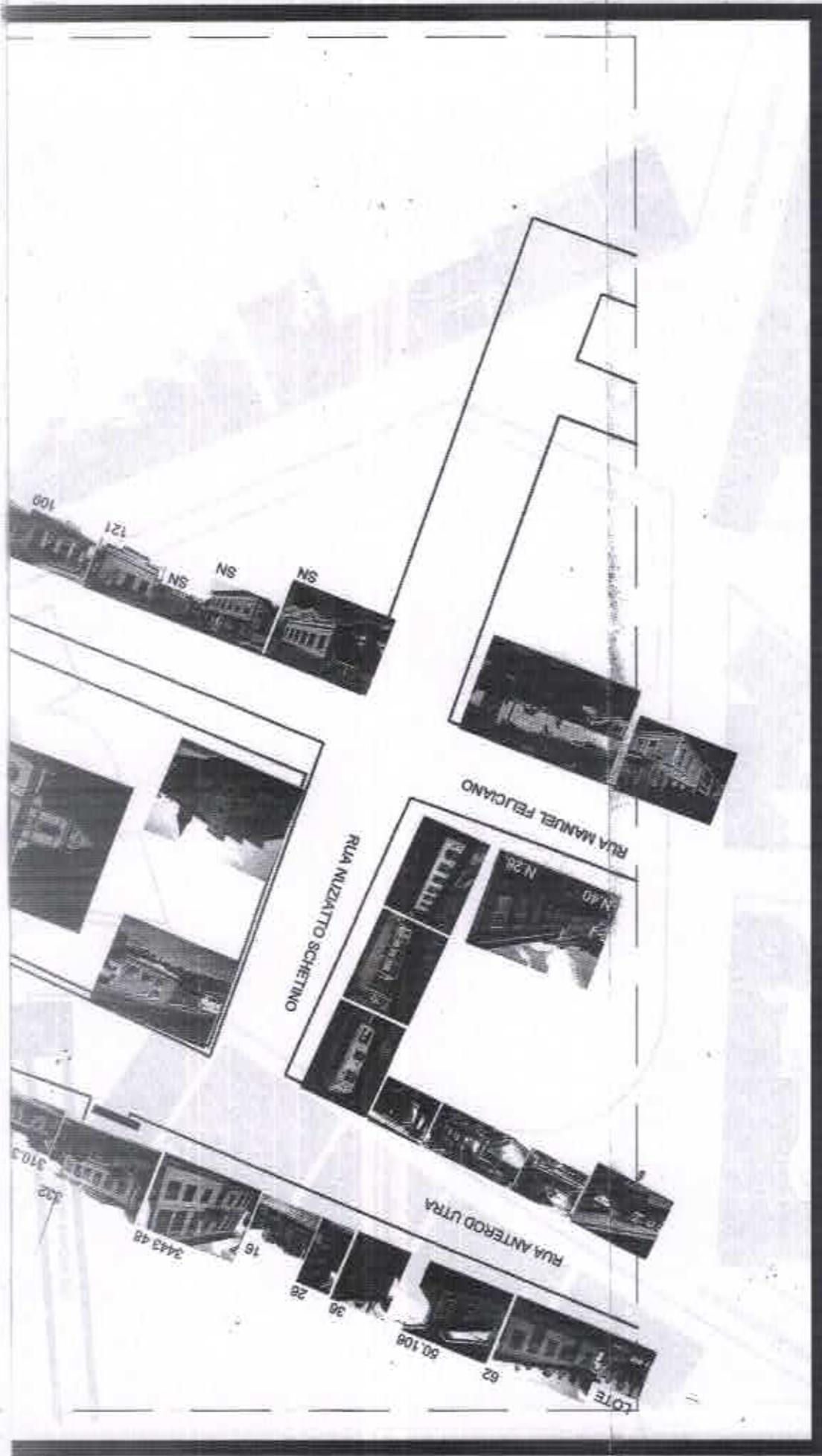
S.N.
11.17.23.25
Z
S.N.
36
59
73
S.N.
S.N.

S.N.
S.N.
S.N.
88
92.90
S.N.
S.N.
150
162

RUA MIRANDA MANZO
S.N.
250 248 234 242
218
252
RUA ALEXIA MACHADO

ACQUERVALE DO CASARAO DE VAREJO





TOMBAMENTO PRAÇA BARÃO DE AYURUOCA

MUNICÍPIO DE MAR DE ESPANHA - MG
PERÍMETROS E GRAU DE PROTEÇÃO

DIRETRIZES DO BEM TOMBADO – PARQUE JOSÉ SCHETTINO

Cap. I - Das diretrizes gerais:

1º. Como diretrizes de conservação, indica-se a limpeza diária, a capina nos canteiros, a substituição periódica de mudas (plantas com flores), a irrigação frequente das espécies vegetais, além de podas e adubação das mesmas quando necessário. Demais intervenções devem ser fundamentadas em critérios técnico-científicos mediante projeto previamente elaborado por profissional competente e devem ser submetidos à apreciação do Conselho do Patrimônio Cultural da cidade de Mar de Espanha.

2º. O Parque José Schettino mostra-se como local propício para a aplicação de metodologias em educação ambiental. Medidas simples como a confecção de placas educativas podem gerar resultados rápidos, orientando e ampliando as noções de preservação ambiental da população. Para chamar a atenção dos visitantes, estas placas devem conter informações acerca da condição da espécie quanto à ameaça de extinção, o nome científico e popular da espécie, a distribuição geográfica, o tipo de hábitat onde a espécie ocorre, entre outras. As placas devem ser padronizadas e não agredir a ambiência do parque.

3º. Deverá ser licenciada obrigatoriamente pela Prefeitura Municipal de Mar de Espanha, e pelos Órgãos Ambientais Estaduais, qualquer empreendimento/atividade industrial ou empresarial, que for instalada nos limites dos Perímetros do Bem e do Entorno, visando não afetar a integridade do Conjunto Natural e Paisagístico do Parque José Schettino.

Cap. II - Das características urbanas:

4º. Deverão ser mantidos e preservados e, quando necessário, recuperados os seguintes elementos:

- a. o traçado urbano do perímetro do parque, não sendo permitida alteração do alinhamento nem modificação do desenho atual dos canteiros;
- b. o calçamento existente, sendo que em caso de reforma, o mesmo deve ser aprovado pelo Conselho do Patrimônio Cultural da cidade de Mar de Espanha;

c. sugere-se restauração de todo mobiliário do parque. A especificação do projeto deve ser realizada por arquiteto especializado em bens culturais e ser aprovado pelo Conselho do Patrimônio Cultural da cidade de Mar de Espanha.

Cap. III – Dos bens móveis e imóveis

5.º Fica proibida a demolição dos bens móveis e imóveis existentes no parque. Em caso de novos elementos, sua inclusão deve ser aprovada pelo Conselho do Patrimônio Cultural da cidade de Mar de Espanha.

DIRETRIZES DE ENTORNO AO PARQUE JOSÉ SCHETTINO

Para definição das diretrizes de entorno, foram considerados três graus de proteção com diretrizes específicas:

Para o **GRAU DE PROTEÇÃO I**, estão incluídos os bens que possuem valor histórico e arquitetônico, que remetem à primeira fase de ocupação da cidade. Incluem-se também, aqueles que tiveram suas características mantidas ou possuem descaracterizações que ainda permitam uma leitura estilística da edificação, bem como contribuam para ambiência do parque. Dentre eles, ressaltamos a presença de bens protegidos por tombamento, como é o caso do *Prédio da Prefeitura e Câmara Municipal, E.E. Estevão Pinto e Antigo Clube Recreativo*. Para os demais bens, listamos:

GRAU I

1. Praça Barão de Ayuruoca n.º 167 – Escola Estadual Estevão Pinto;
2. Praça Barão de Ayuruoca n.º 141;
3. Praça Barão de Ayuruoca n.º 121;
4. Praça Barão de Ayuruoca n.º 105 e 109;
5. Praça Barão de Ayuruoca n.º 31;
6. Rua Estevão Pinto n.º 08 - Casa Nemer;
7. Praça Barão de Ayuruoca n.º 92, 90 – Pousada e Farmácia;
8. Praça Barão de Ayuruoca n.º 112 – Espaço Cultural Falabella;
9. Rua Miranda Manso n.º 07;
10. Rua Maria Marta de Castro n.º 218 – Hotel Castro.
11. Rua Maria Marta de Castro n.º 250, 248, 234, 242;
12. Praça Barão de Ayuruoca n.º 332;

13. Praça Barão de Ayuruoca n.º 344, 348;
14. Rua Antero Dutra n.º 33;
15. Rua Nuziatto Schettino n.º 227;
16. Rua Antero Dutra n.º 36;
17. Rua Antero Dutra n.º 50, 106;
18. Rua Antero Dutra n.º 62;
19. Rua Manoel Feliciano n.º 26, 29,40.

Para **GRAU DE PROTEÇÃO II**, estão incluídos todos os bens que não remetem à primeira fase de ocupação ou mesmo já foi objeto de intervenções com sérias descaracterizações.

GRAU II

1. Rua Estevão Pinto e Praça Barão de Ayuruoca n.º 26, 28, 30;
2. Praça Barão de Ayuruoca n.º 310 / 310A;
3. Praça Barão de Ayuruoca n.º 73;
4. Praça Barão de Ayuruoca n.º 65;
5. Praça Barão de Ayuruoca n.º 11, 17, 23,25.

GRAU III

1. Rua Estevão Pinto ou praça Barão de Ayuruoca s/n.º - Casa Fama, à esquerda do n.º 08, considerando o observador de frente para as edificações ;
2. Praça Barão de Ayuruoca n.º 17;
3. Praça Barão de Ayuruoca n.º 88;
4. Praça Barão de Ayuruoca n.º 162;
5. Praça Barão de Ayuruoca n.º s/n.º - atual Correios e Telégrafos entre o n.º 150 e 112;
6. Praça Barão de Ayuruoca n.º 252;
7. Praça Barão de Ayuruoca s/n.º, esquina com R. Estevão Pinto (prédio 3 pavimentos);
8. Praça Barão de Ayuruoca s/n.º, entre o n.º 95 e 105 (edificação de 2 pavimentos);
9. Praça Barão de Ayuruoca s/n.º, entre o n.º 121 e 141 (lote com muro);
10. Praça Barão de Ayuruoca s/n.º, esquina com Rua Alexia Machado e à direita do n.º 310 e 310 A, considerando o observador de frente para as edificações ;
11. Praça Barão de Ayuruoca s/n.º, entre o n.º 252 e (250,234,242);
12. Rua Nuziatto Schettino n.º 09, esquina com R. Antero Dutra;
13. Rua Nuziatto Schettino n.º 19;
14. Rua Manoel Feliciano s/n.º, esquina com Rua Nuziato Schettino (lote com muro);

15. Praça Barão de Ayuruoca n.º 95, atual Galeria Drinks;
16. Praça Barão de Ayuruoca n.º 27;
17. Praça Barão de Ayuruoca entre os ns.º 121 e 141 (lotes);
18. Praça Barão de Ayuruoca n.º 150;
19. Rua Antero Dutra, n.º 16
20. Rua Antero Dutra, n.º 26
21. Rua Antero Dutra, s/n.º, ao lado do n.º 62 (lote vago);
22. Rua Antero Dutra, s/n.º, entre n.º 33 e Nuziato Schettino, n.º 09 ;
23. Rua Antero Dutra, s/n.º, à direita do n.º 33 – considerando o observador de frente para as edificações;
24. Rua Antero Dutra, s/n.º, segundo bem à direita do n.º 33 – considerando o observador de frente para as edificações;
25. Rua Antero Dutra, s/n.º, terceiro bem (e presença de lote vago) à direita do n.º 33 – considerando o observador de frente para as edificações;
26. Praça Barão de Ayuruoca s/n.º, à direita do n.º 88 – considerando o observador de frente para as edificações;
27. Praça Barão de Ayuruoca s/n.º, segundo bem à direita do n.º 88, na esquina com a Rua Bueno Brandão – considerando o observador de frente para as edificações (prédio 3 pavimentos);
28. Praça Barão de Ayuruoca s/n.º, na esquina com a Rua Bueno Brandão – atual Banco Itaú, entre os ns.º 26,28 e 30, já na Rua Estevão Pinto.

Os indicados para **GRAU DE PROTEÇÃO III** são os demais bens pertencentes ao perímetro, edificações contemporâneas sem valor histórico-arquitetônico ou em grau de descaracterização que não justifica sua proteção.

Cap. I - Das características urbanas:

1º. Deverão ser mantidos e preservados e, quando necessário, recuperados os seguintes elementos:

- a. o traçado urbano do perímetro em questão, não sendo permitida alteração do alinhamento dos logradouros, nem abertura de novas vias, vielas, becos, etc.;
- b. o calçamento em paralelepípedo das vias do perímetro em questão;

2º. Indica-se quando possível, a reformulação dos seguintes elementos e características:

- a. iluminação elétrica com fiação subterrânea, através de sistema adequado, objetivando a despoluição visual e a iluminação dos bens culturais protegidos;
- b. restauração do poste metálico existente no meio do largo existente ao lado da Praça Barão de Ayuruoca, próximo a Casa Nemer;
- c. placas indicativas de comércio, de sinalização, numeração e nome de vias padronizadas, devendo ser evitada a utilização de placas luminosas, em acrílico ou neon;
- d. manutenção apenas das placas de trânsito estritamente necessárias, evitando assim, a poluição visual do entorno ao bem tombado.

Cap. II - Das edificações

GRAU I

3º. As edificações protegidas pelo grau I estão divididas em dois grupos, as tombadas – que devem seguir as diretrizes específicas e contidas em seu processo de tombamento, e as demais que receberam tombamento parcial, ou seja, suas fachadas não poderão ser demolidas, nem sofrer alteração de volume (construção de pavimentos, alterações no partido, cobertura) ou em suas características arquitetônicas originais da fachada (materiais de acabamento, esquadrias, elementos de ornamentação). As intervenções a serem realizadas deverão prever sua recuperação/restauração, obedecendo aos seguintes critérios gerais:

a. os vãos em sua quantidade, proporção, alinhamento, distribuição no plano da fachada, bem como esquadrias, só poderão ser alterados no sentido de reverter eventuais descaracterizações*, desde que mediante apresentação de justificativa conceitualmente consistente;

**Destaca-se o caso das edificações localizadas na Praça Barão de Ayuruoca, 90/92 e Praça Barão de Ayuruoca, 105 e 109.*

b. os materiais de revestimento e ornamentação só poderão ser alterados mediante apresentação de justificativa conceitualmente consistente além de se submeter à aprovação de um arquiteto especialista na área;

c. as cores utilizadas nas fachadas deverão obedecer à composição característica da tipologia arquitetônica a que pertença a edificação, não se constituindo, em nenhuma hipótese, em fator de rompimento com a harmonia do conjunto;

d. os diagramas e a declividade das coberturas não poderão sofrer alterações;

- e. as telhas cerâmicas de vedação, observadas as medidas específicas descritas nas fichas só poderão ser substituídas, quando danificadas ou faltosas, por outra de mesmo padrão;
- f. a construção de anexo no lote dos edifícios de grau I deverão possuir como premissa, a harmonia entre o novo objeto e o bem protegido, sendo que esta nova edificação deverá ter tratamento estético contemporâneo e não poderá ter altura superior à do imóvel em questão;
- g. os anexos existentes, dentro das possibilidades dos proprietários, deverão atender ao disposto na alínea f.

parágrafo único - todas as intervenções no bem cultural deverão ter projeto arquitetônico previamente elaborado, que deverá ser submetido à apreciação e deliberação do Conselho de Patrimônio Cultural de Mar de Espanha. O projeto a ser encaminhado para apreciação deverá conter diagnóstico, levantamento fotográfico, conceituação da proposta, plantas, cortes e fachadas. O responsável técnico deverá ser um arquiteto com experiência comprovada em projetos de restauração ou intervenção arquitetônica em bens tombados.

GRAU II e III

5º. As edificações listadas no grau II e III podem ser demolidas, entretanto, para as listadas no grau II, fica definido:

- Em caso de intervenções na fachada, estão expressamente proibidas as descaracterizações além das existentes. As reformas devem ser feitas apenas no sentido de recuperação e manutenção de seus elementos arquitetônicos e estilísticos originais.

- Em caso de demolição das edificações de grau II, será permitido desde que seja demolida toda volumetria da edificação, ou seja, não é permitida demolição total ou parcial de fachada, pois se entende tal ação como reforma. Antes da demolição, deverá ser realizado o inventário do bem cultural, em modelo de IPAC e o mesmo deverá ser aprovado pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Mar de Espanha.

6º. Quando da execução de reformas em imóveis listados no grau III, caso os mesmos se enquadrem em alguma das situações descritas abaixo, deverão ser executadas a cargo do proprietário, as seguintes medidas, objetivando a harmonia do cenário urbano:

- a. as telhas metálicas, em fibrocimento ou similares deverão ser substituídas por telhas cerâmicas ou ocultas por platibandas, que não deverá ultrapassar a altura máxima a ser fixada no Cap. III - Das novas edificações;

b. as caixas d'água que por ventura necessitem de substituição não poderão ser aparentes, cabendo ao proprietário ocultá-las, como solução arquitetônica harmoniosa em relação ao restante da edificação e a paisagem urbana;

e. as fachadas revestidas totalmente em pedra ou cerâmica deverão ser reformuladas e adotarem revestimento mais harmônico com o restante do Núcleo Histórico, preferencialmente o revestimento em pintura;

d. as fachadas sem tratamento, com alvenaria aparente deverão obrigatoriamente receber tratamento estético adequado e harmônico com o cenário urbano protegido.

7º. a ampliação vertical ou horizontal nos imóveis de grau II e III deverá obedecer aos limites máximos e os parâmetros urbanísticos a serem fixados no Cap. III - Das novas edificações. Para efeito de cálculo destes parâmetros, considera-se a soma do edifício existente com o proposto.

8º. as reformas e ampliações nas edificações de grau II e III devem ter projeto previamente elaborado e apreciado pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Mar de Espanha além de aval de arquiteto com experiência comprovada em patrimônio histórico e processos de tombamento de bens culturais.

Cap. III - Das novas edificações, em caso de demolições – GRAU II/III

9º. as novas edificações não poderão reduzir ou impedir a visibilidade dos bens culturais com grau I de proteção;

10º. a altura máxima para novas edificações será de 01 pavimento, ou a altura do imóvel imediatamente vizinho, não podendo para este caso, ultrapassarem a altura máxima de 7,00 metros contados a partir do ponto médio do alinhamento frontal até a cumieira do telhado ou platibanda; caso a nova edificação localize-se entre dois imóveis de altura variada, prevalecerá como referência o imóvel de menor altura;

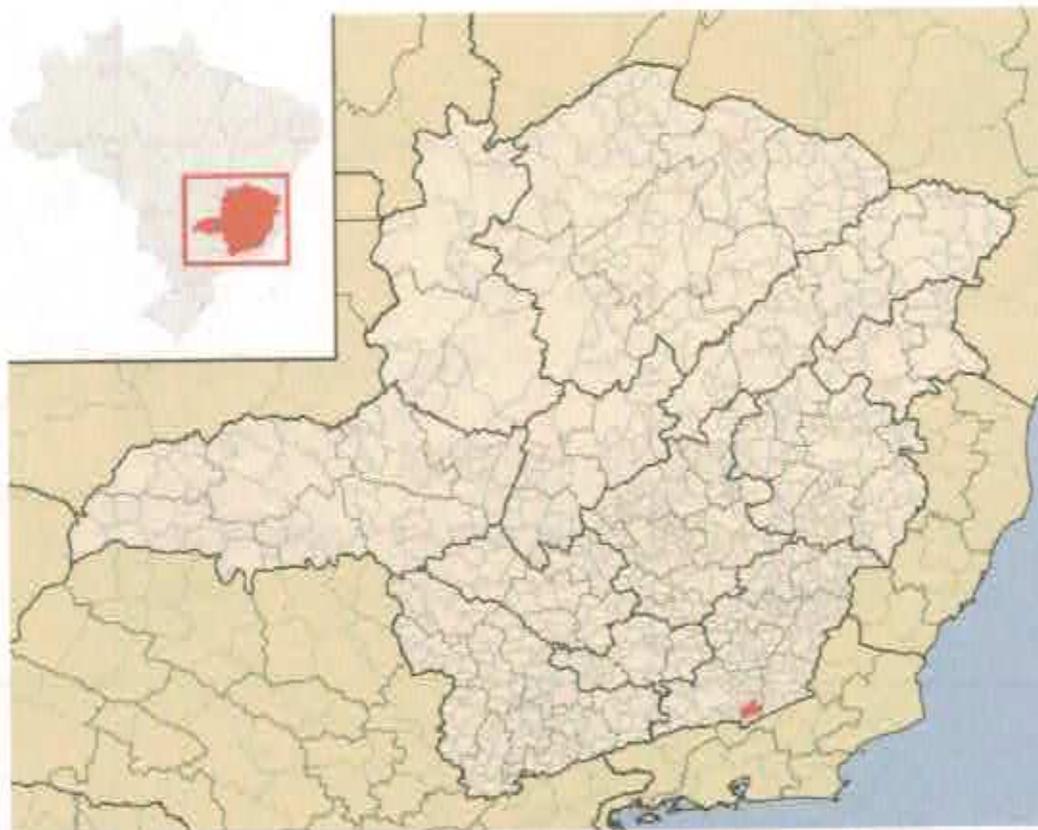
11º. a nova construção deverá apresentar leitura contemporânea e contribuir com a ambiência do Núcleo Histórico, por meio da utilização de cores e de materiais que se harmonizem com os bens protegidos.

12º. as coberturas deverão ser constituídas de telhas cerâmicas;

13º. quanto ao afastamento frontal, as novas edificações deverão ser construídas junto ao alinhamento frontal do terreno, seguindo as características urbanísticas predominantes no entorno;

14º. os afastamentos laterais deverão ser igual a zero ou maior que 1,5m quando houver aberturas nas respectivas fachadas laterais da edificação;

15º. os afastamentos posteriores deverão ser de no mínimo 5,00 metros.

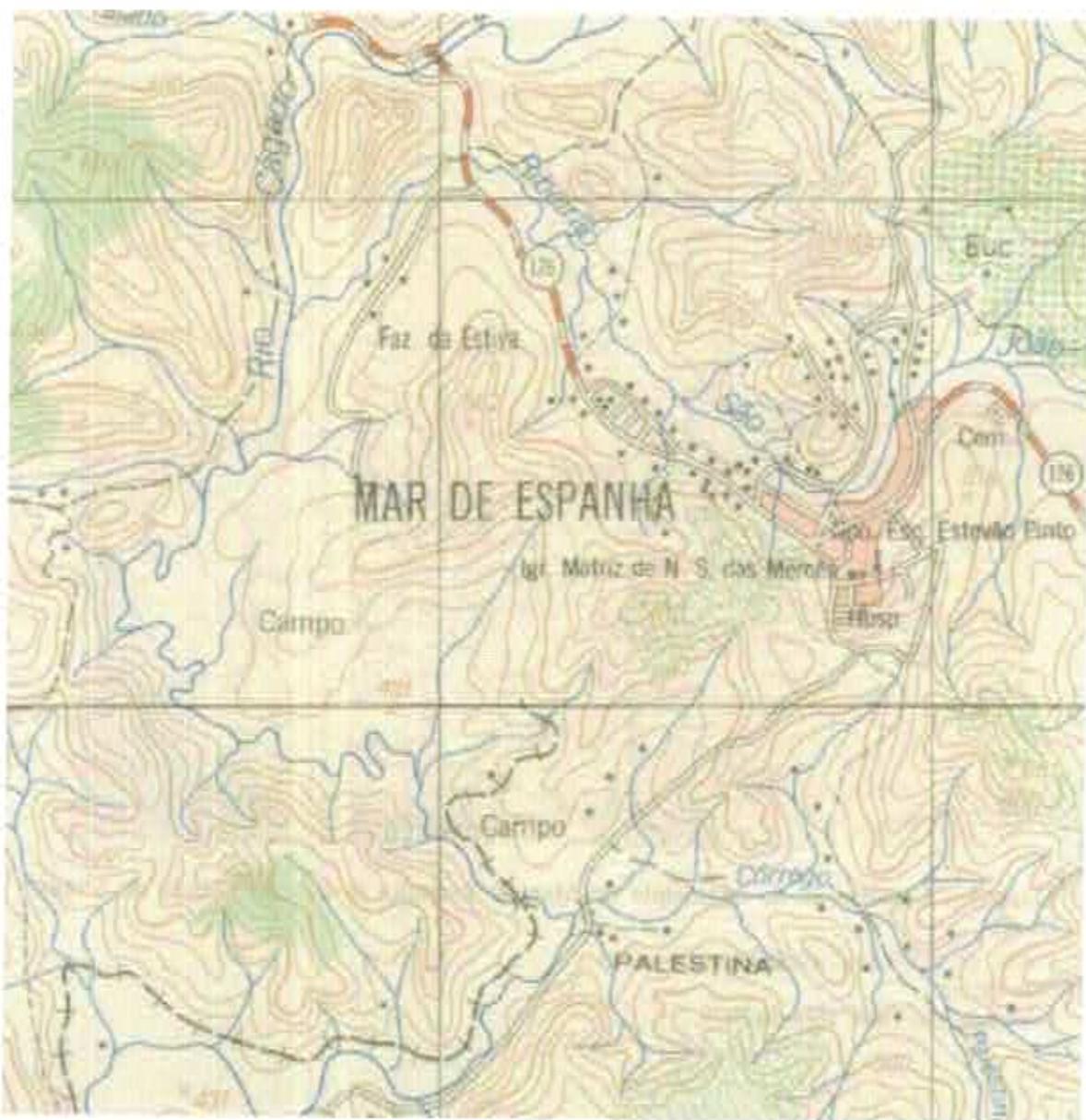


Mapa 1 - Localização do Município de Mar de Espanha dentro do Estado de Minas Gerais.

Fonte: www.wikipedia.com.br

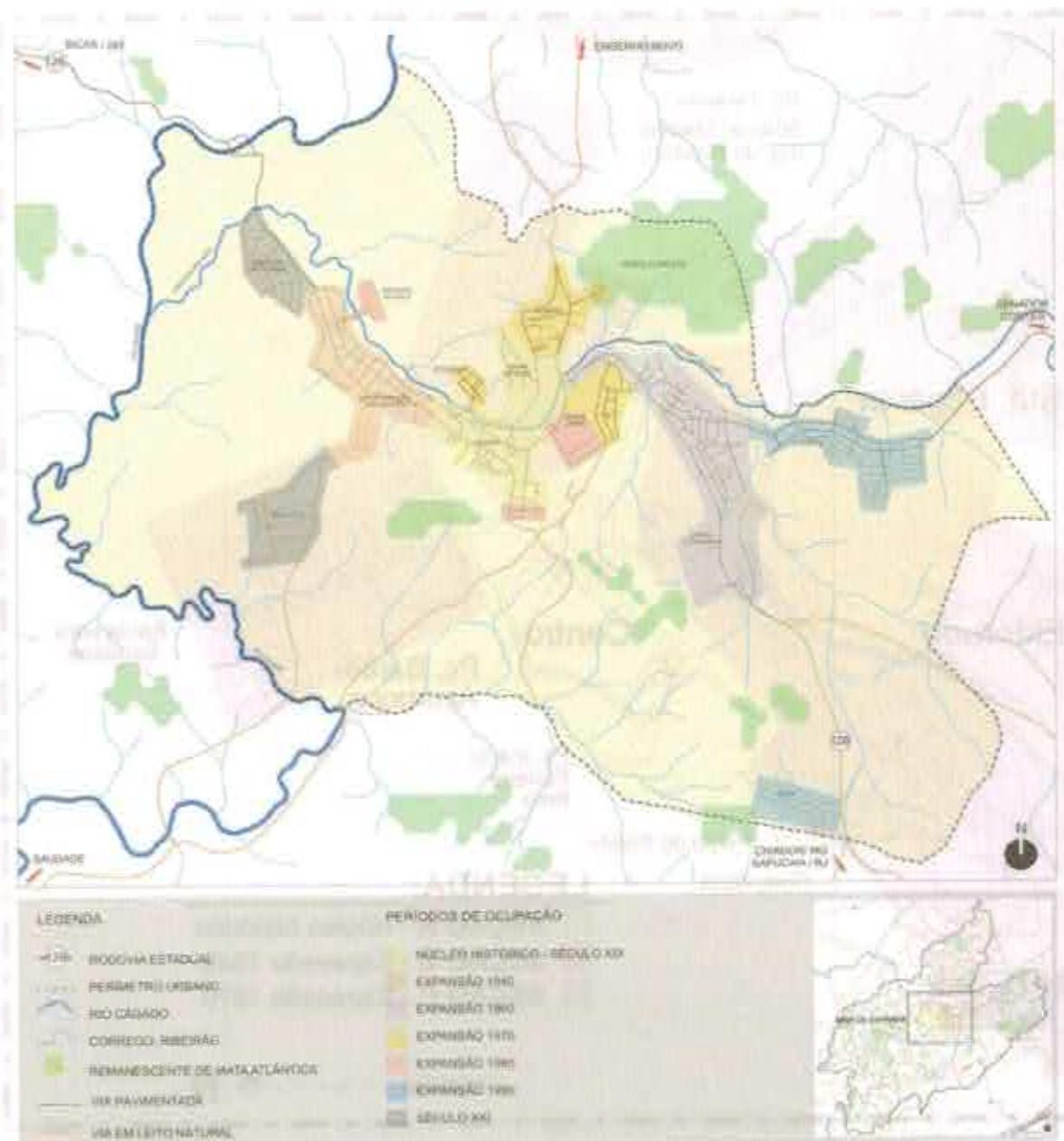
Sem escala.

Acessado em: 10 de abril de 2009.



Mapa 2 – Delimitação da área central de Mar de Espanha, correspondente à primeira frente de ocupação da cidade, até os anos de 1940.

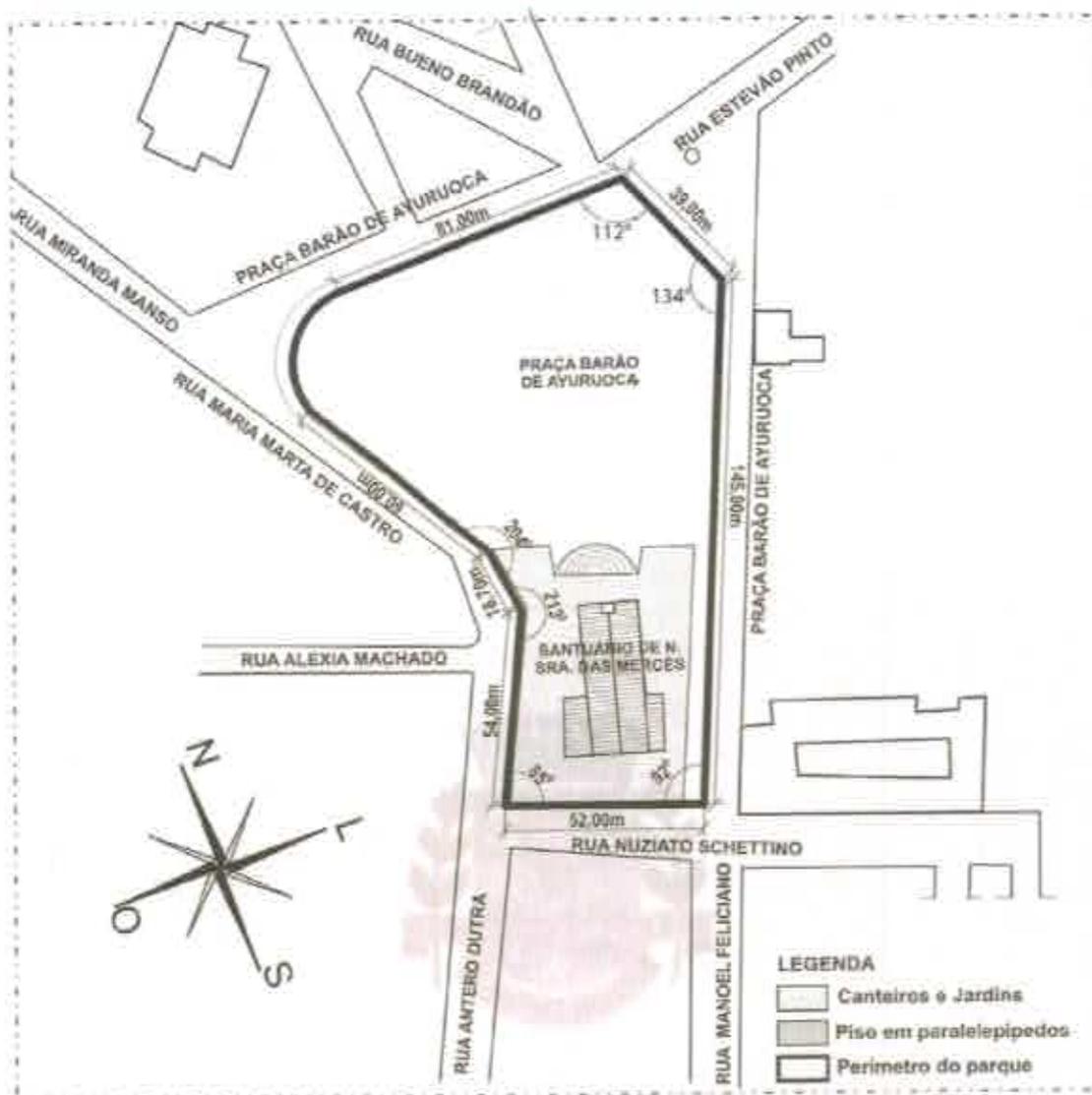
Fonte: Arquivos digitais da Prefeitura de Mar de Espanha. S/D
Sem escala.



Mapa 3 - Delimitação do Município de Mar de Espanha e caracterização da ocupação de sua sede.

Fonte: Cartografia digital da prefeitura
Sem escala. S/D.





Mapa 5 – Levantamento métrico do Bem com localização de canteiros e Santuário de Nossa Senhora das Mercês.

Levantamento Perímetro Praça / Canteiros

Fornecido e sob a responsabilidade da Prefeitura Municipal de Mar de Espanha

Sem escala.



Figura 1 - Planta do Parque José Schettino, com o local de intervenção em destaque em vermelho.

08.B DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

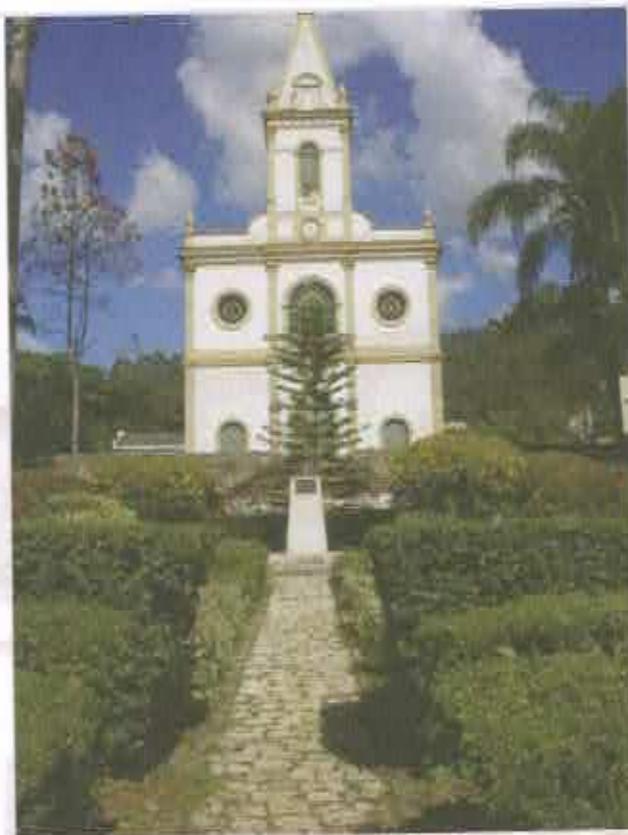


Foto 01- Parque José Schettino
Igreja de Nossa Senhora das Mercês
Município de Mar de Espanha – MG



Foto 02- Parque José Schettino
Fachada lateral da Igreja de Nossa Senhora das Mercês
Município de Mar de Espanha – MG



Foto 03 - Parque José Schettino
Detalhe da fachada lateral da Igreja de Nossa Senhora das Mercês
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 04- Parque José Schettino
Jardim em frente ao adro da Igreja de Nossa Senhora das Mercês
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 05- Parque José Schettino
Detalhe do adro da igreja de Nossa Senhora das Mercês com brasão da Ordem Mercedária
Município de Mar de Espanha – MG



Foto 06- Parque José Schettino
Adro com escada de acesso à igreja de Nossa Senhora das Mercês
Município de Mar de Espanha – MG

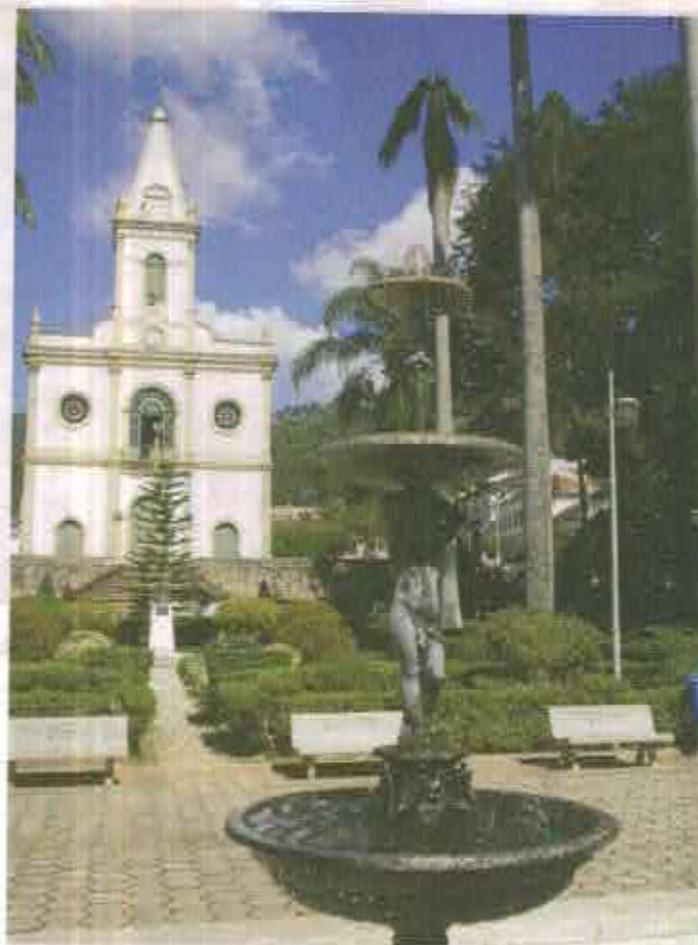


Foto 07 - Parque José Schettino
Fonte do Parque José Schettino com Igreja de Nossa Senhora das Mercês ao fundo
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 08- Parque José Schettino
Detalhe da fonte com degradações e sujidades aderidas
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 09- Parque José Schettino
Detalhe do bojo da fonte com degradações e sujidades aderidas
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 10 - Parque José Schettino
Detalhe da base da fonte com sujidades aderidas
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 11 - Parque José Schettino
Vista lateral esquerda do Parque José Schettino
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 12 - Parque José Schettino
Vista do projeto paisagístico do Parque
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 13 - Parque José Schettino
Vista do projeto paisagístico do Parque
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 14 - Parque José Schettino
Vista do projeto paisagístico do Parque
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 15 - Parque José Schettino
Vista do projeto paisagístico do Parque
Município de Mar de Espanha - MG

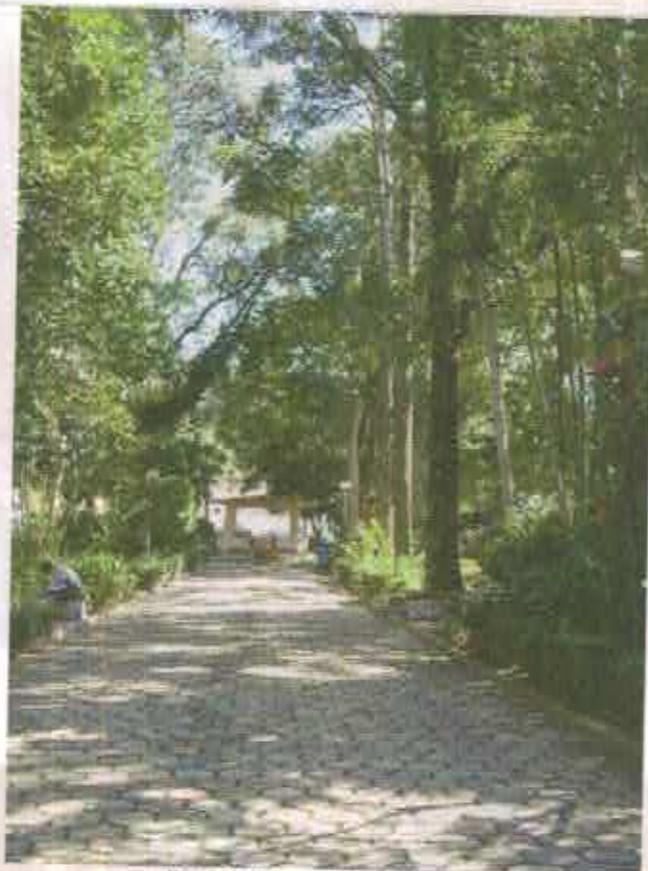


Foto 16 - Parque José Schettino
Vista do Parque com coreto ao fundo
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 17 - Parque José Schettino
Coreto
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 18- Parque José Schettino
Coberta do coreto
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 19- Parque José Schettino
Detalhe das paredes internas do coreto
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 20 - Parque José Schettino
Paredes externas do coreto com manchas de umidade
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 21 - Parque José Schettino
Detalhe do acesso ao porão do coreto
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 22 - Parque José Schettino
Monumento à Bíblia
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 23- Parque José Schettino
Detalhe do monumento à Bíblia
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 24 - Parque José Schettino
Monumento em homenagem a Juscelino Kubitschek
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 25 - Parque José Schettino
Detalhe do monumento em homenagem a Juscelino Kubitschek
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 26 - Parque José Schettino
Mobiliário urbano
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 27 - Parque José Schettino
Mobiliário urbano - Banco
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 28 - Parque José Schettino
Mobiliário urbano - Banco doado por comerciantes
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 29 - Parque José Schettino
Ponte que liga um lado do Parque a outro
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 30 - Parque José Schettino
Detalhe da escada de acesso à ponte
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 31 - Parque José Schettino
Viveiro de Passaros
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 32 - Parque José Schettino
Entorno do Parque
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 33 - Parque José Schettino
Entorno do Parque
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 34 - Parque José Schettino
Imóveis localizados no entorno do Parque
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 35 - Parque José Schettino
Imóveis localizados no entorno do Parque
Município de Mar de Espanha - MG

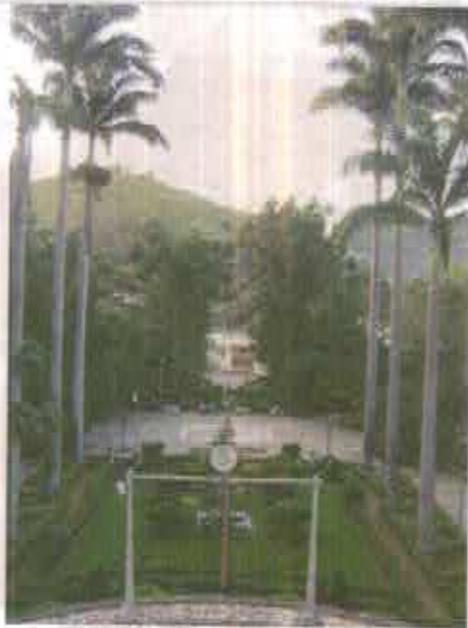


Foto 36 - Parque José Schettino
Vista geral do Parque
Município de Mar de Espanha - MG

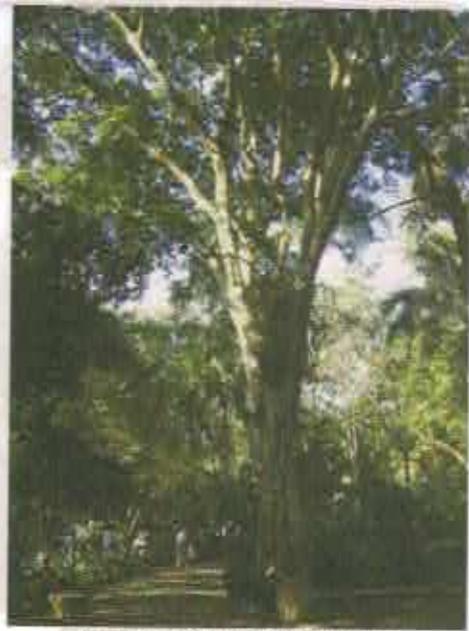


Foto 37 - Parque José Schettino
Vista de uma das alamedas do Parque
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 38 - Parque José Schettino
Vista de uma das alamedas do Parque
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 39 - Parque José Schettino
Detalhe de um dos jardins do Parque
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 40 - Parque José Schettino
Cobertura vegetal do Parque
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 41 - Parque José Schettino
Detalhe de um dos jardins do Parque
Município de Mar de Espanha - MG



Fig. 11. Vista aérea do complexo de saneamento básico de São Paulo, SP, em 1951.



Fig. 12. Vista aérea do complexo de saneamento básico de São Paulo, SP, em 1951, com o brasão da cidade de São Paulo.

**09- INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL
CONJUNTO PAISAGÍSTICO**

(CP)

IPAC

EX. 2010 | 01

Prefeitura Municipal de Mar de Espanha – Parque José Schettino

01. Município	Mar de Espanha
02. Distrito	Sede
03. Designação	Parque José Schettino

03.1. Motivação do Inventário

Justifica-se o presente inventário pela necessidade de se conhecer preliminarmente a composição Parque José Schettino, Mar de Espanha, Minas Gerais, gerando conseqüentemente informações que incentivem o uso da mesma como área de estudo para ciências biológicas, educação ambiental e áreas afins, e criando assim subsídios para preservação e conservação da área verde, além de ressaltar sua importância na arquitetura paisagística e também na qualidade do ambiente da cidade e dos cidadãos.

04. Localização	21°52'06.61" latitude sul 43°00'33.68" longitude oeste
05. Carta Topográfica	
06. Acesso	BR 040, BR 116, MG 126
07. Propriedade	Prefeitura Municipal de Mar de Espanha
08. Responsável	Prefeitura Municipal de Mar de Espanha
09. Subcategoria	Praça Municipal

10. Documentação Fotográfica	Fotografia digital, 5.1 megapixel. <i>Nelson Carlos Bregunci de Mendonça</i> <i>Catherine Fonseca Alves Horta</i> maio - 2008
Fotógrafo Data	

11. Descrição

Com uma área aproximada de 3 ha. no centro histórico de Mar de Espanha, o Parque José Schettino está situado em local privilegiado ao redor da Matriz de Nossa Senhora das Mercês, da Escola Estadual Estevão Pinto e dos prédios da Prefeitura e da Câmara Municipal, possuindo assim enorme potencial de uso público.

O parque é formada por uma área verde comum entre as diversas alamedas. Nestas áreas têm-se grandes árvores da flora nacional e exótica e canteiros compostos de diversas plantas ornamentais. As espécies de árvores identificadas são em geral exóticas tendo como atrativos o rápido crescimento, a beleza de sua florada, ou outro importante aspecto biológico como produção de frutos e sementes que podem atrair a vida silvestre local. Algumas árvores além da importância ecológica para a avifauna, servem ainda de abrigo e de alimento a preguiças de três dedos, *Bradypus variegatus*.

Observa-se na maioria das árvores a presença de plantas trepadeiras ou lianas (aquelas cujo caule é incapaz de sustentar-se em posição ereta por seus próprios meios) e plantas epífitas (aquelas que se estabelecem diretamente sobre o tronco, galhos, ramos ou sobre as folhas das árvores) como as bromélias e orquídeas.

Dentre as espécies de árvores brasileiras encontradas na Praça destacam-se:

- O Pinheiro do Paraná, *Araucaria angustifolia*, da família Araucariaceae é árvore nativa das florestas e dos campos do sul do país, e possui uma ampla área de distribuição, porém devido à exploração indiscriminada encontra-se na lista oficial das espécies da flora brasileira ameaçadas de extinção. A araucária atinge entre 10 a 35m e interage intensamente com a fauna, constituindo um elemento muito importante para a dispersão das sementes. Entre estes animais destacam-se os roedores e as aves.
- O Pau Brasil, *Caesalpinia echinata*, da família Leguminosae é uma árvore nativa da Mata Atlântica brasileira, com o tronco recoberto de espinhos, de crescimento lento, podendo chegar a 30 m de altura. Atualmente o pau-brasil é uma espécie ameaçada de extinção, que é dificilmente encontrada em seu habitat natural. Esta escassez se deve à intensa exploração que sofreu no passado, quando sua madeira era utilizada para extração de corantes. Apesar disso está sendo largamente utilizada no paisagismo urbano, devido às suas qualidades ornamentais, e é comum sua aplicação em parques públicos e amplos jardins residenciais.
- O Cedro, *Cedrela fissilis*, é uma espécie rara, que ocorre em diversas formações florestais brasileiras e praticamente em toda América tropical. É árvore frondosa, com altura variando entre 10 e 25m, e produz uma das madeiras mais apreciadas no comércio, tanto brasileiro quanto internacional, por ter coloração semelhante ao mogno e, entre as madeiras leves, é uma das que possibilita o uso mais diversificado, sendo superada apenas pela madeira do pinheiro-do-paraná.

A vegetação ornamental catalogada é composta de grande variedade de espécies. Dentre estas destaca-se a família Palmae, cujos representantes são as palmeiras. Flexíveis e imponentes, porém de crescimento lento, estas plantas toleram adversidades como a salinidade do solo e ventos fortes e ainda são plantas elegantes e ao mesmo tempo rústicas cujos ricos frutos atraem muitos pássaros. Outra família bem representada é a Liliaceae, cujos representantes são comumente utilizados para a ornamentação de parques e praças públicas.

Gramineas e ciprestes completam ainda a ornamentação da praça. Nota-se que as plantas ornamentais que compõem os jardins são padronizados pela repetição mais ou menos constante das mesmas espécies. Também se observa o emprego muito reduzido de espécies brasileiras.

12. Uso	Uso sem restrições à visitação pública.
O parque é um espaço social que funciona como local de recreação, de ponto de encontro, de tomada de decisão de interesses da comunidade, de convívio à natureza, de execuções de pequenos espetáculos, ofícios religiosos, comércio, dentre outros. Além disso, representa uma forma de adquirir referência espacial de orientação na cidade, como também representa a sua história e momento político atual.	

13. Aspectos Físicos	---
13.1. Unidade Geomorfológica	
13.2.a) Altitude	456m acima do nível do mar
13.2.a) Clima	Mesotérmico
13.2. Vegetação	
13.3. Hidrografia	---
13.3.a) Bacia	Bacia do Paraíba do Sul
13.3.b) Rio(s)	Rio do Cágado
13.3.c) Curso d'água mais próximo	Ribeirão São João
13.3.d) Distância	
14. Proteção Legal Existente	Não possui.
15. Proteção Proposta	Tombamento Municipal. As diretrizes por sua vez, baseiam-se nas seguintes leis: Lei Nº7.803, de 18 de julho de 1989, que dispõe sobre as áreas de preservação permanente. Código Florestal - Lei nº 4.771/65, que estabelece a criação de Áreas de Preservação Ambiental (APA), Áreas de Preservação Permanente (APP) e ou Zoneamento Ecológico-Econômico (ZEE).
16. Grau de Integridade do Patrimônio	---
16.1. Praça Barão de Ayuruoca	<input checked="" type="checkbox"/> Excelente <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Péssimo

16.2. "Edificado" *

Excelente Bom Regular Pésimo

17. Análise do Grau de Integridade

O Conjunto Paisagístico Natural do Parque apresenta-se em um bom estado de conservação e manutenção das espécies vegetais, favorecendo o abrigo da fauna, além de contribuir para a melhoria do ar e conseqüentemente para o aumento da qualidade de vida da população de Mar de Espanha.

17. Medidas de Conservação

Como medidas de conservação podem-se destacar a limpeza diária, a capina nos canteiros, a substituição periódica de mudas (plantas com flores), a irrigação freqüente das espécies vegetais, além de podas e adubação das mesmas quando necessário. Demais intervenções devem ser fundamentadas em critérios técnico-científicos mediante projeto previamente elaborado por profissional competente e devem ser submetidos à apreciação do Conselho do Patrimônio Cultural da cidade de Mar de Espanha. Posteriormente, também serão necessários estudos mais aprofundados sobre a composição vegetal em termos quantitativos e qualitativos.

O Parque mostra-se como local propício para a aplicação de metodologias em educação ambiental. Medidas simples como a confecção de placas educativas podem gerar resultados rápidos, orientando e ampliando as noções de preservação ambiental da população. Para chamar a atenção dos visitantes, estas placas devem conter informações acerca da condição da espécie quanto à ameaça de extinção, o nome científico e popular da espécie, a distribuição geográfica, o tipo de hábitat onde a espécie ocorre, entre outras.

Por fim, deverá ser licenciada obrigatoriamente pela Prefeitura Municipal de Mar de Espanha, e pelos Órgãos Ambientais Estaduais, qualquer empreendimento/atividade industrial ou empresarial, que for instalada nos limites dos Perímetros do Bem e do Entorno, visando não afetar a integridade do Conjunto Natural e Paisagístico do Parque José Schettino.

18. Referências Bibliográficas

GIL, Francisco de Assis Lima. Município de Mar de Espanha. Formação Administrativa e Judiciária. In: *Sinopse Estatística do Município de Mar de Espanha*. 1951. Espaço Cultural Fallabela.

Livro da lei Mineira. 1851, Tomo XVII. Arquivo Público Mineiro.

Mar de Espanha. Além Paraíba. Edição Especial, 2005. Espaço Cultural Fallabela.

O MARDESPANHENSE, 1930. Espaço Cultural Fallabela.

Plano Diretor Participativo de Mar De Espanha. Mar de Espanha/ MG. 2006.

Relatório Apresentado à Câmara Municipal de Mar de Espanha pelo seu presidente e agente executivo Dr. Enéas Câmara no exercício de 1920. Arquivo Público Mineiro (42, FM, 352, M, Caixa 11b).

Relatório Apresentado à Câmara Municipal de Mar de Espanha pelo seu presidente e agente executivo Dr. Agostinho Cesário de Figueiredo no exercício de 1895. Rio de Janeiro: Companhia. Imprensa, 1896. Arquivo Público Mineiro. (40, FM, 352, M, Caixa 11b).

Revista Mar de Hespanha. Setembro de 1928. Espaço Cultural Fallabela.

SILVA, José Wernweck da. *A propósito do Centenário de Mar de Espanha*. In: *Sinopse Estatística do Município de Mar de Espanha*. 1951. Espaço Cultural Fallabela.

Sinopse estatística do Município de Mar de Espanha. Estado de Minas Gerais. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1948. Arquivo Público Mineiro. (41, FM, 318, B, Caixa. 11a).

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Rachel de Castro. *Paisagem Urbana e Espaço Público: um estudo de duas praças de Belo Horizonte*. BH. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Dissertação de mestrado, 2001.

COSTA, Emilia Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. SP: Grujalbo, 1977.

COSTA, Antônio Gilberto; RENGER, Friedrich Ewald; FURTADO, Júnia Ferreira; SANTOS, Márcia Maria Duarte dos. *Cartografia das Minas Gerais. Da Capitania à Província*. BH: Editora da UFMG.2002.

FALABELLA, Nicola. *Antes Que a Luz se Apague*. Belo Horizonte: Editora Gráfica L&L. 2003.

FERREIRA, Jurandy Pires (org.) *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1959, Vol XXVI.
da Mata. BH: Imprensa oficial, 1987.

LEMOS, Celina Borges. *Sylvio de Vasconcellos - Arquitetura, Arte e Cidade - textos reunidos*. BDMG, BH. 2004.

MERCADANTE, Paulo. *Os Sertões do Leste: Estudo de uma região: A Mata Mineira*. RJ: Zahar. 1973.

MOREL, Marco & BARROS, Mariana Monteiro de. *Palavra, Imagem e Poder. O surgimento da imprensa no Brasil no século XIX*. RJ: DP&A Editora, 2003.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadros da Arquitetura no Brasil*. São Paulo. Ed. Perspectiva, 1970.

RIBEIRO, Armando Vidal Leite. *Família Vidal Leite Ribeiro: Genealogia e reminiscências*. RJ: Editora Sul Americana, 1960.

SILVEIRA, Victor (org.) *Minas Gerais em 1925*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial,1926.

TASSI, Cristiane Rezende S.; SIMAO, Deisy Mercês; MARTINS, Denise Lima; FULCO, Luzia Aparecida; MALINCONICO, Márcia C. S. *História Política do Município de Mar de Espanha*. Mar de Espanha, 2005. Brochura.

TEMPONI, César de Castro. *Transformação Urbana de Mar de Espanha*. In: *O Fato*. Suplemento Especial. Maio de 1989

VANNI, Julio César. *Sertões do Rio Cágado. Origem de Povoados, Vilas, Cidades que integram a bacia hidrográfica do Rio Cágado*. Editora Comunitá. 2002.

VASCONCELLOS, Sylvio de. *Mineiridade - ensaio de caracterização*. Imprensa Oficial, BH. 1968.

LORENZI, H.; SOUZA, H. M. *Plantas ornamentais no Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras*. 3 ed. São Paulo: Editora Plantarum. 2001.

LORENZI, H. *Árvores Brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Editora Plantarum 2002.

19. Informações Complementares Sem referência.

20. Ficha Técnica		---
20.1. Levantamento Maio - 2008	Nelson Carlos Bregunci de Mendonça Biólogo Catherine F. A. Horta Arquiteta e Urbanista – CREA 70.189/D	
20.2. Elaboração Maio e Junho – 2008.	Nelson Carlos Bregunci de Mendonça Biólogo Catherine F. A. Horta Arquiteta e Urbanista – CREA 70.189/D	
20.2. Revisão 2008	Catherine F. A. Horta Arquiteta e Urbanista – CREA 70.189/	

LAUDO TÉCNICO DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO
CONJUNTO PAISAGÍSTICO

(CP)

EX. 2010 | 01

Prefeitura Municipal de Mar de Espanha – MG

Parque José Schettino

Identificação do Bem	Parque José Schettino
Município	Mar de Espanha– MG
Distrito	Sede
Localização	21°52'06.61" latitude sul 43°00'33.68" longitude oeste
Logradouro Público Acesso	BR 040, BR 116, MG 126
Data Tombamento	Abril 2008
Data Dossiê Enviado ao IEPHA	Abril 2008
Obras de Restauração em Andamento	<input type="checkbox"/> SIM <input checked="" type="checkbox"/> NÃO
Projeto Aprovado Lei de Incentivo à Cultura	<input type="checkbox"/> SIM <input checked="" type="checkbox"/> NÃO
	Em caso positivo: <input type="checkbox"/> Lei Federal <input type="checkbox"/> Lei Estadual <input type="checkbox"/> Outra
Responsável Técnico	Catherine Fonseca.A. Horta CREA:70.189/D
Documentação Fotográfica	Fotografia digital, 5.1 megapixel. Nelson Carlos Bregunci de Mendonça Catherine Fonseca Alves Horta
Fotógrafa Data	Março / 2009

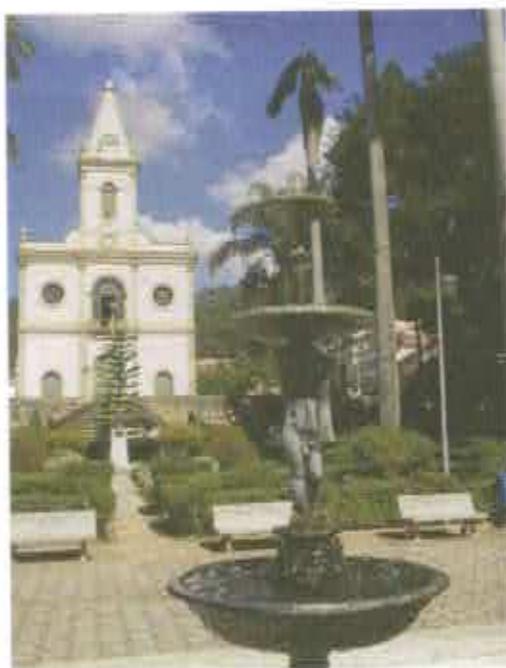


Foto 01- Parque José Schettino
Município de Mar de Espanha - MG

1. VIA	ESTADO DE CONSERVAÇÃO		
	BOM (%)	REGULAR(%)	RUIM, NECESSITA INTERVENÇÃO (%)
	100%	---	---
1.1 PAVIMENTAÇÃO DA VIA			
TIPO	(X)	PAVIMENTAÇÃO ORIGINAL	
Pedra portuguesa	X	Sim X	Não
paralelepípedo	X	Data da modificação	
bloco sextavado	X		
asfalto	---		
terreno compactado	---		
cobertura vegetal	---		
DESCRIÇÃO			
<p>O parque apresenta as vias internas revestidas por blocos sextavados em toda sua extensão com exceção de um pequeno trecho que dá acesso ao busto em homenagem a Juscelino Kubitschek que é em paralelepípedo. O passeio no entorno do parque é em pedras portuguesas e as vias de circulação em volta do mesmo em paralelepípedo. Todas estas vias apresentam bom estado de conservação sem apresentar perdas ou recalques.</p>			
DANOS VERIFICADOS			
<p>Todas estas vias apresentam bom estado de conservação sem apresentar perdas ou recalques.</p>			



Foto 02 - Parque José Schettino
 Detalhe das vias internas revestidas por blocos sextavados
 Município de Mar de Espanha - MG



Foto 03 - Parque José Schettino
 Detalhe do acesso ao Busto em homenagem a Juscelino Kubitschek em paralelepípedo.
 Município de Mar de Espanha - MG



Foto 04 - Parque José Schettino
 Detalhe do entorno do parque em pedra portuguesa
 Município de Mar de Espanha - MG



Foto 05 - Parque José Schettino
 Detalhe das vias de circulação em paralelepípedo
 Município de Mar de Espanha - MG

1.2 SINALIZAÇÃO

TIPO	(X)	PADRONIZAÇÃO
Placas indicativas	X	Sim Não X Data da modificação
Placas turísticas interpretativas		
Placas de logradouro		
Placas de trânsito	X	

DESCRIÇÃO

No passeio do Parque foram verificadas várias placas indicativas de comércio e serviços prestados no município. Além destas existem placas de trânsito, também no passeio do Parque. Não foram verificadas placas indicativas da localização do Parque. No interior do Parque foram verificadas várias placas comemorativas e de identificação de monumentos integrados.

DANOS VERIFICADOS N/P

Nas placas comemorativas foi verificada a presença de oxidação e sujidades. Nas placas indicativas de comércio, serviços e de trânsito foram verificadas sujidades aderidas às mesmas.



Foto 06 - Parque José Schettino
 Placas Comemorativas
 Município de Mar de Espanha - MG



Foto 07 - Parque José Schettino
Placas indicativas de serviços
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 08 - Parque José Schettino
Placas Comemorativas
Município de Mar de Espanha - MG

1.3 DRENAGEM PLUVIAL	ESTADO DE CONSERVAÇÃO		
	BOM (%)	REGULAR(%)	RUIM, NECESSITA INTERVENÇÃO (%)
	80%		20%
TIPO	(X)		(X)
Superficial (sarjeta, canaleta)		Subterrânea (boca de lobo)	X
DESCRIÇÃO: A drenagem é subterrânea sendo realizada através de bocas de lobo localizadas próximas ao passeio da praça. O Parque apresenta grandes áreas de solo natural que também funcionam como drenagem das águas pluviais.			
DANOS VERIFICADOS: Algumas grades da boca de lobo se encontram danificadas deixando o sistema de drenagem parcialmente aberto.			



Foto 09 - Parque José Schettino
 Detalhe da Boca de lobo danificada
 Município de Mar de Espanha - MG

1.4 CONDIÇÃO DE CIRCULAÇÃO DA VIA	ESTADO DE CONSERVAÇÃO		
	BOM	REGULAR (%)	RUIM, NECESSITA INTERVENÇÃO (%)
	80%	20%	
1.4.1 TRÂNSITO – INTENSIDADE DE FLUXO	(X)	IMPACTOS NEGATIVOS DO TRÂNSITO SOBRE O BEM TOMBADO	
Intenso		Sim	Não X
Moderado	X	QUAIS:	
Pequeno			
<p>DESCRIÇÃO: O trânsito no entorno do Parque é moderado sendo realizado por veículos de pequeno e médio porte além de motos e bicicletas. Na lateral do parque funciona um estacionamento privativo da polícia.</p>			
<p>DANOS VERIFICADOS: Não foram verificados danos ao Parque provocados pelo trânsito.</p>			



Foto 10 - Parque José Schettino
 Detalhe do estacionamento privativo da polícia
 Município de Mar de Espanha - MG

1.4.2 TIPO DE VEÍCULO	(%)	(%)	
Ônibus	---	Motocicleta	20%
Micro-ônibus	---	Bicicleta	30%
Caminhão	---	Carroça	---
Carro de passeio	40%	Kombi / Van	10%



Foto 11 - Parque José Schettino
 Tráfego de bicicletas
 Município de Mar de Espanha - MG

1.5 ARBORIZAÇÃO DAS VIAS		(X)	
Intensa		OBSTRUÇÃO DA VISIBILIDADE DOS IMÓVEIS:	
Regular	X		
Nenhuma			
		Sim	Não X
DESCRIÇÃO: A vegetação no entorno do Parque é composta por árvores de pequeno porte e espaçadas.			
DANOS VERIFICADOS: Não foram verificados danos.			



Foto 12 - Parque José Schettino
 Detalhe da arborização no entorno do Parque
 Município de Mar do Espanha - MG

2. PASSEIO	ESTADO DE CONSERVAÇÃO		
	BOM (%)	REGULAR(%)	RUIM, NECESSITA INTERVENÇÃO (%)
	100%		
2.1 PAVIMENTAÇÃO	(X)		(X)
Cimentado		Pedra (especificar o tipo)	
Calçada portuguesa	X	Terra compactada	
Ladrilho hidráulico / Cerâmica		Outros	
DESCRIÇÃO			
Todo passeio é revestido por pedras portuguesas.			
DANOS VERIFICADOS			
Não foram verificados danos no passeio.			

2. 2. CIRCULAÇÃO DE PEDESTRES	ESTADO DE CONSERVAÇÃO		
	BOM (%)	REGULAR(%)	RUIM, NECESSITA INTERVENÇÃO (%)
	20%	40%	40%
2.2.1 CONDIÇÕES CIRCULAÇÃO	(X)		(X)
Acessibilidade por rampas		Sinalização para pedestres	
Obstáculos à passagem de pedestres		Faixas de travessia	
DESCRIÇÃO			
Alguns acessos laterais ao Parque são realizados por escadarias. Internamente, os pisos que apresentam cota de níveis diferentes são interligados por escadarias sem rampas dificultando a acessibilidades de pessoas com dificuldades de locomoção, inclusive o acesso à Igreja. Não foram verificadas rampas de acesso.			
DANOS VERIFICADOS			
As escadarias de acesso ao Parque se encontram em bom estado não apresentando danos.			



Foto 13 - Parque José Schettino
Escadaria de acesso ao Parque
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 14 - Parque José Schettino
Escada de acesso à Igreja
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 15 - Parque José Schettino
Escada que liga níveis diferentes na parte interna do Parque
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 16 - Parque José Schettino
Escada que liga níveis diferentes na parte interna do Parque
Município de Mar de Espanha – MG

2.3 MOBILIÁRIO URBANO		(X)	(X)
Iluminação pública	X	Telefone público	
Banco	X	Parada de ônibus c/ abrigo	
Lixeira	X	Monumento	X
Caixa de correio		Chafariz	X
DESCRIÇÃO			
O mobiliário urbano é composto por bancos em concreto espalhados em todo o parque. Estes bancos foram doados por comerciantes e famílias importantes do município, constando o nome do doador ou do comércio responsável pela doação. Também foram verificadas várias lixeiras instaladas em toda a extensão do parque.			
DANOS VERIFICADOS Não foram verificados danos.			



Foto 17 - Parque José Schettino
Fonte
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 18 - Parque José Schettino
Banco e lixeira
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 19 - Parque José Schettino
Monumento à Bíblia
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 20 - Parque José Schettino
Monumento a Juscelino Kubitschek
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 21 - Parque José Scheetino
Equipamento de Iluminação
Município de Mar de Espanha – MG



Foto 22 - Parque José Scheetino
Banco
Município de Mar de Espanha – MG



Foto 23 - Parque José Scheetino
Viveiro de Pássaros
Município de Mar de Espanha – MG



Foto 24 - Parque José Scheetino
 Poste de iluminação
 Município de Mar de Espanha – MG



Foto 25 - Parque José Scheetino
 Cruzeiro instalado no adro da Igreja
 Município de Mar de Espanha – MG

2.4 USOS DO PASSEIO

TIPO	(X)		(X)
Vendedores ambulantes	—	Exposição de mercadorias na calçada	—
Mesas e cadeiras (bares, lanchonetes e similares)	—	Outros	X
Veículos na calçada	—		
DESCRIÇÃO:			
O passeio é utilizado por moradores das proximidades do Parque para caminhadas diárias, passeios com crianças.			
DANOS VERIFICADOS: Não foram verificados danos no passeio.			

3. IMAGEM URBANA	ESTADO DE CONSERVAÇÃO		
	BOM (%)	REGULAR(%)	RUIM, NECESSITA INTERVENÇÃO (%)
	90%	10%	
3.1 POLUIÇÃO AMBIENTAL			
3.1.1 POLUIÇÃO VISUAL			
TIPO	(X)		
			(X)
Outdoor		Pichação	
Painel eletrônico		Postes e fiação aparente	
Placas de propaganda	X	Outros	
Faixas ou cartazes			
DESCRIÇÃO			
Foram encontradas no Parque faixas com propagandas de alerta à população sobre os perigos da dengue, propagandas de vacinação contra a gripe e placas da Polícia Militar, propagandas de comércios, produtos e de trânsito.			
DANOS VERIFICADOS			
s/r			



Foto 26 - Parque José Schettino
Relógio instalado no passeio lateral da praça. À esquerda, uma faixa provisória para campanha de vacinação.
Município de Mar de Espanha – MG



Foto 27 - Parque José Schettino
Faixa provisória para campanha de vacinação prejudicando a visualização do bem integrado.
Município de Mar de Espanha – MG



Foto 28 - Parque José Scheetino
Faixa provisória para campanha de vacinação fixadas nas árvores do parque.
Município de Mar de Espanha – MG



Foto 29 - Parque José Scheetino
Faixas provisórias no entorno do Parque.
Município de Mar de Espanha – MG

3.1.2 POLUIÇÃO SONORA

TIPO	(X)		(X)
Ruído de fundo	—	Outros (local)	X
Ruídos intermitentes	—		

DESCRIÇÃO

A poluição sonora corresponde ao trânsito local, de baixa incidência.

DANOS VERIFICADOS s/r

3.1.3 POLUIÇÃO ATMOSFÉRICA

TIPO	(X)		(X)
Emissão de gases (veículos e/ou indústrias)	X	Outros	
Emissão de partículas			

DESCRIÇÃO

A única fonte de poluição identificada no entorno do parque é a emissão de gases poluentes pela queima de combustível dos veículos que transitam no local.

DANOS VERIFICADOS Os danos provocados pelos gases é a deposição de fuligem nas folhas da vegetação.

3.1.4 POLUIÇÃO – LIXO | RESÍDUOS SÓLIDOS

TIPO	(X)		(X)
Doméstico	X	Acondicionado	X
Industrial	---	Exposto	---
Hospitalar	---	Outros	X
Entulho	---		

DESCRIÇÃO

O lixo encontrado no Parque é produzido pelos freqüentadores e transeuntes, além das folhas caídas das árvores que compõem a ambiência do Parque. Este lixo é acondicionado em sacos e recolhidos pelos funcionários da prefeitura. O parque é guarnecido por várias lixeiras.

DANOS VERIFICADOS

Não foram encontrados lixos espalhados ou jogados pelo Parque. Encontramos apenas folhas em pequenas quantidades caídas das árvores.

3.2 EDIFICAÇÕES

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

BOM	REGULAR (%)	RUIM, NECESSITA INTERVENÇÃO (%)
70%	10%	20%

DANOS VERIFICADOS

As edificações localizadas dentro do parque são uma igreja, uma pequena ponte que liga duas extremidades do parque e um coreto. Foram identificados no coreto infiltrações na laje de teto, musgos, manchas de umidade, sujidades e pintura com descolamento. A ponte apresenta muitas manchas de umidade e musgos, além de estar com a pintura muito suja. As muretas dos canteiros apresentam muitas sujidades. A edificação da Igreja apresenta bom estado de conservação.



Foto 30 - Parque José Schettino
Ponte que liga as duas extremidades do parque. Notar as sujidades acumuladas, manchas de umidade e musgos.
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 31 - Parque José Schettino
Coreto edificado no interior do parque.
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 32 - Parque José Schettino
Escada de acesso ao coreto com pintura em desprendimento e com sujidades aderidas.
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 33 - Parque José Schettino
Marcas de infiltração na laje de teto do Coreto.
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 34 - Parque José Schettino
Acesso ao portão do Coreto com manchas de umidade, lodo e oxidação no portão de acesso.
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 35 - Parque José Schettino
Edificação do santuário de Nossa Senhora das Mercês em excelente estado de conservação.
Município de Mar de Espanha - MG

3.2.1 ESTILO	(X)	INTEGRO MODIFICADO X
Colonial		
Eclético	X	
Art-Nouveau		
Art-Déco		
Moderno		
Pós-moderno		
Outros		
DESCRIÇÃO		
<p>A concepção básica do projeto do Parque foi ter uma alameda central, no sentido leste/oeste, em nível, para que as pessoas possam se reunir, passear ao longo dessa alameda, etc. Essa alameda central é dividida em duas partes, separadas no meio por um chafariz. O acesso a essa alameda central, que é o ponto nevrálgico do Parque, se faz por alamedas secundárias e escadas, partindo de nove pontos diferentes do seu entorno. Integrado ao parque, a igreja apresenta partido em planta retangular, e volumetria em dois pavimentos. Sua fachada é simétrica e apresenta torre única ao centro. No pavimento térreo apresenta uma portada principal e duas portas laterais. Os vãos são retangulares com verga superior em arco pleno. Sobre a portada principal localiza-se, na altura do segundo pavimento, uma porta com sacada guarnecida com peitoril em grade metálica. A porta apresenta quatro folhas de abrir com caixilhos e vidro. Ladeando esta porta, duas janelas em formato circular guarnecidas por caixilhos e vidros. Todos os vãos possuem moldura em argamassa. Apresenta cimalha em argamassa na altura do telhado, na parte inferior da platibanda. Ao centro da platibanda um relógio e a torre que se desenvolve verticalmente tendo em seu centro uma janela do tipo seteira e coroamento.</p>		
DANOS VERIFICADOS		
<p>Foram identificados no coreto infiltrações na laje de teto, musgos, manchas de umidade, sujidades e pintura com descolamento. A ponte apresenta muitas manchas de umidade e musgos, além de estar com a pintura muito suja. As muretas dos canteiros apresentam muitas sujidades. A edificação da Igreja apresenta bom estado de conservação.</p>		

3.2.2 VOLUMETRIA | ALTURA DAS EDIFICAÇÕES

TIPO	(X)	(X)
Conjunto homogêneo	X	Altura e volumetria variadas

DESCRIÇÃO

A edificação de maior volumetria no conjunto é a Igreja de Nossa senhora das Mercês. As demais construções no interior do parque são o coreto, uma pequena ponte, viveiro e alguns monumentos integrados. No entorno do parque edificações de pequeno e médio porte.

DANOS VERIFICADOS

Nenhum dano foi verificado.



Foto 36 - Parque José Schettino
Edificações no entorno do parque.
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 37 - Parque José Schettino
Edificações no entorno do parque.
Município de Mar de Espanha – MG

3.2.3 OCUPAÇÃO DO LOTE

POSIÇÃO DAS EDIFICAÇÕES	(X)	(X)
No alinhamento		Com quintal
Com afastamento frontal	X	Lotes vagos
Com afastamentos laterais		

DESCRIÇÃO

A edificação de maior porte localizada no parque é a igreja que está implantada na extremidade do mesmo. Ela ocupa uma posição de destaque uma vez que está implantada na cota de nível mais elevada do parque. As demais construções estão espalhadas no interior do parque.

DANOS VERIFICADOS

Não foram verificados.

4. PRAÇAS E PARQUES	ESTADO DE CONSERVAÇÃO		
	BOM (%)	REGULAR(%)	RUIM, NECESSITA INTERVENÇÃO (%)
	90%	10%	
DESCRIÇÃO	<p>A concepção básica do projeto do Parque foi ter uma alameda central, no sentido leste/oeste, em nível, para que as pessoas possam se reunir, passear ao longo dessa alameda, etc. Essa alameda central é dividida em duas partes, separadas no meio por um chafariz. O acesso a essa alameda central, que é o ponto nevrálgico do Parque, se faz por alamedas secundárias e escadas, partindo de nove pontos diferentes do seu entorno. O Parque é formado por uma área verde comum entre as diversas alamedas. Nestas áreas têm-se grandes árvores da flora nacional e exótica e canteiros compostos de diversas plantas ornamentais. As espécies de árvores identificadas são em geral exóticas tendo como atrativos o rápido crescimento, a beleza de sua floração, ou outro importante aspecto biológico como produção de frutos e sementes que podem atrair a vida silvestre local. Algumas árvores além da importância ecológica para a avifauna, servem ainda de abrigo e de alimento a preguiças de três dedos; <i>Bradypus variegatus</i>.</p>		
DANOS VERIFICADOS	<p>Não foram verificados</p>		



Foto 38 - Parque José Schettino
 Vista geral do parque.
 Município de Mar de Espanha - MG

4.1 TIPO DE USO	(X)
Lazer	X
Esporte	X
Eventos cívicos	

DESCRIÇÃO

O Parque está localizado em uma área de grande fluxo de pessoas por apresentar em seu entorno, residências, igreja, escola, bancos e comércios. O parque é utilizado para caminhadas por parte de moradores das proximidades, além de ser um local de convivência da comunidade.

DANOS VERIFICADOS

Nenhum dano foi verificado

4.2 COBERTURA VEGETAL

TIPO	(%)
Gramínea	05%
Arbusto	35%
Árvore	20%
Outros - mata	40%

DESCRIÇÃO

A cobertura vegetal predominante que se pode notar é formada por árvores de grande porte. Estas ornamentam, produzem sombra, diminuem a amplitude térmica, amenizam a poluição sonora e do ar, abrigam pássaros, bichos preguiças e atraem outros animais pequenos mantendo um certo equilíbrio natural. As plantas herbáceas e arbustivas são em grande maioria exóticas e compõem todos os jardins da praça enquanto as gramíneas estão presentes protegendo o solo da exposição e ornamentando alguns dos jardins.

DANOS VERIFICADOS

Não foram verificados.



Foto 39 - Parque José Schettino
Detalhe da cobertura vegetal.
Município de Mar de Espanha - MG.



Foto 40 - Parque José Schettino
Detalhe da cobertura vegetal.
Município de Mar de Espanha - MG.

4.3 PAISAGISMO

TIPO	(%)
Jardim / Vegetação	100%
Pérgula	
Pavimentação (tipo de material)	
Iluminação	100%
Chafariz	
Fonte	55%
Monumentos	

DESCRIÇÃO

A vegetação do parque é formada por uma área verde comum entre as diversas alamedas. Nestas áreas têm-se grandes árvores da flora nacional, como o Cedro, Araucária, Pau ferro e Pau Brasil, e também da flora exótica além de canteiros compostos de diversas plantas ornamentais.

DANOS VERIFICADOS

Falta de podas nas árvores de maior porte.



Foto 41 - Parque José Schettino
Detalhe do projeto paisagístico do parque.
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 42 - Parque José Schettino
 Detalhe do projeto paisagístico do parque.
 Município de Mar de Espanha - MG

4.4 EQUIPAMENTOS E MOBILIÁRIO URBANO

TIPO	(%)
Estacionamento	100%
Guarita	—
Sinalização – placas e letreiros	—
Instalações de apoio	—
Instalações sanitárias públicas	—
Recreação	—
Coreto	65%
Banco	100%
Lixeira	100%
Para ônibus com abrigo	—
Correio	—
Telefone público	—
Outros	—

DESCRIÇÃO O parque não possui instalações sanitárias, abrigos para ônibus, brinquedos para recreação das crianças ou telefones públicos. Entre os mobiliários urbanos, o único que apresenta degradações é o coreto.

DANOS VERIFICADOS Foram identificados no coreto infiltrações na laje de teto, musgos, manchas de umidade, sujidades e pintura com descolamento. O mesmo precisa passar por intervenções a fim de recuperar sua integridade física.

5. CURSOS D'ÁGUA

TIPO	(%)
Natural	
Canal aberto	
Canal fechado	
Vegetação ciliar (margens)	
Limpeza das margens	
Lançamento de esgoto	
DESCRIÇÃO	
Não possui.	
DANOS VERIFICADOS	
Não possui.	

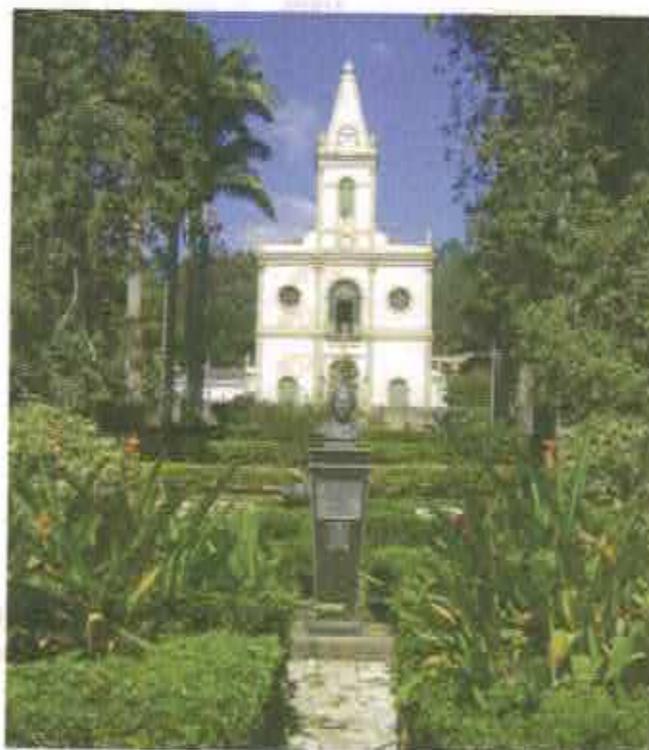


Foto 43 - Vista frontal do Parque José Schettino, com destaque para Matriz.

1. VEGETAÇÃO

RELEVANCIA PARA FAUNA		
ALTA (%)	MÉDIA (%)	BAIXA (%)
80%	20%	-----

DESCRIÇÃO

A vegetação do parque é formada por uma área verde comum entre as diversas alamedas. Nestas áreas têm-se grandes árvores da flora nacional, como o Cedro, Araucária, Pau ferro e Pau Brasil, e também da flora exótica além de canteiros compostos de diversas plantas ornamentais.

DANOS VERIFICADOS

Falta de podas nas maiores árvores.



Foto 44 - Vista de uma das alamedas do parque.
Município de Mar de Espanha - MG.



Foto 45 - Vista de uma das alamedas do parque.
Município de Mar de Espanha - MG.



Foto 46 - Vista de uma das alamedas do parque.
Município de Mar de Espanha - MG.



Foto 47 - Vista de uma das alamedas do parque
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 48 - Vista de uma das alamedas do parque
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 49 - Visão do jardim central, detalhe para Palmeiras Imperiais, *Roystonea oleracea*
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 50 - Visão de um dos jardins, detalhe para Palmeiras Fênix, *Phoenix roebelenii*
Município de Mar de Espanha - MG

1.1 TIPO COBERTURA VEGETAL (%)

Gramínea	05%
Herbáceas	35%
Arbusto	20%
Árvore	40%

DESCRIÇÃO

A cobertura vegetal predominante que se pode notar é formada por árvores de grande porte. Estas ornamentam, produzem sombra, diminuem a amplitude térmica, amenizam a poluição sonora e do ar, abrigam pássaros, bichos preguiças e atraem outros animais pequenos mantendo um certo equilíbrio natural. As plantas herbáceas e arbustivas são em grande maioria exóticas e compõem todos os jardins da praça enquanto as gramíneas estão presentes protegendo o solo da exposição e ornamentando alguns dos jardins.

DANOS VERIFICADOS s/r



Foto 51 – Vista do jardim central
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 52 – Jardim da Praça Barão de Ayumoca
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 53 – Nome comum: Ficus
Nome científico: *Ficus sp.*
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 54 – Nome comum: Cedro
Nome científico: *Cedrela fissilis*
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 55 – Nome comum: Pau-ferro
Nome científico: *Caesalpinia ferrea*
Município de Mar de Espanha, MG

1.2 VEGETAÇÃO ESPONTÂNEA

TIPO

Invasoras	
Trepadeiras ou lianas	(X)
Musgos	(X)
Líquens	(X)

DESCRIÇÃO

Nota-se em algumas árvores principalmente nas araucárias a presença de plantas trepadeiras. Os líquens são encontrados na maioria dos troncos de árvores estando associados diretamente com a qualidade de ar do ambiente. Já os musgos se proliferam nos canteiros dos jardins úmidos pelo sombreamento quase constante durante o dia.

DANOS VERIFICADOS

Plantas trepadeiras ou lianas podem competir por luz, aumentando as chances de queda de árvores pelo peso formado sobre a copa ou ainda provocar mortalidade das árvores por sufocamento da copa.



Foto 56 - Detalhe para trepadeiras no Pinheiro-do-Paraná, *Araucaria angustifolia*.
Município de Mar de Espanha - MG

1.3 RELEVANCIA DA VEGETAÇÃO

TIPO	(X)
Comunidades raras	
Plantas ameaçadas	X
Plantas ornamentais	X
Riqueza de espécies	

DESCRIÇÃO

Entre as árvores, o Pau Brasil e a Araucária encontram-se na lista oficial das espécies da flora brasileira ameaçadas de extinção. A vegetação ornamental é composta de grande variedade de espécies com destaque para a família Palmae.

DANOS VERIFICADOS



Foto 57 - Nome comum: Pau Brasil
Nome científico: *Caesalpinia echinata*
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 58- Nome comum: Paineira
Nome científico: *Chorisia xp*
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 59 – Nome comum: Helicônia
Nome científico: *Heliconia sp.*
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 60 – Nome comum: Palmeira Leque da China
Nome científico: *Livistona chinensis*
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 61 – Nome comum: Palmeira-leque
Nome científico: *Livistona chinensis*
Município de Mar de Espanha - MG



Foto 62 – Nome comum: Urumbeta
Nome científico: *Nopalea cochenillifera*
Município de Mar de Espanha - MG

2. SÍNTESE CONCLUSÃO	ESTADO DE CONSERVAÇÃO		
	BOM (%)	REGULAR(%)	RUIM, NECESSITA INTERVENÇÃO (%)
	80%	10%	10%

O Conjunto Paisagístico Natural do Parque José Schettino apresenta-se em um bom estado de conservação das espécies vegetais estabelecendo condições propícias e potenciais para o abrigo e refúgio da fauna local. No entanto fazem-se necessárias intervenções em obras para reconstrução de alguns canteiros e podas de algumas árvores para favorecer o crescimento de outras. Em relação as vias de circulação interna e equipamento e mobiliários urbano, todos se encontram em estado de conservação bom. Apenas o coreto precisa de uma reforma a fim de corrigir a infiltração em sua laje de cobertura. Faz-se necessário um projeto para promover a acessibilidade de pessoas com dificuldades de locomoção.



11-REFERÊNCIA DOCUMENTAL E BIBLIOGRÁFICA

GIL, Francisco de Assis Lima. Município de Mar de Espanha. Formação Administrativa e Judiciária. In: *Sinopse Estatística do Município de Mar de Espanha*. 1951. Espaço Cultural Fallabela.

Livro da lei Mineira. 1851, Tomo XVII. Arquivo Público Mineiro.

Mar de Espanha. Além Paraíba. Edição Especial, 2005. Espaço Cultural Fallabela.

O MARDESPANHENSE, 1930. Espaço Cultural Falabella.

Plano Diretor Participativo de Mar De Espanha. Mar de Espanha/ MG, 2006.

Relatório Apresentado à Câmara Municipal de Mar de Espanha pelo seu presidente e agente executivo Dr. Enéas Câmara no exercício de 1920. Arquivo Público Mineiro (42, FM, 352, M, Caixa 11b).

Relatório Apresentado à Câmara Municipal de Mar de Espanha pelo seu presidente e agente executivo Dr. Agostinho Cesário de Figueiredo no exercício de 1895. Rio de Janeiro: Companhia. Impressora, 1896. Arquivo Público Mineiro. (40, FM, 352, M, Caixa 11b).

Revista Mar de Hespanha. Setembro de 1928. Espaço Cultural Fallabela.

SILVA, José Wernwck da. *A propósito do Centenário de Mar de Espanha*. In: *Sinopse Estatística do Município de Mar de Espanha*. 1951. Espaço Cultural Fallabela.

Sinopse estatística do Município de Mar de Espanha. Estado de Minas Gerais. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1948. Arquivo Público Mineiro. (41, FM, 318, B, Caixa. 11a).

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Rachel de Castro. *Paisagem Urbana e Espaço Público: um estudo de duas praças de Belo Horizonte*. BH. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Dissertação de mestrado, 2001.

COSTA, Emilia Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. SP: Grujalbo, 1977.

COSTA, Antônio Gilberto; RENGER, Friedrich Ewald; FURTADO, Júnia Ferreira; SANTOS, Márcia Maria Duarte dos. *Cartografia das Minas Gerais. Da Capitania à Província*. BH: Editora da UFMG.2002.

FALABELLA, Nicola. *Antes Que a Luz se Apague*. Belo Horizonte: Editora Gráfica LÊ. 2003.

FERREIRA, Jurandyr Pires (org.) *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1959, Vol XXVI.
da Mata. BH: Imprensa oficial, 1987.

LEMOS, Celina Borges. *Sylvio de Vasconcellos - Arquitetura, Arte e Cidade - textos reunidos*. BDMG, BH. 2004.

MERCADANTE, Paulo. *Os Sertões do Leste. Estudo de uma região: A Mata Mineira*. RJ: Zahar. 1973.

MOREL, Marco & BARROS, Mariana Monteiro de. *Palavra, Imagem e Poder. O surgimento da imprensa no Brasil no século XIX*. RJ: DP&A Editora, 2003.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadros da Arquitetura no Brasil*. São Paulo. Ed. Perspectiva, 1970.

RIBEIRO, Armando Vidal Leite. *Família Vidal Leite Ribeiro: Genealogia e reminiscências*. RJ: Editora Sul Americana, 1960.

SILVEIRA, Victor (org.). *Minas Gerais em 1925*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial,1926.

TASSI, Cristiane Rezende S.; SIMAO, Deisy Mercês; MARTINS, Denise Lima; FULCO, Luzia Aparecida; MALINCONICO, Márcia C. S. *História Política do Município de Mar de Espanha*. Mar de Espanha, 2005. Brochura.

TEMPONI, César de Castro. Transformação Urbana de Mar de Espanha. In: *O Fato*. Suplemento Especial. Maio de 1989

VANNI, Julio César. *Sertões do Rio Cágado. Origem de Povoados, Vilas, Cidades que integram a bacia hidrográfica do Rio Cágado*. Editora Comunitá, 2002.

VASCONCELLOS, Sylvio de. *Mineiridade - ensaio de caracterização*. Imprensa Oficial, BH. 1968.

LORENZI, H.; SOUZA, H. M. *Plantas ornamentais no Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras*. 3 ed. São Paulo: Editora Plantarum. 2001.

LORENZI, H. *Árvores Brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Editora Plantarum 2002.



1. O presente documento tem por objetivo apresentar o resultado da avaliação do conjunto paisagístico do Parque José Schettino, localizada no município de São Paulo, Estado de São Paulo.

2. O conjunto paisagístico em questão possui características históricas, culturais e ambientais de grande importância para o município de São Paulo, sendo considerado um patrimônio cultural e ambiental de relevância nacional.

3. A avaliação foi realizada com base em critérios técnicos e científicos, considerando a importância histórica, cultural e ambiental do conjunto paisagístico, bem como a sua condição atual e a necessidade de preservação e recuperação.

4. Os resultados da avaliação indicam que o conjunto paisagístico do Parque José Schettino possui características de grande importância histórica, cultural e ambiental, sendo considerado um patrimônio cultural e ambiental de relevância nacional.

5. Com base nos resultados da avaliação, recomenda-se a implementação de medidas de preservação e recuperação do conjunto paisagístico do Parque José Schettino, visando garantir a sua integridade e a transmissão das suas características históricas, culturais e ambientais para as futuras gerações.



12. FICHA TÉCNICA

MGTM Ltda.

Av. Prudente de Moraes, 155 5º andar
Cidade Jardim | Tel./fax. (31) 3503 - 5900
Belo Horizonte - MG
metm@metm.com.br

CONSULTORIA TÉCNICA

Coordenação Geral - Rogério Stockler de Mello

Coordenação Técnica

Catherine F. A. Horta
Arquiteta e Urbanista - CREA: 70.189 | D

Keila P. Guimarães
Historiadora

LEVANTAMENTO | DATA: 2008 /2009

Catherine Fonseca Alves Horta
Arquiteta e Urbanista - CREA: 70.189 | D
MGTM Ltda.

Nelson Carlos B. de Mendonça
Biólogo
MGTM Ltda

Françoise Jean de Oliveira Souza
Historiadora
MGTM Ltda

ELABORAÇÃO | DATA: 2008 /2009

Catherine Fonseca Alves Horta
Arquiteta e Urbanista - CREA: 70.189 | D
MGTM Ltda.

Nelson Carlos B. de Mendonça
Biólogo
MGTM Ltda

REVISÃO | DATA: 2008 /2009

Equipe de Coordenação Técnica MGTM Ltda.

Prefeitura Municipal de Mar de Espanha

13.a PARECER TÉCNICO

O local onde atualmente está localizado o Parque José Schettine, corresponde à área de formação do povoado de Nossa Senhora das Mercês do Cágado, que surgiu a partir da construção da Capela dedicada à Nossa Senhora das Mercês, em 1820. A partir desta construção, o local onde anteriormente funcionava um rancho para pouso de tropeiros, transformou-se em um núcleo urbano abrigando construções que serviam de residências para os barões do café daquela época.

Ao longo dos anos, o Parque se transformou em elemento polarizador do Núcleo Histórico do Município, tendo em seu entorno imediato importantes construções como a Escola Estadual Estevão Pinto e o Paço Municipal.

A Praça Barão de Ayuroca, atualmente denominado Parque José Schettine configura-se como um elemento centralizador dos principais acontecimentos e manifestações culturais, sociais e religiosas, além de ser local de concentração de pessoas e das edificações referências, e, conseqüentemente, o ponto mais nobre e cobiçado da região. Estas constatações reforçam o papel do Parque José Schettine como elemento polarizador do Núcleo Histórico do município.

Partindo do pressuposto de que é preciso que o ato de preservação decorra de um juízo de valor sobre o significado cultural de determinada obra, como patrimônio de uma coletividade, que deve materialmente permitir-lhe a referência e a identidade, sugiro o tombamento do Parque José Schettine.

23 de abril de 2008

Catherine Fonseca Alves Horta
Arquiteta e Urbanista – CREA.: 70.189/D

CONSIDERAÇÕES

Este documento tem por objetivo apresentar o resultado das pesquisas realizadas para a elaboração do Projeto de Tombamento do Conjunto Paisagístico Parque José Schettino. O trabalho foi desenvolvido em etapas, a saber: levantamento bibliográfico, reconhecimento de campo, elaboração do Projeto de Tombamento e elaboração do Relatório de Tombamento. O presente documento apresenta o resultado das pesquisas realizadas para a elaboração do Projeto de Tombamento do Conjunto Paisagístico Parque José Schettino.

O presente documento apresenta o resultado das pesquisas realizadas para a elaboração do Projeto de Tombamento do Conjunto Paisagístico Parque José Schettino. O trabalho foi desenvolvido em etapas, a saber: levantamento bibliográfico, reconhecimento de campo, elaboração do Projeto de Tombamento e elaboração do Relatório de Tombamento.

O presente documento apresenta o resultado das pesquisas realizadas para a elaboração do Projeto de Tombamento do Conjunto Paisagístico Parque José Schettino. O trabalho foi desenvolvido em etapas, a saber: levantamento bibliográfico, reconhecimento de campo, elaboração do Projeto de Tombamento e elaboração do Relatório de Tombamento.



O presente documento apresenta o resultado das pesquisas realizadas para a elaboração do Projeto de Tombamento do Conjunto Paisagístico Parque José Schettino. O trabalho foi desenvolvido em etapas, a saber: levantamento bibliográfico, reconhecimento de campo, elaboração do Projeto de Tombamento e elaboração do Relatório de Tombamento.

Projeto de Tombamento

Projeto de Tombamento do Conjunto Paisagístico Parque José Schettino

13.b. PARECER DO CONSELHO







PREFEITURA MUNICIPAL DE MAR DE ESPANHA
Praça Barão de Ayunouca, 53 CEP: 36.642.000

NOTIFICAÇÃO DE TOMBAMENTO Nº.09

Ao Exmo. Sr. Joaquim José de Souza
Prefeito municipal de Mar de Espanha Proprietário/Responsável
pelo imóvel PARQUE JOSE SCHETTINO localizado à praça Barão
de Ayunouca, s/nº - Centro - Mar de Espanha/MG

Venho comunicar a V.S.ª, para os fins estabelecidos na Lei
Municipal nº 1142/06, que foi aprovada pelo Conselho Municipal de
Cultural deste município em reunião datada de vinte e três / abril de
2008, o tombamento provisório do Parque José Schettino e seu
entorno, localizado na Praça Barão de Ayunouca, Centro, Mar de
Espanha, Minas Gerais, este se enquadra no grau de proteção 01,
por seu valor histórico, arquitetônico, paisagístico e ambiental.
Solicito, pois, a V. Sª o obsequio de acusar o recebimento da
presente Notificação, assinando o recibo anexo e devolvendo-o a
este Conselho, bem como anuir ao tombamento ou oferecer, se o
quiser, as razões de sua impugnação no prazo de 15 (quinze) dias
contados a partir da data de recebimento desta correspondência.

Mar de Espanha, 25 de abril de 2008

Patrícia Gomes Alves de Souza
Presidente do Conselho Municipal de Cultura de Mar de Espanha



15.a. RECIBO / TOMBAMENTO PROVISÓRIO

 **PREFEITURA MUNICIPAL DE MAR DE ESPANHA**
Praça Barão de Ayuntosa, 53 CEP: 36.640-000

RECIBO

Recibi a Notificação nº 99 do Conselho Municipal de Cultura de Mar de Espanha referente ao tombamento do **PARQUE JOSÉ SCHETTINO** e seu entorno localizada à praça Barão de Ayuntosa, Centro, Mar de Espanha/MG, ficando ciente do mesmo.

Mar de Espanha 29 de abril de 2006


Assinatura do proprietário ou seu representante legal



16. ATA DE TOMBAMENTO DEFINITIVO

Ata de Reunião do Conselho Municipal de Cultura aos 17 dias do
setembro de 2008 em 9 horas reuniram-se na sala de reunião do
Lapso Cultural Talabella os membros do Conselho: Patricia Gomes
Alves de Souza, Maria Lygia Martins Pereira, Maria José dos
Santos Rebel, Maria Aparecida Sousa Martins, Maria Aparecida
Branatto Ucran, Rafael Bezerra Bastiani da Costa, Maria Adelaide
Temperini Soares, Norma Maria Ueira dos Reis, Suelda de Sá
e Souza, Neidimar Costa Ventura, Fernando Romão Pinheiro,
Regina de Souza Carvalho e Carlos Roberto Mendes, para deli-
berarem sobre o tombamento do Parque José Schettino e sua
entorno. O Conselho Municipal de Cultura reuniu-se em sua
totalidade, discutiu sobre a importância histórica do sítio
e seu entorno, o valor deste patrimônio cultural para a
cidade que registra neste local a identidade cultural do
povo de Mar de Espanha, a importância de preservar a história
e a preservação das construções do sítio, dos
contornos, implicações, variações, pontuações e aspectos
do ICMS Cultural e do arbor, após análise de projeto elaborado
pela empresa contratada pelo Município para assessoria
nos processos de tombamento e ICMS Cultural, empresa
M&M, o Conselho Municipal de Cultura aprova o Tombamento
definitivo conforme as diretrizes estabelecidas no decreto
nº 11 de 17 de setembro de 2008. Patricia
Gomes Alves de Souza, Neidimar Costa Ventura, Regina de
Souza Carvalho, Maria Lygia dos Reis, Maria José dos Santos

El presente informe tiene como finalidad describir el estado actual del sitio de estudio, así como los aspectos físicos, químicos y biológicos que caracterizan al ambiente. Se realizó una visita de campo el día 15 de mayo del 2010, con el fin de observar y registrar los datos necesarios para la elaboración del presente informe. El sitio de estudio se encuentra ubicado en el sector de La Guayana, estado Bolívar, Venezuela. El área de estudio es un sector de la zona costera, que se caracteriza por su belleza paisajística y su importancia turística. El sitio de estudio es un sector de la zona costera, que se caracteriza por su belleza paisajística y su importancia turística. El sitio de estudio es un sector de la zona costera, que se caracteriza por su belleza paisajística y su importancia turística.



18. DECRETO DE TOMBAMENTO DEFINITIVO



Prefeitura Municipal de Mar de Espanha

CEP: 36.640.000 – Estado de Minas Gerais

DECRETO DE EXECUTIVO MUNICIPAL N.º 21/2008

Ementa: "Que decreta o tombamento do Parque Jose Schettino e seu entorno, localizado na Praça Barão de Ayuruoca, Centro, Mar de Espanha/MG e contém outras providências."

O Prefeito Municipal de Mar de Espanha, Estado de Minas Gerais, no uso e gozo de suas atribuições legais e com fundamento no art. 57 inciso VI da Lei Orgânica Municipal, c/c a lei Municipal 1.142/2006, resolve baixar o seguinte
DECRETO:

Art. 1. Fica Tombado o **PARQUE JOSÉ SCHETTINO** e seu entorno situado à praça Barão de Ayuruoca, Centro, Mar de Espanha/MG por seu valor histórico, arquitetônico, paisagístico e ambiental

Art. 2º Este bem cultural fica sujeito às diretrizes de proteção estabelecidas pela Lei nº 1142/06, não podendo ser destruído, mutilado ou sofrer intervenções sem prévia deliberação do Conselho Municipal de Cultural de Mar de Espanha e aprovação da Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Turismo, Esporte, Lazer, Meio Ambiente e Obras.

Art. 3º Este decreto entra em vigor na data de sua publicação, valendo seus efeitos a partir de 15 de outubro de 2008.

Registre-se, Publique-se e Cumpra-se

Dado e passado neste paço municipal.

Aos 15 de outubro de 2008.


Joaquim José de Souza
Prefeito Municipal.

SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DO PARANÁ



19. INSCRIÇÃO NO LIVRO DE TOMBO

GAZAGUET, R.

DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE



Eu, abaixo assinado, declaro que sou o responsável legal pelo patrimônio tombado em nome de [nome do proprietário] e que estou ciente das obrigações estabelecidas no Decreto nº 35.638, de 1955, e no Decreto nº 35.639, de 1955, e que estou ciente das consequências legais de não cumprir com as mesmas.

Assinatura do responsável legal

Assinatura do responsável legal
[nome do responsável legal]

20. PUBLICAÇÃO



Prefeitura Municipal de Mar de Espanha
CEP: 36.640.000 – Estado de Minas Gerais

Declaramos para os devidos fins, que o tombamento relativo ao Conjunto Paisagístico Parque José Schettino foi divulgado no quadro da Prefeitura Municipal de Mar de Espanha - MG, entre os dias 25 de abril de 2008 e 02 de maio de 2008.

Mar de Espanha, 25 de abril de 2008


Joaquim José de Souza
Prefeito Municipal.